

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Letras

Kariny Cristina de Souza Raposo

**A COMPOSICIONALIDADE DO SIGNIFICADO:
entre enunciado, enunciação e experienciação linguística.**

Belo Horizonte
2011

Kariny Cristina de Souza Raposo

**A COMPOSICIONALIDADE DO SIGNIFICADO:
entre enunciado, enunciação e experienciação linguística.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Hugo Mari

Belo Horizonte
2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

R219c Raposo, Kariny Cristina de Souza
A composicionalidade do significado: entre enunciado, enunciação e
experienciação linguística. / Kariny Cristina de Souza Raposo. Belo Horizonte,
2011.
212f. : il.

Orientador: Hugo Mari
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Enunciação. 2. Semântica. 3. Linguística. I. Mari, Hugo. II. Pontifícia
Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras.
III. Título.

CDU: 800.855

Kariny Cristina de Souza Raposo

**A COMPOSICIONALIDADE DO SIGNIFICADO:
entre enunciado, enunciação e experiencição linguística.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Prof^a Dr^a Helena Maria Gramiscelli Magalhães – UFMG
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof^a. Dra. Mônica Santos de Souza Melo -UFV
Universidade Federal de Viçosa

Prof. Dr. Antoine Auchlin – UNIGE
Université de Genève
Orientador – PDEE

Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes – PUC Minas
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Prof. Dr. Hugo Mari
Orientador PUC Minas

Belo Horizonte, 15 de maio de 2011.

*À minha família: mãe, pai, irmãos,
avós, sem os quais eu nada seria.*

A HISTÓRIA DE UMA TESE

Eis que chegou o momento de expressar sinceros agradecimentos a muitos e tantos adorados familiares e amigos – tanto aos ‘velhos’ e queridos quanto aos que se revelaram ao longo desse tempo.

Sei que corro o grande risco de não dar conta desse ‘muitíssimo obrigada’ como é merecido, porque será difícil exprimir a beleza que foi esse movimento de energias e impulsos que foram chegando. Por tudo isso se destaca, também, para além da mera formalidade, *um sentido*: o da formação de verdadeiras amizades, muita solidariedade e de muito, muito afeto.

Para maior percepção desse sentido devo contar que esta não foi uma caminhada breve, em alguns momentos, parecia sem fim, principalmente pelas intercorrências pessoais de toda ordem, que me atropelaram. Esses percalços, longe de obscurecerem o trajeto, aumentaram-lhe o brilho. E, ao invés de me deterem, impulsionaram-me com mais força.

Se o desafio era enorme, as motivações eram grandiosas, somadas às espontâneas generosidades que fizeram possível a transformação de instantâneos momentos de angústia e sofrimento em momentos de busca de saberes. O interessante é que esses momentos sempre vieram carregados por um “feixe de possibilidades” que me fizeram aprender que uma tese, ou qualquer outro trabalho é a extensão da vida do autor. Então, para que algo de valor fosse produzido, eu precisaria primeiro criar algo de valor dentro de mim. Foi o que tentei fazer...

Por isso, talvez, esta TESE seja o resultado mais visível desse processo de construção em meio a uma associação de afetos e amizades. Dessa forma, dando continuidade à história, sei que ainda é só o começo, dedico algumas palavras àqueles que dela fazem parte direta ou indiretamente.

Meu muito obrigada,

- à CAPES e ao CNPq pelo apoio financeiro.
- ao professor Hugo Mari, o meu mestre da vida, pra toda minha vida.
- ao professor Dr. Antoine Auchlin pelo profissionalismo e competência com que me orientou durante meu doutorado PDEE.

- à Helena Gramiscelli que sempre me ouviu dizer: “quando crescer quero ser igual a você”. Mas percebo, querida Helena, que nunca vou conseguir ser igual a você, porque você não para de crescer e brilhar...
- a Cristina, Stefan e Bibi, pela amizade, carinho e dedicação com que receberam a mim e ao meu marido em Genebra.
- a todos os meus professores da PUC-Minas, em especial ao Professor Dr. Paulo Henrique, pela atenção, carinho e dedicação com que sempre atendeu aos meus apelos.
- ao meu marido, pela compreensão.

Resta esse constante esforço para caminhar dentro do labirinto. Esse eterno levantar-se depois de cada queda. Essa busca de equilíbrio no fio da navalha. Essa terrível coragem diante do grande medo, e esse medo Infantil de ter pequenas coragens. (VINÍCIUS DE MORÃES)

RESUMO

Longe de chegar ao fim, a discussão sobre o significado (So) suscita várias pesquisas. É, antes de tudo, uma questão filosófica, a qual não se pretende resolver. Entretanto, é de grande importância manter as pesquisas que desafiem deslocar os limites mais ou menos estáveis desse objeto. Essa tarefa, nada simples, coloca-se como um desafio aos semanticistas, dadas às dificuldades encontradas, de início, em relação ao próprio conceito de significado. Diante disso, o objetivo deste trabalho foi, por meio de um *corpus* previamente levantado, descrever a construção de sentidos nos chamados *Enunciados Proferidos por políticos* (EPPs) que, se lidos em apenas um plano de leitura veiculam apenas um sentido, mas, que se elaborados em um segundo plano revelam a polissemia que mobiliza outras significações na enunciação. Nesse sentido, é necessário considerar os deslocamentos de sentido nos EPPs a partir de outro instrumental descritivo, a saber, aquele que considera o sentido não apenas como construção composicional, mas também sócio-histórica. Isso quer dizer que, levando-se em conta o papel relevante da enunciação nas análises dos enunciados, significados que seriam normalmente considerados composicionalmente, poderiam assim não se configurar. Esses significados possuem denotativamente tal significação, porém, no uso da língua, eles seriam influenciados por diversos fatores sociais, históricos contextuais, pragmáticos e, em razão disso, 'atualizados'. Nesse sentido, pode-se dizer que o sujeito 'molda' o enunciado. Importa saber que mecanismos linguísticos estão implicados em tal molde, a organização a serviço de um dizer, já que os mecanismos apontados pelos estudos da gramática, e na maioria de algumas teorias linguísticas, não dão conta da língua submetida, ou analisada, à luz da enunciação. Para tanto, realizou-se uma sondagem sobre a construção do sentido nos EPPs que contou com a ajuda de 60 informantes que responderam a três questionários. Trata-se de um estudo exploratório que visou a levantar hipóteses e avaliar considerações sobre a relação entre os aspectos enunciativos (locutor, suporte, comentário da revista), e a construção do sentido dos enunciados. O propósito da investigação foi avaliar se aqueles aspectos enunciativos contribuíam para que os efeitos de sentido fossem 'percebidos' pelos informantes. Por meio desse procedimento, obteve-se uma visão, ainda que limitada, sobre os aspectos enunciativos que podem interferir na compreensão do sentido.

Palavras-chave: Sentido. Enunciação. Composicionalidade.

RESUMÉ

Loin d'être à sa fin, la discussion autour de la signification (So) suscite plusieurs recherches. Elle est avant tout, une question philosophique que nous n'avons pas l'intention de régler. Pourtant, nous croyons être essentiel, le maintien de recherches qui défient les déplacements des limites plus ou moins stables de cet objet. Cette tâche qui n'a rien de simple, s'impose comme un défi aux sémanticiens, vu les difficultés trouvées, d'abord, en ce qui concerne le concept même de signification. Face à tout cela, le but de ce travail est celui d'essayer la description, à travers un corpus préalablement soulevé, de la construction de sens dans les *Énoncés Proférés par les Hommes Politiques* (EPPs), que lus à travers un seul plan, ne véhiculent qu'un sens, mais lors d'une élaboration à partir d'un autre point de vue, ils révèlent la polysémie qui mobilise d'autres significations dans l'énonciation. De cette façon, nous devons considérer les déplacements de sens dans les EPPs à partir d'autre outil descriptif, à savoir, celui qui considère que le sens n'est pas que compositionnel, mais qu'il est construit de forme sociale et historique. Ceci veut dire que si l'on prend en compte le rôle important de l'énonciation dans les analyses des énoncés, certaines significations qui seraient normalement considérées compositionnellement, pourraient donc ne pas se montrer de cette façon. Ces significations possèdent de manière dénotative telle signification, mais dans l'utilisation de la langue, elles seraient influencées par de divers facteurs sociaux, historiques contextuels, pragmatiques et par conséquent, «actualisés». Donc on pourrait dire que le sujet «moule» l'énoncé. Il faut savoir que des mécanismes linguistiques sont impliqués dans cette organisation servant à un dire, puisque les mécanismes montrés par les études de la grammaire et par la plupart des théories linguistiques, ne rendent pas compte de la langue soumise ou analysée, à la lumière de l'énonciation. Dans ce but, on a réalisé un sondage à propos de la construction de sens dans les EPPs qui a compté sur l'aide de 60 informateurs répondant à trois questionnaires. Il s'agit d'une étude exploratoire qui visait soulever des hypothèses et évaluer les considérations sur la relation entre les aspects énonciatifs (locuteur, support, commentaire de la revue) et la construction du sens dans les énoncés. Notre intention a été donc celle d'évaluer si ces aspects énonciatifs contribuaient pour que les effets de sens soient «aperçus» par les informateurs. À travers cette procédure, nous avons obtenu une vision, bien que limitée, des aspects énonciatifs qui peuvent intervenir dans la compréhension du sens.

Mots clés : Sens . Énonciation . Compositionnalité.

LISTA DE ABREVIATURAS:

EI – EXPRESSÃO IDIOMÁTICA.

EPPS – ENUNCIADOS PROFERIDOS POR POLÍTICOS.

S – PRIMEIRO PLANO DE CONFIGURAÇÃO DE SENTIDO

S' – SEGUNDO PLANO DE CONFIGURAÇÃO DE SENTIDO.

CNS – CONDIÇÕES NECESSÁRIAS E SUFICIENTES.

SE – SIGNIFICANTE

SO – SIGNIFICADO.

EÃO – ENUNCIÇÃO

LOC – LOCUTOR

ALOC – ALOCUTÁRIO

PROP – PROPOSIÇÃO

SAEB – SISTEMA NACIONAL DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA.

ES – ENSINO SUPERIOR

EM – ENSINO MÉDIO

I – INFORMANTE

D - DESCRITORES

LISTA DE QUADROS:

QUADRO 1: campo lexical	29
QUADRO 2: leituras possíveis	37
QUADRO 3: esquema atos de fala.	50
QUADRO 4: condições para a relevância.	80
QUADRO 5: questões do teste	98
QUADRO 6: exemplificação de respostas.	133
QUADRO 7: fatores enunciativos	157

LISTA DE FIGURAS:

FIGURA 1: cálculo do significado	380
FIGURA 2: correlação entre significados	4133
FIGURA 3: combinação semântica	468
FIGURA 4: caracterização dos significados	58
FIGURA 5: planos de leitura	951
FIGURA 6: estrutura da composicionalidade	15645
FIGURA 7: dimensões do enunciado	46
FIGURA 8: esquema ilustração processo semântico	58
FIGURA 9: distribuição dos testes	95
FIGURA 10: proposição sobre o princípio da composicionalidade	156

LISTA DE GRÁFICOS:

GRÁFICO 1: FREQUÊNCIA DE LEITORES DA REVISTA VEJA.....	106
GRÁFICO 2: PREFERÊNCIA DOS INFORMANTES DA REVISTA VEJA.....	108
GRÁFICO 3: CRITÉRIOS DE ENTENDIMENTO DO QUESTIONÁRIO A.....	110
GRÁFICO 4: CRITÉRIOS DE ENTENDIMENTO DO QUESTIONÁRIO B.....	116
GRÁFICO 5: CRITÉRIOS DE ENTENDIMENTO DO QUESTIONÁRIO C.....	121
GRÁFICO 6: FATOR MOTIVADOR DO ENTENDIMENTO QUANTO AO QUESTIONÁRIO A.	126
GRÁFICO 7: FATOR MOTIVADOR DO ENTENDIMENTO QUANTO AO QUESTIONÁRIO B.	127
GRÁFICO 8: FATOR MOTIVADOR DO ENTENDIMENTO QUANTO AO QUESTIONÁRIO C.	128
GRÁFICO 9: NÍVEL DE COMPREENSÃO	131

SUMÁRIO:

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 “Qual o significado do significado”?.....	16
2 O TRATAMENTO DO OBJETO: ALGUMAS REFLEXÕES	29
2.1 Abordagem do Significado a partir do estruturalismo.....	29
2.1.1 Considerações sobre o funcionamento do princípio da composicionalidade	42
2.1.1.1 Princípio da composicionalidade e enunciação.....	46
3 ENUNCIÇÃO E EXPERIENCIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	55
3.1 Pragmática e discurso.....	59
3.1.1 As teorias da verdade nas línguas naturais	63
3.1.1.1 Do enunciado à enunciação.....	69
3.2 Teoria da Relevância e compreensão.....	75
4 DO DIALOGISMO DE “BAKHTIN” AO DUPLO ACORDO DE AUCHLIN.....	88
5 ENUNCIÇÃO COMO OBJETO: DA PRODUÇÃO À RECEPÇÃO.....	93
5.1- Questão 1:.....	96
5.2 - Questão 2:.....	96
5.3 – Questão 3:.....	97
5.4 – Questão 4:.....	98
5.5 A natureza do teste.....	99
5.6 Os informantes.....	100
5.7 Materiais.....	100
5.8 Coleta de dados	103
6 RESULTADOS E ANÁLISES	105
6.1 Da organização dos dados e critérios de análise.....	105
6.2 Gráficos de análise das respostas dos pré-testes, por questionário.....	106

6.3 Resultados por habilidade.....	129
7 ANÁLISE SOBRE GENERALIZAÇÕES:.....	131
8 PALAVRAS FINAIS.....	155
REFERÊNCIAS:.....	159
APÊNDICE.....	164

1 INTRODUÇÃO

As definições são dogmáticas; só as conclusões delas retiradas nos permitem alguma visão nova. (MENGER)

1.1 “Qual o significado do significado”?

Conclamamos o excerto abaixo extraído da obra *Da filosofia da linguagem: no Crátilo de Platão*, para apresentarmos o texto e iniciarmos esta discussão.

Como é que o sentido surge? Como é que as coisas surgem na forma do sentido, sendo que não é possível que surjam de uma outra qualquer forma? Qual a adequação entre o acto da inteligência e isso de que é capaz? A inteligência cria a realidade de que “fala”, isto é, a linguagem cria absolutamente o seu objecto, que, assim, deixaria de o ser para ser a sua criatura, realidade diversa da objectual? Se respondermos sim, teremos o idealismo nas suas variegadas formas; se respondermos não, teremos, em potência, uma qualquer forma de realismo (PEREIRA, 2008, p. 2-3)

Tomando essas palavras como ponto de partida, podemos dizer que a discussão sobre o significado (So) deixa vários questionamentos em aberto e, por isso, suscita outras pesquisas. Por exemplo, questões envolvendo a natureza do significado linguístico, a referência, o uso, a compreensão e o aprendizado da linguagem, a criatividade dos falantes, a interpretação de aspectos linguísticos do pensamento e da experiência são temas que podem ser encontrados já nos textos de Platão e Aristóteles. De modo geral, o texto de Platão apresenta uma discussão a respeito da origem dos nomes. Na obra, torna-se claro o interesse filosófico dos gregos pela linguagem, quando se perguntavam se o nome seria o resultado de uma convenção ou um, produto da natureza. Sem apresentar uma resposta definitiva para a questão, a discussão presente na obra de Platão, que se encaminha no diálogo a respeito da linguagem e do conhecimento, fala por si só, por sua importância e atualidade, como entendem estudiosos do tema.

Nesse sentido, torna-se evidente a preocupação com a linguagem no que concerne à interpretação dos fenômenos naturais e às suas relações com as instituições sociais. Os interesses recaíam, principalmente, no aspecto relativo à origem e natureza da linguagem, de um lado; de outro, na relação entre as palavras e as coisas que elas nomeavam ou significavam.

De fato, a primeira pergunta que os perseguiu por muitos séculos foi: a relação entre o objeto e o seu significado é natural ou convencional? Em outras palavras, se aos elementos do mundo correspondem nomes, as palavras se associam, naturalmente ou convencionalmente, às coisas a que se referem?

Os adeptos da relação natural denominavam-se “naturalistas” e os da relação convencional, “convencionalistas”. Coube às duas correntes, durante um longo período, levantar argumentos que pudessem comprovar o seu ponto de vista. No campo dos estudos fonéticos, por exemplo, os naturalistas se preocuparam em confirmar a origem onomatopaica das línguas e tentaram estabelecer vínculos naturais entre o corpo fônico das palavras e as coisas que elas nomeiam. No entanto, bem cedo perceberam que as palavras onomatopaicas representam um percentual pouco significativo em relação ao léxico de uma língua. Utilizaram, então, o argumento referente aos estudos etimológicos, a fim de descobrir o significado primeiro das palavras e analisar as transformações de seus constituintes.

Embora o percurso da semântica nos estudos linguísticos seja bastante tortuoso, o sentido sempre foi causa de preocupação dos estudiosos, quer no âmbito da Linguística, quer no da Filosofia, quer no de outras áreas do conhecimento. A relação som/sentido, desde a Antiguidade, constituiu, para a ciência da linguagem, um eterno problema cuja origem encontrava-se no seio da Filosofia ou, mais precisamente, no diálogo “Crátilo” de Platão, escrito presumivelmente em 388 a.C. Nesse diálogo, travava-se uma disputa entre duas posições que, na história da Semântica, receberam o nome de “naturalismo”, segundo o qual cada coisa tem nome por natureza (posição defendida por Crátilo no diálogo), e “convencionalismo”, segundo o qual a significação semântica é fruto da convenção e do uso da linguagem, posição defendida por Hermógenes (OLIVEIRA, 1996). No diálogo, “o condutor do jogo, Sócrates, inclina-se a reconhecer que a representação por semelhança é superior ao emprego de signos arbitrários [...]” (JACOBSON, 1973, p.102).

Platão não defendia, em sua obra, um naturalismo extremado que possibilitasse descobrir a significação de uma palavra na própria forma do som, o que seria insensatez; pois, se assim fosse, poderíamos compreender línguas estrangeiras imediatamente. Ele defendia certa afinidade natural que, segundo ele, deveria haver entre o som e o sentido. Como exemplo desse caso, teríamos as palavras onomatopaicas, as quais, no entanto, constituem casos raros, o que levou

Platão a apresentar a tese naturalista, segundo a qual as palavras não imitam propriamente os sons, mas apresentam a essência das coisas.

Assim, não se tratava de imitação do som e das formas das coisas, mas de seu próprio ser. Ou seja, uma palavra seria justa, certa, na medida em que trouxesse a coisa à apresentação, isto é, caso fosse apresentação da coisa.

Alia-se a essa concepção o que a filosofia grega concebia como a função do pensamento, este concebido como a visão intelectual, a contemplação do ser verdadeiro. Segundo Oliveira (1996, p.19), “o olho do espírito era capaz de captar a ordem objetiva e essa ordem percebida era, por sua vez, a medida, a norma da retidão da linguagem”. A tarefa da linguagem consistia na expressão adequada da ordem objetiva das coisas.

Aprofundando essa concepção, Platão afirmava que há uma correspondência entre estrutura gramatical e estrutura ontológica. Segundo tal postulado, a construção de uma língua não seria arbitrária. Os sinais se combinariam no sistema a que pertenciam, de maneira que correspondessem à estrutura ontológica por eles designada. Caberia, pois, à linguagem a tarefa de descrever, comparar, exprimir as diferenças, entre outros aspectos. Tratava-se de uma semântica realista. Era essa a teoria subjacente ao naturalismo platônico: a tese da afinidade entre sons e qualidades.

No entanto, Platão reconhecia que essa afinidade era limitada e admitia que na formação das palavras havia convenções, embora não explícitas e arbitrárias, mas provenientes dos costumes tradicionais do uso da língua. Como diria Oliveira: “as tradições significativas em linguagem não são tomadas arbitrariamente por qualquer um. A linguagem só pode ser instrumento de comunicação se seus participantes usam as palavras no mesmo sentido, e as normas de uso permanecem praticamente constantes.” (OLIVEIRA, 1996, p.21).

Finalmente, arrematando essa questão, Platão expôs a discussão fundamental sobre a linguagem: o poder cognoscitivo da linguagem. Crátilo, por sua vez, sustentava a ideia de que o conhecimento dos nomes constituía o princípio da sabedoria, argumento contestado por Sócrates, para quem todo o sistema de nomes poderia tanto ajudar, quanto atrapalhar o conhecimento. Em síntese, Platão afirmava que era possível conhecer as coisas sem os nomes. Em outros termos, como esclarece Oliveira (1996), o real só é conhecido verdadeiramente em si, sem palavras, sem a mediação linguística. Isso significa que, por meio da linguagem, não

é possível atingir verdadeiramente a realidade. O puro pensar, a contemplação das ideias era, para Platão, um diálogo sem palavras, da alma consigo mesma, sendo que a designação com sons do que é intelectualmente percebido ocorre posteriormente.

Para Platão, o sentido estava no pensamento, no ser e a palavra instrumento puro, o que, aliás, constituía o fundamento da teoria instrumentalista da linguagem.

As preocupações platônicas relativas ao sentido, expostas na polêmica naturalismo X convencionalismo, perpassaram os períodos subsequentes, estando inclusive presentes no pensamento de Aristóteles, embora com algumas modificações.

A preocupação com a significação permanecia, subexistindo a dúvida: seriam as palavras significativas por convenção ou por natureza? Admitida a primeira hipótese, o que garantia que tal palavra conservaria a unidade de significação? Aceitada uma convenção universal, surgiria outra questão: como explicar esse acordo, uma vez que, normalmente, o convencional só é universal acidentalmente?

De acordo com Aristóteles, para que uma comunicação se efetivasse, era necessário pressupor um fundamento objetivo. É o que ele denominava essência. A linguagem era um instrumento imperfeito para o pensamento, postulava o grego, e, por isso sempre ultrapassável. Por outro lado, seria somente pela unidade de sentido que existe nas palavras que se tornaria possível a comunicação humana.

Isso revelou o caráter obrigatório da mediação linguística. Assim, para Aristóteles, a linguagem não era imagem, reprodução do real, mas seu símbolo. Daí dizer-se, à época, que a linguagem não manifestava o real, mas o significava, isto é, ela não seria um instrumento natural, mas convencional, da designação. Nada seria naturalmente símbolo, daí a necessidade da convenção. O filósofo, entre os diferentes atos de fala (pedir, perguntar, ordenar, desejar), dava preferência à proposição (sentença declarativa), a qual consistiria um julgamento a respeito da existência do que era significado. Daí sua estrutura fundamental: dizer algo a respeito de algo. Aristóteles afirmava que era na proposição que a linguagem ultrapassava a simples perspectiva de pura significação para tentar atingir as coisas em si mesmas. A essência da proposição não estaria em seus termos (meros símbolos), mas no próprio ato da composição.

Aristóteles consagrou-se a análises da estrutura fundamental de proposições, sobretudo teóricas e, a partir daí, fundou a lógica orientada por essa concepção de

linguagem como sentença (proposição). No entanto, o termo lógica é posterior a Aristóteles. Deriva da palavra grega “logos”, cujo significado assemelha-se à “razão”; por isso, segundo Lungarzo (1990), para os antigos a “lógica” era uma ciência do discurso racional. A lógica clássica era considerada uma ferramenta, um método para raciocinar corretamente. Dentre os aspectos desenvolvidos na lógica, um deles é de interesse desta pesquisa: a lógica dedutiva, que é decorrente do raciocínio dedutivo, também conhecido como silogismo. Um raciocínio dedutivo parte de premissas gerais para chegar a uma conclusão.

Se as premissas forem verdadeiras, a conclusão forçosamente também o será. Nesse tipo de raciocínio, não se precisa do conteúdo para extrair a conclusão. Esta é obtida apenas pela forma. Assim, é o conhecimento da forma que garante a verdade da conclusão, desde que as premissas sejam verdadeiras.

Avançando um pouco nessa discussão e sintetizando o pensamento de alguns filósofos modernos, podemos dizer que a pergunta "qual o significado do 'significado'?" não tem uma resposta óbvia. Wittgenstein (1994), por exemplo, afirmava que o significado dos signos simples (isto é, dos nomes) poderia ser esclarecido por meio de "elucidações" - que são proposições que contêm esses signos. Mas, a seguir, o autor observou que tais proposições só poderiam ser entendidas se o significado daqueles signos já fosse conhecido:

o significado dos sinais primitivos podem ser explicados por meio de elucidações. Elas são proposições que contêm os sinais primitivos. Portanto, só podem ser entendidas quando já se conhecem os significados desses sinais (TRATACTUS, 2008, p. 153).

Ou seja, saber o significado¹ dos nomes exige entender proposições nas quais esses nomes ocorrem; para isso, porém, é preciso saber o que eles nomeiam. Wittgenstein expressou sua teoria semântica no *Tractatus*, sendo a linguagem e o pensamento o seu interesse especial. Sua tese fundamental era que a linguagem figura o mundo (totalidade dos fatos e não das coisas) sobre o qual ela nos informa. A expressão linguística seria, então, algo essencial ao pensamento, uma vez que faríamos figurações do mundo, de modo que nunca teríamos o mundo em si, de forma independente, mas sempre por meio da linguagem.

¹ “[...] entre significado e sentido não há uma barreira intransponível. O sentido é o significado de uma unidade linguística atualizado em um enunciado”. (SHVEJCER, 1988).

Dessa maneira, Wittgenstein superou a concepção tradicional, demonstrando que as palavras estavam inseridas numa *situação global* (contexto) e o problema da significação não se resolveria sem a consideração dos diversos contextos de uso das palavras. É inegável que Wittgenstein abriu novas perspectivas para a consideração da linguagem, estabelecendo-a como *fenômeno histórico*, o fruto da liberdade criativa do homem. A linguagem, diferentemente dos processos mecânicos, passou a ser vista, então, como ação comunicativa entre sujeitos livres.

Por seu lado, em 'Sentido e Referência', Frege (1978) disse que uma proposição de identidade poderia ser informativa, apenas se a diferença entre os sinais de cada lado da identidade correspondesse ao modo de apresentação daquilo que era designado. Este modo de apresentação constituía o sentido do símbolo, e em uma identidade ambos os sentidos diferentes (ex. '2³' e '4+4') apontavam para a mesma referência (neste caso, '8').

Por conseguinte, Frege estabeleceu três níveis na teoria da significação: símbolos, seus sentidos e suas referências. Usando símbolos, segundo ele, nós expressaríamos um sentido e denotaríamos uma referência. Em uma linguagem ideal cada símbolo teria apenas uma referência, extinguindo toda a ambiguidade. Em nossa linguagem, porém, há até mesmo sentidos sem referência, ou seja, que se referem ao conjunto vazio (ex. 'unicórnio'). Frege classificou este último caso em uma nota de rodapé com o termo representação (Bild).

O sentido de uma palavra seria o que entendemos por tal palavra, logo o sentido de 'bucéfalo' seria o mesmo para todos aqueles que a compreendessem. Mas ouvir a palavra 'bucéfalo' desencadearia um processo de associação de imagens mentais essencialmente subjetivo. Frege chamou esta imagem associada de ideia, e ela é que faria a diferença, quando proferíssemos a palavra 'bucéfalo' para diferentes interlocutores, como um zoólogo, um historiador e um cavaleiro, por exemplo.

Então, a explicação de Frege acerca da referência de uma sentença nos leva a concluir que essa seria seu valor de verdade, já que este valor seria nossa única preocupação acerca da sentença. Poderíamos sentir prazer com um poema épico apenas pelos sentidos e ideias que ele engendrasses nas nossas mentes, mas a natureza científica da investigação nos faria procurar as referências.

Quando falou de julgamentos, ou seja, de proposições, sentenças, asserções etc., Frege explicou que o passo do nível do pensamento (do sentido) para o nível

do objetivo (da referência) já foi tomado. Um julgamento não seria apenas a mera compreensão de um pensamento, mas sua aceitação.

Tendo aceitado a suposição de que o valor de verdade de uma sentença era sua referência, e o fato de que o valor de verdade de uma sentença permanecia o mesmo quando uma expressão nesta sentença fosse substituída por outra com a mesma referência (isso é atestado por um simples teste), Frege considerou o caso no qual tal expressão contida em uma sentença era substituída por uma sentença inteira. Ele disse que o teste para a substituição de expressões valia o mesmo neste caso. A relevância desta situação na qual, sentenças subordinadas estavam presentes apontava a questão das suas referências: seria ela também, e sempre, um valor de verdade?

Frege dedicou o resto de seu texto a demonstrar que, contrariamente à “regra” apresentada através do teste mencionado, a referência de uma sentença subordinada não era sempre um dos valores de verdade. Ele reconheceu três categorias principais às quais a regra não se aplicava neste caso: 1) citações diretas; 2) citações indiretas; e 3) descrições definidas. Delinearemos brevemente as duas primeiras e deixaremos a terceira, que necessita maior discussão, para estudos posteriores. No primeiro caso reconhecido, o das citações diretas, a referência da sentença subordinada não seria seu valor de verdade, mas as palavras citadas. Por exemplo, em ‘Copérnico disse: “As órbitas planetárias são circulares”’, a referência de “As órbitas planetárias são circulares” seriam estas palavras (os símbolos), não seu sentido, nem sua referência.

No segundo caso, o das citações indiretas, a referência da sentença subordinada seria o fosse considerado como seu sentido; Frege chamou este caso de referência indireta. Um exemplo é: ‘Copérnico disse que as órbitas planetárias são circulares’. Ao ouvirmos alguém proferir uma sentença assim, o que entendemos é o pensamento segundo o qual as órbitas planetárias são circulares, não as órbitas em si nem meramente as palavras que Copérnico articulou. Outros exemplos de referências indiretas seriam inferências, esperanças e outras atitudes similares.

As preocupações filosóficas de Frege levaram-no, então, a uma elucidação sobre os pensamentos enquanto conteúdos de uma atitude proposicional, o que se pode saber, julgar, crer, duvidar; para isso adotou como base exclusiva a formulação

de uma teoria do significado que indicasse, em linhas gerais, *o que faz com que uma expressão tenha sentido*.

Assim, muitos autores consideram que, dos poucos escritos de Frege (1848-1925), surgiu uma semântica atual, em razão do seu rigor raro. Frege partiu da afirmação de que *nomes próprios* significavam objetos e que a sua substituição por outros nomes próprios de igual significação poderia mudar a significação de uma frase, chegando à conclusão de que o nome próprio tinha duas funções semânticas: a) denotam um objeto; b) exprimem um sentido. Segundo Frege, todo nome designaria (= denotaria) algo e também possuiria um sentido. O sentido seria a maneira como o objeto se manifestaria, de modo que poderiam ser atribuídos a um mesmo objeto *sentidos diferentes*.

Em outras palavras, para Frege, a *denotação*² de um nome próprio seria o próprio objeto referido, isto é, a denotação das palavras constituiria aquilo sobre o que falamos, enquanto o *sentido* seria a maneira, o modo como o objeto designado fosse dado por meio do nome. É exatamente o que ocorre quando utilizamos, por exemplo, figuras de linguagem como a metáfora e o eufemismo, em que a nossa expressão não representa significativamente a sua literalidade.

É por isso que Frege reconheceu que na linguagem comum nem sempre ocorreria de um sinal corresponder a um único sentido determinado e reconheceu, ainda, que havia nomes que tinham sentido, mas não denotação, de modo que tais casos deveriam ser excluídos de uma linguagem precisa. Estes nomes deveriam ser evitados em frases científicas, segundo ele.

Frege também admitiu estas duas funções semânticas para as frases, em analogia aos nomes próprios. Assim, toda frase conteria um pensamento, uma proposição, um conteúdo – *o conteúdo proposicional* – que equivaleria ao *sentido*. A denotação de uma frase dependeria unicamente da denotação dos nomes próprios nela contidos e não de seu sentido. O pensamento não poderia ser a denotação de uma frase, mas seu sentido.

Rudolf Carnap (1975), entretanto, desenvolveu uma teoria da semântica fundada na concepção de que a significação de uma expressão linguística era o objeto, a qualidade, o acontecimento, a que ela se referia. Carnap estabeleceu,

² Aqui entendida como referência.

assim, a distinção entre intensão³ e extensão. Definiu que *intensão* é a significação de um predicado (um conceito), enquanto *extensão* é a classe de objetos considerados sob esse conceito, chegando a afirmar que somente nas ciências empíricas o conhecimento acontece.

Embora esses autores tenham aberto novas perspectivas para a consideração da linguagem, muitas questões permaneceram ainda em aberto.

Daí, ter sido despertado o interesse da Escola de Oxford por empenhar-se em trabalhar conceitos importantes para o esclarecimento do fenômeno linguístico. Nessa Escola, Austin se tornaria o precursor da atualmente denominada *Filosofia da Linguagem*. Para Austin,

o sentido se constitui num contexto situacional, em que faz sentido determinadas expressões ou não. Quer dizer: investigar a linguagem significa tematizar o contexto de sociabilidade, ou seja, o contexto sócio-cultural, onde ela se insere. Aqui já vai emergindo aquilo que Apel vai chamar de dimensão transcendental da linguagem: não há mais a dicotomia radical entre linguagem e realidade para nós. O sentido não mais se constitui na interioridade de uma consciência transcendental, mas num contexto de regras e convenções de um contexto social determinado. O sujeito capaz de falar e agir só se entende a partir de um processo social, que emerge como condição de possibilidade de suas ações simbólicas. Portanto, sua linguagem só se compreende a partir da organização institucional da forma de sociabilidade na qual ele está situado, que é a raiz de seu comportamento no mundo. (OLIVEIRA, 1996, p.166)

Vimos, então que, desde Platão, a linguagem é considerada instrumento secundário do conhecimento humano, sendo uma mediação necessária, na medida em que possibilita a comunicação do resultado do conhecimento humano. O fato é que filósofos e linguistas há muito se preocupam com o problema da significação da palavra ou da frase, havendo entre eles diferentes posicionamentos para essa questão. No entanto, apontamos um ponto em comum: o fato de que o uso da linguagem não ocorre aleatoriamente e o falante não pode utilizar-se de determinado termo ou expressão livremente, sob pena de não conseguir se comunicar, aspecto que corroboramos, pois, reconhece-se, hoje, a impossibilidade de se determinar a significação das palavras ou frases sem se considerar a situação comunicativa em que são utilizadas.

³ Intensão (grafada com 's') consiste nos conhecimentos linguísticos a respeito de uma expressão, que nos permitem determinar sua extensão, quando a expressão é utilizada em circunstâncias determinadas.

Isso posto, e levando-se em conta as posições levantadas anteriormente, afirmamos que o estudo sobre o significado é ainda uma questão pendente. Entretanto, acreditamos ser tema desafiador e de grande importância; por isso, pretendemos avançar o atual estado das discussões sobre esse assunto, respeitar as pesquisas que extrapolam os limites do signo, da proposição, e até mesmo dos atos de fala, e ir até o nível transfrásico, o do discurso, e analisá-lo. Dito de outro modo, limitarmo-nos ao estudo no nível do signo (palavra) e achar que esse procedimento basta, não elucidaria os problemas da significação. O mesmo se poderia dizer de um trabalho no nível frasal, elaborando aspectos sintático-gramaticais, análise igualmente insuficiente para dar conta dos fenômenos da referência, pois, tal análise necessita, além disso tudo, de recorrer ao contexto.

Sabemos que essa não constitui uma tarefa simples, dadas as dificuldades encontradas, de início em relação ao próprio conceito de significado. E, também, apresentam-se, na história da semântica várias abordagens e concepções, o que implica diferentes posturas metodológicas que se desdobram para tentar esclarecer/descrever certos fenômenos da língua.

Sendo assim, podemos dizer que a trajetória das leituras que nos levaram à delimitação do tema desenvolvido neste trabalho iniciou-se em nossa dissertação de mestrado, momento no qual manifestamos nosso interesse pelo estudo da composicionalidade. Em momentos subsequentes de leituras, diante da diversidade de autores que tratam com relevância dessa questão, decidimos aprofundar nossos estudos sobre o tema, em especial pelos processos cuja possibilidade de interpretação depende do contexto, bem como da intenção do falante.

Por todas essas razões, o objetivo desta tese é descrever a construção de sentidos nos chamados *Enunciados Proferidos por Políticos* (EPPs), utilizando um *corpus* previamente selecionado. Esses enunciados foram extraídos das seções *Veja Essa*, publicadas semanalmente na revista *Veja*.

Segundo Júlio Barros, editor da seção, a seleção das frases a serem colocadas na *Veja Essa*, sejam de políticos ou não, é feita segundo o critério de importância, graça, humor, caráter inusitado ou absurdo. Sendo assim, nossa escolha por esse *corpus* se justifica, à medida que constatamos que muitos aspectos do sentido dos EPPs não se deixam analisar composicionalmente, em razão de certos jogos de palavras e dos efeitos de sentido que eles evocam; a partir, pois, dessa constatação inicial, pretendemos como dito anteriormente, avaliar uma

hipótese sobre o processo de significação linguística, destacando, principalmente, as questões relativas à composicionalidade.

Nessa ótica, torna-se pertinente questionar: o que faz com que uma (ou mais) expressão lingüística apresentada nos EPPs evoque um determinado sentido e não outro? Ou seja, uma vez reveladas e consideradas a ironia, a jocosidade e a polissemia dos enunciados, como se dariam esses movimentos de ressignificação, de reconstrução dos sentidos?

Esses são os questionamentos que, de modo geral, nortearam nossa investigação. Para tentar respondê-los, vale considerar que a língua comporta procedimentos que geram tanto efeitos de sentidos estáveis, quanto instáveis, os quais deverão ser reconhecidos pelo interlocutor que queira ‘desvendar’ o significado dos EPPs. Isto é, ao ler um EPP, o interlocutor ativa um primeiro plano de configuração de sentido que chamaremos de (S) ⁴. Após considerar aspectos enunciativos, o interlocutor deverá reconfigurar o EPP, em um segundo plano de leitura (S’), para que o sentido se acomode a ele. Esses dois “momentos” ((S) e (S’)) de construção de sentidos deverão estar presentes em uma análise criteriosa dos EPPs.

Não sem razão, portanto, como aporte teórico-metodológico de nossa pesquisa, torna-se necessário apresentar, primeiramente, uma abordagem clássica do significado que vai do nível lexical – o principal desenvolvimento do estudo sobre a composicionalidade - passando, em seguida, para uma discussão que envolva o nível sintagmático/frasal.

A partir desse ponto, e de todas as implicações subjacentes, abordaremos a dimensão enunciativa, mostrando que, no nível ilocucional, um determinado ato recebe um valor pragmático a partir da compreensão de um conjunto de propriedades, tais como: ponto e modo de realização, condições preparatórias etc. e que, esse conjunto forma a propriedade que compõe a força ilocucional.

Em um último nível, talvez o mais desafiador, pretendemos dizer da noção de gênero/contrato que, conforme tentaremos demonstrar, são composicionais na medida em que são dispositivos conceituais que aglutinam determinados parâmetros com base em determinadas correlações como, por exemplo: identidade dos interlocutores, propósito temático, finalidade da troca, suporte material em que a

⁴ Esse aspecto será retomado a seguir.

troca se dá etc., que são, a nosso ver, elementos que formam, composicionalmente, a noção de sentido em níveis discursivos diferenciados.

Essa hipótese visa comprovar que a noção de composicionalidade pode ser considerada para além da estrutura do enunciado e em função dos traços a partir dos quais a noção de sentido é processada, considerando-se outros aspectos que integram a discursivização textual.

É importante salientar que não pretendemos prescindir do princípio padrão da composicionalidade, isto é, de uma categorização lexical. Isso quer dizer que não atribuímos somente à enunciação uma possível solução para os problemas referentes ao significado nas línguas naturais, pois, assumir tal posição, significaria admitir um reducionismo que o tema deste trabalho não acolheria. Seria reduzir a dimensão discursivo-pragmática ao campo do subjetivismo, coisa que a enunciação, necessariamente, não faz.

Sabemos que há um grande desafio a ser enfrentado e este exigiu um trabalho sistemático e um embasamento teórico que passou pela revisão de alguns textos, artigos e pesquisas já conduzidas sobre o tema proposto. Só assim, pudemos adquirir uma visão mais ampla e adequada de um problema prático e, conseqüentemente, nos foi possível não só apontar caminhos que levem a um redimensionamento das teorias acerca do significado, bem como ajudar a minimizar os problemas que perpassam as condições sob as quais se pode falar da composicionalidade do significado,

considerando seus fundamentos cognitivos, a sua manifestação linguística, bem como as diversas formas de sua representação no plano das teorias semânticas (seja no plano das propriedades lexicais – formação de conceitos pela combinação de traços, seja no plano das relações sintagmáticas – amalgamento de constituintes simples em formas cada vez mais complexas). (MARI, 2006)

2. O TRATAMENTO DO OBJETO: ALGUMAS REFLEXÕES



"Nós não fazemos distinção de que partido é o prefeito e o governador. Você não pode deixar de dar comida para um porco porque você não gosta do dono do porco" (Do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na inauguração da primeira Unidade de Pronto Atendimento do Sistema Único de Saúde no estado de São Paulo em Janeiro 2010. (Veja, 29/12/2010)

2 O TRATAMENTO DO OBJETO: ALGUMAS REFLEXÕES

2.1 Abordagem do Significado a partir do estruturalismo.

A questão da decomposição/composicionalidade de um conceito tem merecido destaque dentro da Filosofia. No entanto, nos primeiros momentos de sua discussão, não havia uma preocupação direta com a questão linguística que, só a partir do estruturalismo foi assumida de forma sistemática.

Sob essa ótica, dentro da perspectiva estrutural, que nega a ideia da definição essencialista e passa a assumir uma definição de caráter contrastivo, os enfoques a respeito do significado e da análise semântica que não se encaixam nos pressupostos da teoria clássica são as abordagens sêmica e a componencial. Dito de outro modo, essas abordagens inauguram um 'novo' padrão de análise.

A abordagem sêmica, por exemplo, tem como princípio básico a análise do significado que assume um padrão de cálculo dos itens lexicais como componentes de um campo lexical. Nesse tipo de análise, a estrutura do significado de dois itens de um campo lexical como *aves de grande porte*, por exemplo, organiza-se em termos de traços ou componentes necessários, suficientes e compartilhados por todos os seus membros. Vejamos:

Campo lexical: aves de grande porte

Quadro 1: campo lexical

Traços semânticos	PATO	GALO
Animado	+	+
Grande porte	+	+
Aquático	+	-

Fonte: pesquisa da autora

Assim, pela distribuição dos traços semânticos, dentro de um mesmo campo lexical, podemos calcular o significado de cada um dos itens desse campo:

Figura 1: cálculo do significado

Se: PATO		Se: GALO	
So:	[ave] [+animado] [+grande porte] [+aquático]	So:	[ave] [+animado] [+ grande porte] [-aquático]

Fonte: pesquisa da autora

Grosso modo, o significado de uma palavra, de acordo com esse modelo, seria a combinação de semas que existiriam em número finito. A análise sêmica de uma palavra consistia na decomposição⁵ do seu significado em traços mínimos de significação.

Torna-se necessário destacar, que o exemplo supracitado ilustra um princípio geral do modelo em tela, já que o significado de ‘pato’ assume tais características apenas nesse contraste com ‘galo’, a inserção de outros itens nesse campo lexical como, por exemplo, “avestruz”, “biguá” assumiriam outras características.

Além disso, tal modelo nos leva a questionar qual seria a capacidade do falante reconhecer traços no objeto, já que não fica claro que a maioria dos falantes possa distinguir pato/pata pela distinção de algum atributo nestes objetos.

Avançando um pouco nessa discussão, recorreremos a Aristóteles (384 -322 a.C.), quando afirma que a atividade verbal de significação implica sempre a possibilidade de definir, o que aponta para uma relação de implicação recíproca entre significação e definição: se as palavras possuem um significado, é porque elas são passíveis de serem definidas. Desse modo, podemos dizer que, para o filósofo,

⁵ Na decomposição, “não está em jogo apenas o reconhecimento de traços que integram um objeto/signo, mas também o teor formal de recombina-los numa matriz conceitual, daí sua proximidade com a composicionalidade”. (MARI, H. trecho de material didático, 09/10/ 2007)

o significado de uma palavra é sua definição: a definição é uma proposição (uma frase dotada de um valor de verdade) que exprime aquilo que a palavra significa. E essa proposição é construída a partir do modelo de condições necessárias e suficientes (doravante CNS) para definir um termo.

Segundo essa perspectiva, definir um termo é fornecer uma descrição do conjunto de traços essenciais característicos do objeto ao qual o termo faz referência (teoria referencialista). Dito de outro modo, a definição semântica de uma palavra apresenta-se como uma conjunção de traços essenciais aos quais uma entidade deve satisfazer para ser designada como tal. Esse conjunto de traços pode ser o conjunto de propriedades inerentes, intrínsecas ao objeto.

Nessa perspectiva, ainda, torna-se possível fazer uma descrição de um item lexical, com uma enumeração organizada dos componentes semânticos comuns, ou seja, dos traços que todos e cada um dos membros de uma classe compartilham e que são suficientes para defini-la. Em outras palavras, para que possamos dotar de significação e, portanto, definir um termo geral como “cachorro”, é necessário que se verifique se o objeto em questão possui os atributos que constituem o denominador comum da classe, isto é, se ele é um animal, se é um mamífero, se possui o corpo coberto por pêlos, se é da família dos caninos etc.

O conjunto que define uma classe é necessário e deve ser conjuntamente suficiente para decidir o pertencimento de um objeto a determinada classe. Se essas propriedades são verificadas, o objeto estará dentro da classe dos cachorros e, portanto, poderá ser designado como tal. Para esse tipo de teoria, atribuir um significado a um termo ou defini-lo se reduz a verificar, reconhecer e descrever os traços que constituem as CNS, tratando de modo analítico e lógico os exemplos e contra-exemplos encontrados. Em outras palavras, o modelo de CNS exige que cada traço forme uma verdade analítica: a frase “o cachorro é um animal” deverá ser sempre verdadeira, independentemente de uma verificação. Já os traços que não são considerados para formar a definição de um termo geral são os de natureza sintética (válidos em contextos específicos) e, por isso, seu valor de verdade dependerá de sua verificação.

Então, para efeito de significado próprio ou fundamental de uma classe, não importam os atributos acidentais, aqueles que, estando em um objeto, podem pertencer a ele de maneira incerta, sem, no entanto, afetar sua essência. Como exemplo, temos a frase “cachorros são fiéis”, que envolve um traço (fidelidade) que

não figura entre as propriedades analíticas, pois seu sentido, apesar de poder ser um valor de verdade, porque este engloba as noções de falso e verdadeiro, não é a *priori* verdadeiro, devendo, portanto, ser verificado a cada enunciação.

Consequentemente, o modelo de CNS exige uma separação rígida entre traços essenciais e acidentais para que uma classe possa ser definida. É o que chamamos de dicotomia entre componentes “semânticos” ou “linguísticos” – únicos traços que devem figurar na definição semântica de um termo - e componentes “enciclopédicos” ou “extralinguísticos” – aqueles traços que são desprezados no processo definitório. (KLEIBER, 1990).

Já o modelo aristotélico não pode escapar do problema de ordem filosófica que Putnam (1977) anunciou ao tratar dos “membros anormais” de uma categoria. Se “ter quatro patas” é uma das condições necessárias para que um objeto seja incluído na categoria, ou seja, designado como “cachorro”, como nomearíamos um cachorro de três patas? Continuará ele a fazer parte da categoria? Em outros termos, seria ele ainda um cachorro ou outro animal?

Então, de acordo com a teoria clássica do significado as classes se definem em termos de um conjunto de traços necessários e suficientes. De acordo com essa visão, um ente pertence a uma categoria determinada se, e somente se, exibe todos e cada um dos traços que o definem; a falta de algum desses traços significaria sua exclusão automática da classe.

Outro pressuposto da teoria clássica é o de que os traços são binários, ou seja, as coisas possuem ou não possuem um traço, pertencem ou não pertencem a uma classe e, sendo assim, as classes têm limites bem definidos, pois dividem o universo da denotação em dois grupos: os que pertencem e os que não pertencem a ela. Nesse sentido, não é possível haver ambiguidades.

Dessa bipolaridade dos traços deduz-se que não há graus de pertinência, não há entes que sejam membros melhores que outros. A partir do ponto de vista aristotélico, supõe-se que exista uma perfeita correlação entre os atributos dentro da classe. Se conhecemos a classe a que um objeto pertence, percebemos, com certeza, que alguns de seus atributos, CNS para a pertinência à classe co-ocorrem.

Assim, a categorização – representada através de traços essenciais – é uma atividade mental (cognitiva) que se manifesta na linguagem, permitindo aos sujeitos incluir e excluir um objeto de dentro de uma classe de entidades comunicando uns

com os outros na medida em que compartilhem as mesmas distinções semânticas e as mesmas concepções de mundo.

Entretanto, a realidade concreta impõe limites a esse método de análise do significado. Segundo Taylor (1989), o mundo apresenta uma grande variabilidade. As categorias são inumeráveis e expansíveis. Há também que se lançar um olhar desconfiado sobre a pretensão da validade universal de certos componentes, pelo fato de a interpretação e atribuição dos componentes semânticos se basearem na intuição do linguista e em seus próprios julgamentos culturais.

Ainda dentro dessa perspectiva estrutural, um dos enfoques a respeito do significado e da análise semântica que se encaixa nos pressupostos da teoria clássica é a Análise Componential (LYONS, 1979). De acordo com esta abordagem, o cálculo do significado de um item lexical era feito a partir da sua correlação com outros itens no interior de um enunciado. Além disso, essa abordagem “julgava ser este um padrão ajustável a uma percepção generalizável para o significado, possibilitando descrições para outros tipos de verbos”. Nessa abordagem, torna-se possível definir, por exemplo, **comprar** e **vender**, a partir de suas correlações nos enunciados. Vejamos:

- (a) Maria (X) comprou o livro (Y).
- (b) João(X) vendeu o relógio (Y).

Figura 2: correlação entre significados

Se: comprar	#	Se: vender
So: [X –tem Y em t ₁] [X tem Y em t ₂] [t ₁ anterior a t ₂]		So: [X tem Y em t ₁] [X –tem Y em t ₂] [t ₁ anterior a t ₂]

Fonte: pesquisa da autora.

Percebemos, assim, as propriedades dos verbos destacados em termos de princípios da composicionalidade do significado que nos permitem analisar o contraste entre comprar e vender.

De fato, a análise componencial do significado está sustentada na ideia de que existe uma conexão estrutural entre língua e cultura, de modo que tal análise de componentes esteja orientada a estabelecer os modelos semânticos ideais e fixados culturalmente, opondo-se, como componentes os aspectos funcionais, assim como também os juízos e pré-juízos sociais dos falantes de uma língua. Estes são considerados secundários, derivados, acidentais, subjetivos, ou seja, não-estruturais. No caso destacado anteriormente, os componentes centrais e básicos da classe CACHORRO, por exemplo, são estritamente biológicos. Os critérios de categorização respondem a um modelo genérico.

É evidente que, ao tratarmos de sentido, fica difícil escapar da utilização de certos termos como referente e referência, sem apelar para uma teoria de base referencialista. Entretanto, reconhecer uma relação sempre estável entre as palavras e as coisas é complicado. Além disso, não devemos admitir que os “objetos” sejam estáveis e dados a *priori*, de um ponto de vista extensional e perceptual, como também não devemos aceitar que suas propriedades são sempre inerentes, intrínsecas e essenciais.

Antes de prosseguir, faremos um breve recorte, o qual, ainda que aparentemente tortuoso, deve apresentar alguns pontos relevantes para esboçar uma discussão que contemple uma outra dimensão sobre o tema até aqui abordado. Trata-se das ‘operações metafóricas’ que podemos fazer, a partir dos objetos naturais.

Retomando, então, o exemplo anterior, podemos dizer que uma das características dos objetos naturais é não ter uma função específica. Ao atribuímos a um cachorro a ‘função’ de ‘amigo’ ou de ‘cão de guarda’, por exemplo, estamos apenas derivando de um ‘objeto natural’ uma qualidade que é motivada por alguma razão. Sendo assim, os aspectos funcionais e subjetivos são interessantes apenas como fontes de derivação metafórica (*matar cachorro a grito, soltar os cachorros, ter vida de cachorro etc.*), aspectos não contemplados nesse modelo.

Em síntese, tanto a análise sêmica como a componencial tinham como objetivos ⁶:

⁶ Objetivos extraídos de material didático do Professor Hugo Mari, em 09/10/07, elaborado para a disciplina Seminários de estudos avançados: tópicos - Linguagem e intencionalidade - condições sobre o significado da palavra e sobre o significado do falante do curso de Doutorado na PUC Minas em 09/10/2007.

- (a) prover definições de itens lexicais;
- (b) conceber o significado de um item lexical como uma matriz de traços conceituais ou de componentes correlacionais;
- (c) obter tais matrizes - constituídas por traços semânticos – a partir da inserção do item lexical em um campo lexical, ou;
- (d) obter matrizes – construídas por traços sintático-semânticos, a partir de suas correlações com outros itens lexicais de um enunciado.

Em outras palavras, de acordo com Putnan (1977), partindo do lexema < cachorro >, por exemplo, verificou-se que este não podia ser satisfatoriamente descrito pelos semas [+animal], [+ quatro patas], [+ mamífero], porque podem existir cachorros com menos de quatro patas. No entanto, podemos salientar uma objeção a esse comentário do autor: um cachorro com menos de quatro patas continuará sendo um cachorro porque o observador tende a completar, mentalmente, a outra pata, ou o considerar apenas um desvio aceitável do modelo/conceito.

Nesse sentido, desenvolvida a partir da gramática gerativa, a semântica interpretativa assume a sintaxe como base da geração de sentido. Esse modelo semântico, que tem como expoentes Katz e Fodor (1977), consistia na incorporação de um formato aproximado de descrição lexical do modelo estruturalista ao paradigma gerativista que começava a dominar os estudos linguísticos.

Grosso modo, em primeiro lugar, Katz e Fodor se basearam no método de análise componencial estruturalista das condições necessárias e suficientes subjacentes à descrição das entidades linguísticas, com o objetivo de ir ao encontro das necessidades de formalização e de descrição dos fenômenos linguísticos preconizados pelo gerativismo de Noam Chomsky.

Em segundo lugar, os autores definiram como competência semântica a capacidade individual para interpretar frases, procurando estabelecer as regras gerais da interpretação semântica, que partiria da existência de uma gramática, de um dicionário (que diz respeito ao conjunto de itens lexicais, como entradas associadas às definições), e de regras de projeção (que se relacionam com a capacidade de codificar e decodificar a informação veiculada pela frase). Tais regras

deveriam ser conhecidas pelo usuário e aplicáveis nas relações entre os itens lexicais, impondo percursos diferentes de leitura.

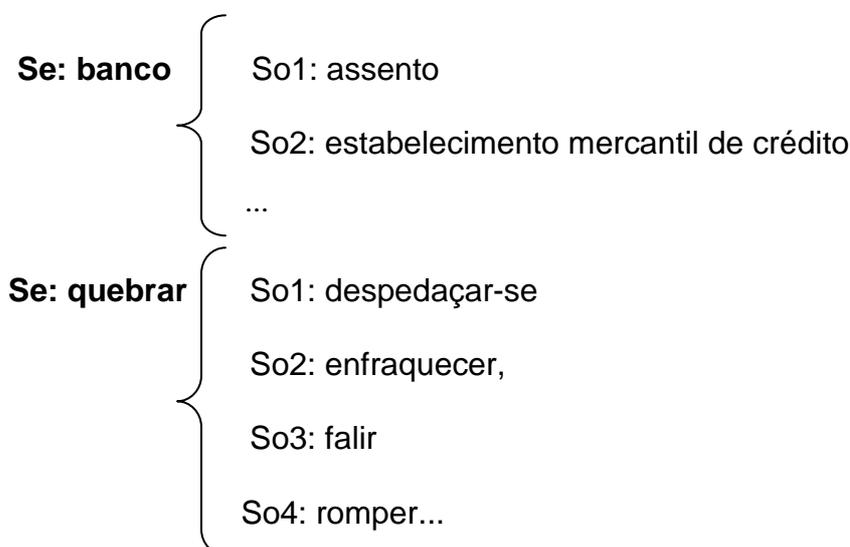
De modo geral, Katz e Fodor objetivaram estender o domínio estrutural para além da mera análise componencial, sugerindo a inserção das regras de projeção, que dariam feição sintática à proposta. Ou seja, a meta era a leitura semântica de sentenças.

As regras de projeção, segundo os autores, atuam sobre as informações gramaticais e as do dicionário como elementos norteadores que permitem ao falante selecionar as palavras adequadas, formular enunciados semanticamente bem estruturados e resolver problemas como o das sentenças semanticamente anômalas ou de ambiguidade lexical.

Dessa forma, uma teoria semântica deveria partir do significado que revela as palavras, da observação sobre a forma como elas estão sintaticamente estruturadas nas sentenças e da explicitação do quanto o sentido da sentença seria resultante dos significados das partes e das relações estabelecidas *intra* e *inter* sentenças. Para esses autores, são essas relações que revelariam a função das *regras de projeção*. Por exemplo, o enunciado < O banco quebrou > teria seu significado resultante da combinação do significado de suas unidades componentes. As regras de projeção avaliariam as possibilidades de combinação semântica no enunciado, tendo em conta as restrições contextuais indicadas pelo dicionário. Vejamos o exemplo:

Edo: *O banco quebrou*

Figura 3: combinação semântica.



Fonte: pesquisa da autora

Quadro 2: leituras possíveis.

Se: banco		Se: quebrar	
So 1	+	So1	= [o assento despedaçou]
So 1	+	So4	= [o assento se rompeu]
So2	+	So3	= [o estabelecimento mercantil de crédito faliu]

Fonte: pesquisa da autora

Assim, a teoria de Katz e Fodor não tratou propriamente dos campos léxicos, nem se restringiu à mera análise componencial dos itens lexicais. No entanto, mesmo que houvesse uma definição dicionarial do signo enquanto tal, ou uma simples listagem dos diversos signos e de sua combinatória sintagmática, ainda assim, os procedimentos não se realizariam de modo completo. Daí, a afirmativa de que à questão do significado ainda não foi dada a última palavra.

Em linhas gerais, a teoria de Katz e Fodor, sendo um dicionário (uma lista ordenada ou não dos itens lexicais da língua), associava cada item a um verbete e as regras de projeção, como citado, agiriam como filtros de leitura. No entanto, grosso modo, o modelo dos autores supracitados apresenta algumas restrições como o fato de não ultrapassar os padrões das definições de dicionário que eles propõem, mesmo computando-os do ponto de vista sintático, o que leva à desconsideração de outras possibilidades para a significação linguística.

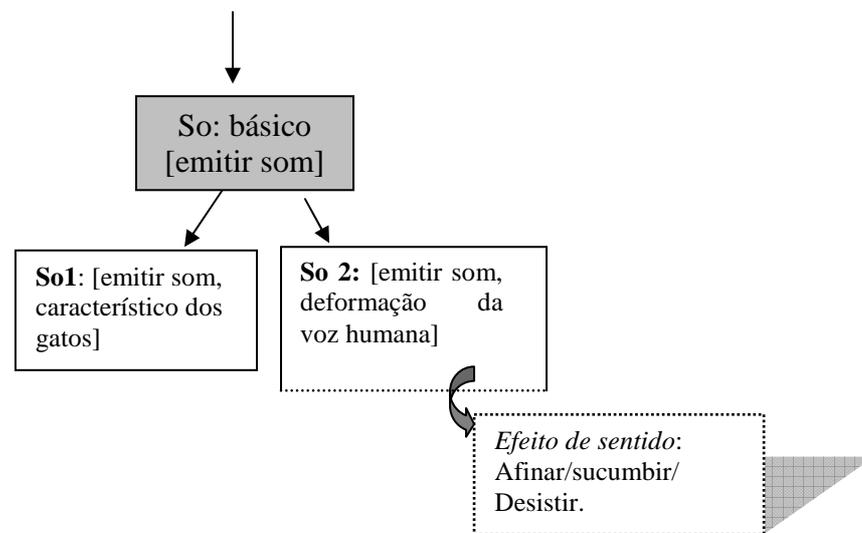
Em suma, a abordagem **CNS** apresenta um funcionamento que se mostra incompleto, na medida em que não é capaz de analisar, com propriedade, exemplos como:

- ✓ (1) “Tem gente que **miou**. Entrou Lampião e saiu Maria Bonita”. (**Renato Casagrande**, senador PSDB, um dos relatores do processo de cassação de Renan, insinuando que alguns colegas sucumbiram às pressões e absolveram o presidente do Senado. Veja 29/12/2007). (**Grifo nosso**)

Em uma definição, podemos encontrar dois elementos: (i) o termo a definir; (ii) a expressão pela qual o termo é definido. No entanto, uma boa definição deve explicitar as condições necessárias e suficientes para a aplicação correta do termo a definir. Ou seja, numa formulação de (1) temos que,

Figura 4: caracterização dos significados

“Tem gente que **miou**. Entrou Lampião e saiu Maria Bonita”.



Fonte: pesquisa da autora

Dessa maneira, os significados 1 e 2 caracterizariam condições sobre o enunciado, enquanto o efeito de sentido representa condições sobre a enunciação. Assim, em:

a) Tem gente (X) que miou /.../.

X mia, se **X** é gato ou gente.

A correlação possibilita duas inferências de teores diferentes.

b) Se **X** mia, então **X** é um gato (**possibilidade**), já que **X** poderia ser gente.

e

c) Se **X** é um gato, então **X** mia (**necessidade**)

Esse seria, portanto, um significado possível para miar, mas não é aquele que está sendo usado no exemplo acima. No enunciado *Tem gente que miou* temos, além dessa já destacada, existe outra propriedade analítica, porque *miar* pode representar uma deformação da voz humana. Sendo assim, podemos significar esse enunciado, também, da seguinte forma:

a) Tem gente (X) que miou/.../

b) Se **X[pessoa]** mia, então **X** deforma sua voz. (**necessidade**), já que não se trata da imitação da voz do animal. (pelo contexto)

e

c) Se **X** deforma sua voz, então **X** mia. (**possibilidade**) - já que poderia emitir outros sons como latir, rosar etc.

No entanto, como o modelo **CNS** prevê o cálculo do significado e não a produção de sentido, ele não abarca o efeito de sentido [afinar/sucumbir/ desistir] decorrente da interpretação do enunciado (1) e não do item lexical [miar].

Dito de outro modo, no enunciado (1), “miar” apresenta um significado que não está previsto, diretamente, nessa dimensão da deformação da voz humana. *Tem gente que miou*, em (1), significa *Tem gente que afinou/sucumbiu/desistiu...Ou seja*, representa uma forma de comportamento. Esse efeito de sentido é recuperado no nível sintagmático da sequência discursiva em que se torna possível prever uma comparação entre as vozes das personagens, que devem diferir, num ato físico, metaforicamente, pelo tom.

Nesse sentido, o significado *Tem gente que afinou/sucumbiu/desistiu* é um efeito de sentido decorrente da reinterpretação do So2 *deformação da voz humana*, porque **miar** pode significar não só afinar; **miar** também significa que alguém “amarelou”.⁷ Em outras palavras, a análise não é feita a partir do verbo *miar* e sim dos efeitos de sentido decorrentes do seu uso. Quando o enunciador diz que *Tem gente que miou*, podemos postular que ele quis dizer que *Tem gente que afinou* (inclusive a voz), sucumbiu, acovardou-se, e deixou de ser macho (Lampião), para

⁷ Perder a coragem diante de uma situação difícil. (HOUAISS, dicionário, versão eletrônica, 2007)

ser mulher (Maria Bonita). Assim, de acordo com o modelo CNS, temos que cada traço deve formar uma verdade analítica, então:

- a) *Miar* deve ter entre as propriedades analíticas sempre *emitir som, característico dos gatos*.
- b) *Miar* deve ter entre as propriedades analíticas sempre *emitir som, deformação da voz humana*.

É importante salientar que, na abordagem das CNS, o sentido será sempre descritivo, predicativo, representacional do referente. Sendo assim, o cálculo do significado é feito, levando-se em conta apenas as leituras possíveis e viáveis de um item lexical, avaliando a compatibilização dos elementos que compõem o enunciado e, o que está fora dele – a enunciação e, por conseguinte, os efeitos de sentido – não são previstos pelo modelo em tela.

Desse modo, o modelo CNS não satisfaz a pluralidade de sentidos que um termo pode evocar, porque não abrange a enunciação. E, no presente caso, se inserirmos uma condição pragmática, através da enunciação, teremos melhores condições de avaliar o enunciado em questão.

Então, para representarmos a leitura do enunciado (1), devemos ter o seguinte:

a) Tem gente (X) que miou/.../

b) Se **X [pessoa]** mia, então **X** deforma sua voz (**necessidade**)

e

c) Se **X** deforma sua voz, então **X** mia. (**possibilidade**)

Logo

a) X afinou/sucumbiu/desistiu (**inferência enunciativa**)⁸

⁸ Este aspecto será retomado no subitem 2.1.1 desta seção do trabalho.

Sendo assim, a definição dada em termos de CNS não é suficiente para o entendimento dos efeitos de sentido. Na verdade, os efeitos de sentido não farão parte de nenhuma definição de item lexical, mas emergem das circunstâncias enunciativas. Assim, é preciso ter um esquema válido para todas as definições que fizerem parte da matriz polissêmica do item lexical *miar*; então:

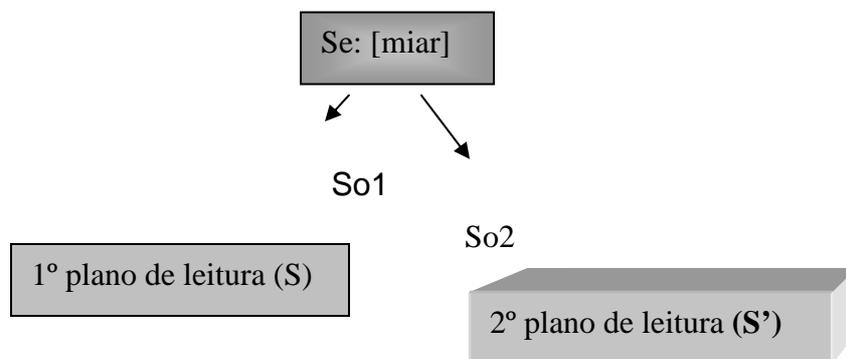
O Se [miar] deve comportar sempre os significados:

{So1: [emitir som, característico de gatos]}

{So2: [emitir som, deformação da voz humana]}.

Neste caso, torna-se pertinente supor que [emitir som, deformação da voz humana] seja o significado 2 para o item lexical [miar], porque se trata de uma operação linguística mais complexa, ou seja, uma metaforização. Teríamos, portanto, duas possibilidades de interpretação para [miar], o que nos leva a dois planos de leitura, a saber:

Figura 5: planos de leitura



Fonte: pesquisa da autora

Como o verbo *miar* é polissêmico, nas duas direções apontadas no exemplo no texto acima, então, o 1º plano de leitura não é cogitado para a frase em foco – em razão da restrição seletiva que vai exigir que o So2 tenha um sujeito marcado pelo traço [+humano].

Já o segundo plano de leitura (S') decorre de uma das descrições possíveis para *miar*. Nesse plano, um locutor-empírico instituído na enunciação, deseja que o

leitor interprete *miar* como afinar/sucumbir/desistir, porque podemos supor que haja uma comparação entre as vozes do Lampião e da Maria Bonita.

Dessa forma, a tentativa de descrição do funcionamento da composicionalidade explora o deslocamento dos planos de leitura (S) e (S'), mas concentra-se em explicar somente a relação entre as regras sintáticas e semânticas que geram os So1 e So2. Em outras palavras, e retomando a reflexão feita à página 32, como o modelo CNS é um modelo que prevê o cálculo do significado e não a produção de sentido, ele não abarca o efeito de sentido [afinar/sucumbir/desistir] decorrente da interpretação do enunciado (1). Dito de outro modo, a composicionalidade deixaria as coisas prontas, na medida em que se resume a captar as informações do léxico e agrupá-las, automaticamente, de acordo com as regras sintáticas. Neste ponto do trabalho, torna-se necessário discorrer a inferência enunciativa, fruto da enunciação (*afinar/sucumbir/desistir*), apontada acima.

2.1.1 Considerações sobre o funcionamento do princípio da composicionalidade.

Na análise dos mais diferentes tipos de textos, o olhar do leitor frequentemente se volta para a composição do enunciado como um todo. A necessidade premente de se atribuir significação e sentido ao objeto linguístico com o qual se depara, pode levar o leitor a pensar que os componentes sintáticos solucionam todas as possíveis dúvidas interpretativas, já que, ao elaborar um enunciado o usuário, geralmente, o formula sintaticamente, já pensando nos significados das palavras que o compõem.

Assim sendo, um exame minucioso das condições enunciativas do enunciado acaba relegado a um segundo plano. Com essa observação, não se tenciona negar a importância das regras sintáticas com as quais o enunciado foi produzido, para a sua compreensão, mas ressaltar o quanto a observação atenta do contexto na elaboração de um texto pode contribuir para a maior eficácia da interpretação textual, já que vimos, anteriormente, que a teoria da composicionalidade na abordagem das CNS não sustenta uma análise condizente e

mais *completa* do significado. Isso, porque, de acordo com essa abordagem, o princípio da composicionalidade requer um paralelismo entre as regras sintáticas e as regras semânticas e, por isso, não dá conta de todos os problemas relacionados ao significado. Em outros termos, cada regra sintática corresponde a uma interpretação semântica.

Sem dúvida, esta orientação conduz ao seguinte procedimento metodológico. Em um primeiro momento, a focalização de uma interpretação semântica necessita da definição dicionarizada das palavras. No entanto, deve-se levar em consideração que embora o dicionário forneça uma lista de possibilidades que vão, sem dúvida alguma, conduzir a interpretação semântica, estas não devem ser vistas como *entidades indivisíveis* dos conceitos oferecidos pela relação que mantêm com outros elementos composicionais.

Em outras palavras, a teoria da composicionalidade é um modelo de interpretação e produção de sentido baseado em cálculo: cada fragmento linguístico, ou cada palavra, contribui para o significado total da frase. Ou seja, o significado de uma expressão linguística, estrutura ou frase mais longa é calculado através do conhecimento do significado das suas partes. Cada vez que uma delas reaparece, é calculada novamente.

Sob essa ótica, poderíamos deduzir que o significado seria:

a) uma propriedade exclusiva das expressões linguísticas e se define em termos de referência e verdade, assim como independe dos indivíduos que o produzem;

b) o produto exclusivo do enunciado, e a ele se atém, não se estendendo à observação do contexto ou da pragmática

Sendo assim, de uma forma ampla, mas talvez bastante elucidativa, postulamos uma alternativa de funcionamento para o princípio da composicionalidade apoiando-nos na seguinte premissa:

a) o significado de um sintagma ou de uma sentença não deve ser determinado apenas pelos significados de suas partes componentes e pelas regras sintáticas de acordo com as quais esses elementos se confirmam.

Nesse sentido, devemos considerar os deslocamentos de sentido nos EPPs a partir de outro instrumental descritivo, a saber, o que considera que o sentido não é, apenas, composicional numa dimensão restrita, mas sim que ele é construído sócio historicamente. E isso tem uma dimensão composicional porque parte de traços. Ou seja, a revista leva para o enunciado os dados da cena enunciativa (nome do locutor, contextualização, data) que, passam a fazer parte do enunciado e por isso, são traduzidos composicionalmente.

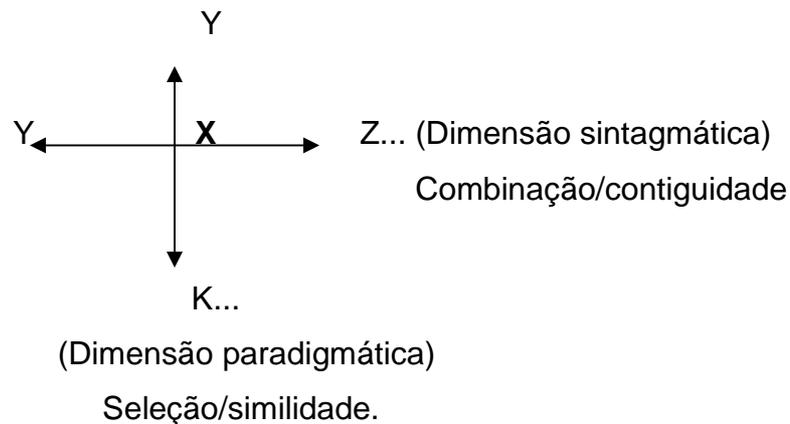
Sob esse foco,/os efeitos de sentido passam a ser vistos como ponto central na compreensão da significação. Mais que um fenômeno linguístico, eles seriam antes de tudo, uma propriedade inerente às línguas naturais:

./../ deslizamentos, lapsos, mal-entendidos, ambiguidades, não são os 'parasitas' da comunicação, ou os 'ruídos' sobre um fundo informativo claro, mas fazem parte integrante da atividade de linguagem (CULIOLI, 1984, p.75 99).

Assim, a significação não deve ser apenas uma remissão ao real, mas uma relação que se constitui historicamente, ou seja, que se constrói com os sentidos que circulam na memória de uma comunidade linguística no interior da própria linguagem, num determinado momento, e que é trazido à tona pelo acontecimento para que o enunciado em questão possa ser interpretado.

Dessa forma, acreditamos que devem ser agregados ao princípio da composicionalidade, além das regras sintáticas e semânticas, a dimensão enunciativa. Vejamos, com mais detalhes, como se daria tal procedimento:

A análise da composicionalidade determina uma estrutura para X em sua relação com Y, Z, K...

Figura 6: estrutura da composicionalidade

Fonte: pesquisa da autora

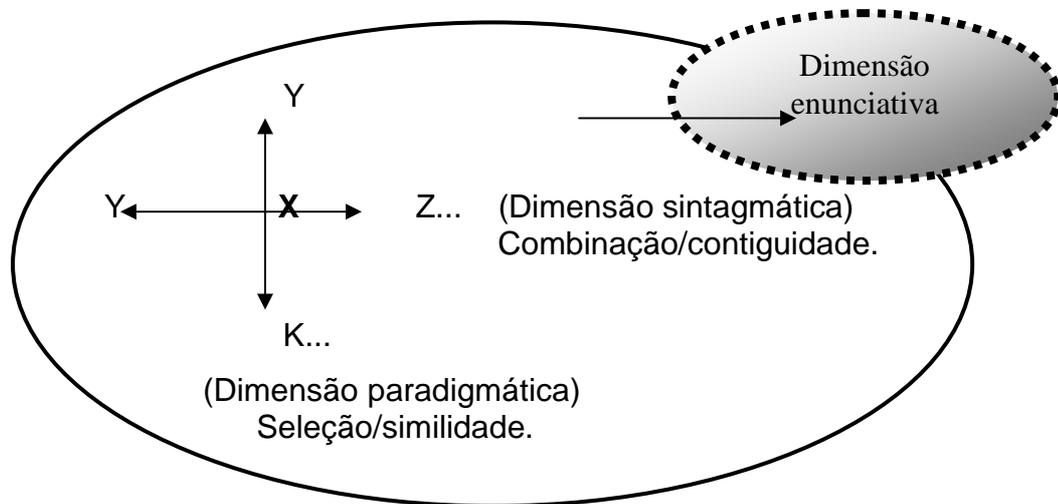
Os vários significados que um item lexical pode evocar se encontram na dimensão paradigmática. Sendo assim, dada uma estrutura, há um filtro que, a partir das relações lexicais que melhor se ajustam àquele uso (restrição seletiva), indica qual significado o falante deve selecionar como o mais apropriado. Essa dimensão é definida sem apelo à enunciação, ainda apenas no plano do enunciado.

No entanto, este funcionamento da composicionalidade não impede que todas as possibilidades de polissemia e vaguidão sejam esgotadas, já que o significado é uma condição geral para o uso e não uma condição específica. Em um determinado ponto, deveremos recorrer à enunciação para que a compreensão do enunciado seja feita de forma condizente e eficaz.

Sendo assim, assumindo que a função básica da linguagem é a comunicação/compreensão, a análise composicional do significado, apenas dentro de suas dimensões, não abrange a enunciação e, conseqüentemente, não capta os efeitos de sentido.

Sob esse prisma, o ponto crucial desta discussão é identificar em que extensão a composicionalidade restringe a compreensão dos enunciados, e depois sugerir uma alternativa para seu funcionamento. Para tanto, analisaremos os enunciados, demonstrando que, além das dimensões sintagmática e paradigmática, existe uma dimensão enunciativa a se levar em conta, como demonstra o esquema abaixo:

Figura 7: dimensões do enunciado



Fonte: pesquisa da autora

2.1.1.1 Princípio da composicionalidade e enunciação.

Iniciaremos esta argumentação, explicitando nosso posicionamento em relação a dois termos básicos deste estudo: enunciado e enunciação. Consideraremos o termo enunciado, aqui, segundo a Teoria da Enunciação, como o produto da enunciação. Quanto ao termo enunciação, ele tem sido definido, após Benveniste, como a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização. Outras perspectivas apresentadas pela da Análise do Discurso, no entanto, levam-nos a refletir mais sobre essa definição.

Apesar de o ato individual pelo qual o locutor utiliza a língua o introduzir em primeiro lugar como parâmetro nas condições necessárias da enunciação (BENVENISTE, 1989, p.83), acreditamos que a enunciação deve ser entendida também, de acordo com Bakhtin (2003), como um processo social o qual se relaciona ao interdiscurso não sendo apenas um processo individual ou intencional, mas também histórico e social, como propõem Pêcheux e Fuchs (1997).

Dito isso, passamos a responder à seguinte pergunta: quais são as condições enunciativas do enunciado (1) “Tem gente que miou. Entrou Lampião e saiu Maria Bonita”. (Renato Casagrande, senador PSDB, um dos relatores do processo de cassação de Renan, insinuando que alguns colegas sucumbiram às

pressões e absolveram o presidente do Senado. VEJA, 29/12/2007), que nos permitem fazer a inferência afinar/sucumbir/desistir?

Para tentar responder a essa questão, vale lembrar que é a partir da enunciação que os nexos de sentido dos discursos se fundem aos contextos, tempos e espaços socioculturais nos quais os indivíduos se inserem e seus discursos são formulados, em meio a múltiplos conflitos e diversidades de visão de mundo.

No presente exemplo, com dito anteriormente, temos elementos presentes no enunciado que nos possibilitam deduzir os So1: [emitir som, característico dos gatos] e So2: [emitir som, deformação da voz humana]. Isso é feito composicionalmente. Com tal análise, tudo o que, o falante precisa fazer é aplicar as regras fonológicas, morfossintáticas e semânticas que interiorizou na aquisição da língua para abstrair uma significação. O efeito de sentido *afinar/sucumbir/desistir*, no entanto, não é obtido, somente, por meio da interpretação do enunciado 1. Para a interpretação desse efeito de sentido, tornou-se necessário que recorrêssemos a outros elementos, tais como:

Suporte: revista Veja

Seção da revista: Veja Essa

Identidade do locutor: Renato Casagrande. (aqui chamado de locutor 1)

Papel Social: senador PSDB

Co-texto: No plano sintagmático o encadeamento do enunciado [...*Entrou Lampião e saiu Maria Bonita*], torna-se fundamental para a construção do sentido de *miar*, no exemplo em foco.

Ainda no plano sintagmático, o comentário da revista constitui o contexto do enunciado, definindo sobre quem e para quem, porque e em que situação se falou (Renato Casagrande, senador PSDB, um dos relatores do processo de cassação de Renan, insinuando que alguns colegas sucumbiram às pressões e absolveram o presidente do Senado. (VEJA, 29/12/2007). Assim, à medida que selecionamos elementos da cena enunciativa (suporte, identidade do locutor, contexto etc.), fundamentais para ajudar a construção do sentido do enunciado, temos a composicionalidade presente no plano da enunciação.

Além disso, o verbo *miar* no exemplo em pauta, é polissêmico, já que dois significados podem ser considerados: So1: *emitir som, característico dos gatos* e

So2: *emitir som, deformação da voz humana*. O segundo significado é garantido ao verbo em destaque pelo princípio da composicionalidade e por um processo de restrição seletiva. Esta interpretação mostra-se hegemônica, já que há uma troca do sujeito *gato* > *gente*.

No entanto, para que tenhamos uma interpretação do enunciado em questão em sua íntegra, torna-se necessário explicar o terceiro efeito de sentido dos enunciados - *afinar/sucumbir/desistir* -, conseguidos por meio do sentido atribuído a So2. Este efeito é da ordem da enunciação. Ou seja, esse sentido atribuído ao enunciado (1) requer uma condição enunciativa e histórica (personagens envolvidos) e não apenas uma compatibilização dos elementos, a consideração apenas das partes que o compõem.

Isso posto, torna-se necessário, então, levarmos em conta que o enunciado (1) foi veiculado na revista *Veja* em 29 de dezembro de 2007. Os temas abordados nessa revista dizem respeito ao dia a dia da sociedade brasileira e do mundo. Temas estes que envolvem e dão ênfase aos comportamentos e conflitos da sociedade.⁹

Já em relação seção *Veja Essa* o conteúdo temático encontrado é bem variado (enunciados de personalidades ligadas ao futebol, ao meio artístico, à moda e à política). Além disso, torna-se relevante assumir que a seção, assim como os demais atos de fala ali presentes, formatam uma ação de linguagem cujo propósito é comunicar a ocorrência de um fato.

E nesse contexto, a seção contribui efetivamente para representar uma relação dialética entre a legitimidade e a credibilidade, no sentido de que o tipo de discurso que a compõe se caracteriza exatamente pelo fato de o falante buscar se legitimar por meio da construção de sua credibilidade. Os discursos veiculados nessa seção são institucionalmente legitimados e possuem suas normas. Para 'vender' uma idéia, os mesmos possuem entrelaçamentos e estruturas linguísticas afinadas com uma espécie de tendência geral reinante, nas atuais sociedades de consumo ocidentais: pouco texto, imagens arrojadas, cores, legendas ou frases instigantes aludindo sempre a uma realidade que, parece dizer respeito ao real.

Diante disso, ao ser proferido pelo locutor, neste espaço discursivo da revista *Veja*, o enunciado 1 configura-se com outros interlocutores, outro contexto e

⁹ Esta informação aparece na seção *Ponto de Vista*, assinada por Roberto Civita, p. 146, na edição especial de 30 anos, parte da *VEJA* 1569, de outubro de 1998.

outra formação discursiva¹⁰, ou seja, aqui é instaurada uma nova enunciação. O proferimento do locutor 1 não é, portanto, um mero “reportar” daquele conjunto de enunciados da revista *Veja*. No espaço discursivo da revista, e mais especificamente da seção *Veja Essa*, esse enunciado adquire sua própria particularidade e se apresenta, então, como produto de uma nova enunciação. Ou seja, se as condições enunciativas satisfazem de forma clara um conjunto de traços indicativos, elas serão tomadas como características para um conjunto de possíveis atos de fala. Assim sendo, a dimensão ilocucional deve ser tomada como o nível mais elementar de processamento do valor pragmático-enunciativo dos enunciados.

Dito de outro modo, as ações praticadas via enunciados são de modo geral chamadas de atos de fala (AUSTIN, 1962), e, mais especificamente, de pedido, cumprimento, desculpa, convite, promessa, resposta, dentre outros. Esses diferentes tipos de atos de fala estão relacionados à intenção comunicativa do falante, quando produz seu enunciado. Segundo a teoria dos atos de fala de Austin (1962), há três tipos de atos que ocorrem simultaneamente:

Ato locucionário: dizer palavras pertencentes a uma determinada língua, dotadas de um significado convencional e com sentido e referência de acordo com o contexto e a intenção do locutor. São constituídos por três atos auxiliares: o ato fonético, de proferir certos sons; o ato rético, de proferir essas palavras sintaticamente organizadas e o ato fático, de proferir uma operação propriamente semântica.

Ato ilocucionário: é a força que o enunciado produz;

Ato perlocucionário: é o efeito produzido no ouvinte ao receber esse enunciado.

Todas essas noções são retomadas e sistematizadas por John Searle, primeiramente em *Speech acts* (1969) e depois em *Expression and meaning* (1979). Esse autor distingue, ainda, cinco grandes categorias de atos de linguagem:

a. os assertivos (mostram a crença do locutor quanto à verdade de uma proposição: afirmar, asseverar, dizer);

¹⁰ Uma formação discursiva (FD) condiciona os sujeitos por uma determinada ideologia que os regula quanto àquilo que podem ou não dizer em determinadas conjunturas histórico-sociais. É resultante das formações sociais e ideológicas que os indivíduos herdaram da interação com seu meio. Uma FD deixa desnudadas as opções políticas, religiosas, econômicas, sociais e ideológicas, entre outras.

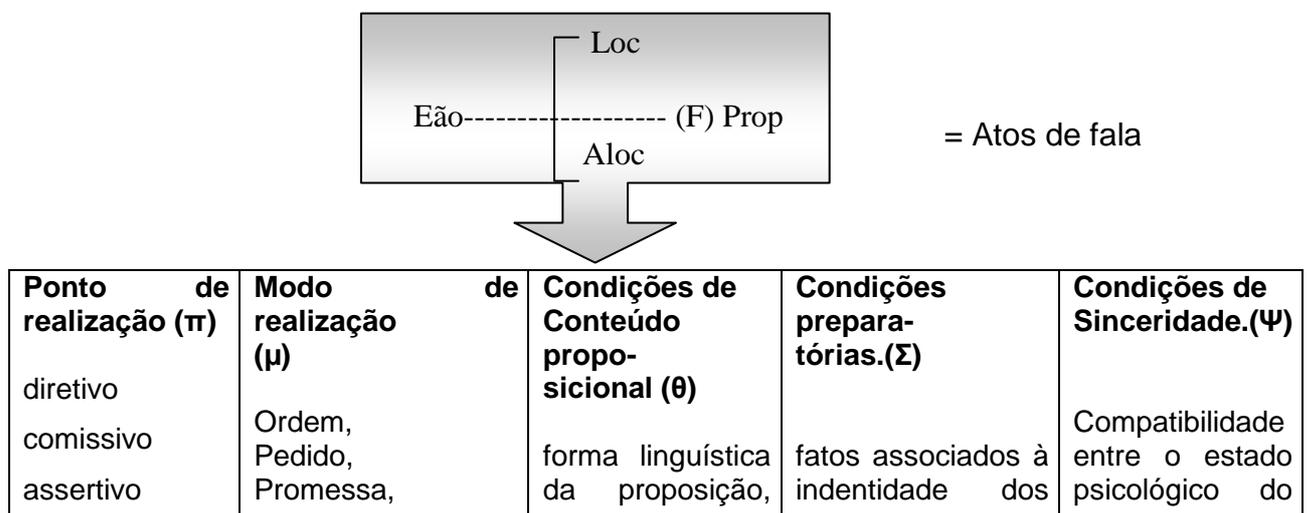
- b. os diretivos (tentam levar o alocutário a fazer algo: ordenar, pedir, mandar);
- c. os comissivos (comprometem o locutor com uma ação futura: prometer, garantir);
- d. os expressivos (expressam sentimentos: desculpar, agradecer, dar boas vindas);
- e. e os declarativos (produzem uma situação externa nova: batizar, demitir, condenar).

Searle postula que, ao se comunicar uma frase, realiza-se um ato proposicional (que corresponde à referência e à predicação, isto é, ao conteúdo comunicado) e um ato ilocucional (que corresponde ao ato que se realiza na linguagem). Assim, para Searle, enunciar uma sentença é executar um ato proposicional e um ato ilocucional.

Searle chama a atenção, ainda, para o fato de que não há uma correspondência biunívoca entre conteúdo proposicional e força ilocucional, dado que um mesmo conteúdo proposicional pode exprimir diferentes valores ilocucionais. A proposição *Maria, estude bastante*, por exemplo, pode ter força ilocucional de ordem, pedido, conselho etc.

Essa falta de correspondência biunívoca entre a estrutura sintática dos enunciados (declarativa, interrogativa, imperativa etc.) e o seu valor ilocucional (de asserção, pergunta, ordem, pedido etc.) levou ao estabelecimento de uma outra distinção no interior da Teoria dos Atos de Fala: a distinção entre atos de fala diretos e atos de fala indiretos:

Quadro 3: esquema atos de fala.



declarativo expressivo	Desejo, Juramento, Afirmação Exoneração, Nomeação, Cumprimento etc.	incluindo tempo verbal, propriedades de itens lexicais.	interlocutores e ao estatuto de um em relação ao outro	locutor e o conteúdo do ato proferido.
---------------------------	--	--	--	--

Fonte: material didático

Sob essa ótica, podemos, consoante Searle, levantar um questionamento:

Como é possível para o falante, dizer uma coisa, querer significá-la, mas também querer significar algo mais? E já que a significação consiste, em parte, na intenção de produzir no ouvinte a compreensão, grande parte desse problema é saber como é possível para o ouvinte compreender o ato de fala indireto quando a sentença que ouve e compreende significa algo mais. (SEARLE, 1995, p126. 48).

Acreditamos que, ao ouvir ou ler uma emissão, o falante torna-se capaz de perceber a intenção do locutor em função de um conjunto de informações contextuais. No exemplo em tela, ao dizer “Tem gente que miou. Entrou Lampião e saiu Maria Bonita”. (**Renato Casagrande**, senador PSDB, um dos relatores do processo de cassação de Renan, insinuando que alguns colegas sucumbiram às pressões e absolveram o presidente do Senado. (Veja 29/12/2007), analisamos o enunciado da seguinte maneira:

Ato indireto

Π : assertivo/expressivo

μ : crítica/ironia.

Σ : Senador do PSDB é um dos relatores do processo de cassação de Renan.

Ψ : certeza e dever de denunciar mudança de voto/posição.

Assim, em razão das condições preparatórias Σ (identidade do interlocutor), das condições do conteúdo proposicional θ (Tem gente que miou...), o enunciado traz uma orientação para a ironia com o intuito de veicular a crítica, pelo fato de a compreensão final do ato não estar unicamente situada no enunciado, mas também nas condições enunciativas que o envolvem.

Ou seja, quando o locutor proferiu o enunciado (1), seu dizer foi confrontado com um estado de coisas existentes e um conjunto de crenças, desejos e expectativas. Dessa forma, apoiando-nos nesses elementos enunciativos pudemos deduzir que “miar” no enunciado 1, corresponde a um tipo de comportamento e não a uma deformação da voz humana. Em outras palavras, a condição pragmática não nos permite apenas estabelecer as condições enunciativas a partir da situação, mas também ter suporte para a análise de tais condições.

Então, para uma compreensão das condições de produção de um enunciado torna-se imprescindível analisá-lo, também, de acordo com sua proposição e sua força ilocucional, ou seja, analisá-lo como ato ilocucional, pragmaticamente.

Nessa perspectiva, a compreensão pragmática se dá paralelamente ao processo relativo de compreensão semântica, no qual o discurso e o conhecimento semântico das condições enunciativas são importantes para a interpretação da sentença.

Dessa forma, de acordo com o modelo CNS, para efeitos de significado próprio que o item lexical [*miar*] gera, não importam os atributos acidentais, no presente caso, *afinar/sucumbir/desistir*, porque esses elementos representam os efeitos de sentido para o enunciado, eles próprios não podem representar atributos para a significação do item lexical [*miar*]. Nesses termos, o sentido que atribuímos ao enunciado (1) é dependente da enunciação, pois requer uma condição enunciativa e histórica (personagens envolvidos).

Em suma, de modo geral, e retomando uma questão que foi abordada no início deste trabalho, vimos que a tentativa de descrição do funcionamento da composicionalidade explora o deslocamento dos planos de leitura (S) e (S'), nos casos polissêmicos, mas concentra-se em explicar somente a relação entre as regras sintáticas e semânticas que geram os significados no interior do sistema linguístico, deixando fora de seu domínio as regras de projeção que nos dão os efeitos desejados para uma compreensão mais eficiente.

Torna-se importante salientar que não colocamos em jogo a composicionalidade e sim seu funcionamento, já que seu princípio padrão não dá conta de todos os problemas relacionados ao significado.

Desse modo, postulamos, numa primeira tentativa, que o princípio da composicionalidade carece de uma dimensão enunciativa, já que a construção do

sentido pressupõe a situação, o ambiente, no qual se situam o falante e o ouvinte, de modo que o discurso está circunscrito ao espaço e ao tempo.

Assim entendido, o significado não reside na forma, temos o poder de alcançá-lo por meio de grandes “redes” que envolvem nosso conhecimento cultural e social.

3 ENUNCIÇÃO E EXPERIENCIAÇÃO LINGUÍSTICA

"Nós iremos priorizar duas questões muito importantes: o tratamento da água e o esgotamento sanitário."
Dilma Roussef, preocupada com o meio ambiente, na Baixada Fluminense. (Veja 31/10/2010)



3 ENUNCIÇÃO E EXPERIENCIAÇÃO LINGUÍSTICA

A comunicação linguística, motivada pela interação social, não existe fora de um contexto particular, no qual a linguagem é apenas um dos vários fatores a ser considerado.

Sendo assim, na utilização que fazem da sua língua, os falantes usam certos conhecimentos que lhes são facultados pela situação. Na prática, são esses conhecimentos, entre vários outros, que efetivamente lhes permitem 'inferir' mais facilmente o significado da mensagem, quer do ponto de vista da produção, quer da recepção.

Como as teorias lingüísticas mais recentes têm procurado demonstrar, a competência linguística dos falantes não é suficiente para a codificação e a decodificação das mensagens em situação de uso. Já que existem aspectos do significado que não são determináveis apenas a partir da composicionalidade das expressões ou frases, isto é, a partir do significado veiculado por uma frase, considerando o significado das suas palavras e expressões e os nexos semânticos estabelecidos entre elas e levando em conta, também, a própria construção sintática.

Além de compreenderem o significado das palavras e frases articuladas pelos seus interlocutores, os falantes, normalmente, também tentam compreender os efeitos de sentido dos enunciados, considerando que o efeito de sentido consiste em projetar o enunciado em uma cena enunciativa, ou ainda, em relacioná-lo às suas condições de produção.

Então, pode existir uma discrepância entre os resultados de diferentes análises do significado de um enunciado, nomeadamente quando esse é descrito a partir de um modelo formal, ou quando este é objeto de uma descrição menos convencional, feita com base na função do enunciado no discurso, ou seja, com base naquilo que o falante *quer dizer*, a intencionalidade. Aquela discrepância fica visível em alguns Enunciados Proferidos por Políticos (EPPs), *corpus* desta pesquisa. Para evidenciar essa visibilidade, ilustraremos com o exemplo a seguir:

(1) “O governo começa o ano **esticando a corda**” (José Agripino Maia. Líder do DEM no senado. Veja 09/01/08)

Neste enunciado é utilizada uma expressão idiomática, *esticar a corda* cujo sentido é *reduzir os gastos*. Ao assumirmos que uma expressão idiomática caracteriza-se pela leitura não composicional, estamos assumindo que o sentido dos itens lexicais que a compõem é referencial e único. No enunciado acima, denotativamente/composicionalmente teríamos estes sentidos:

Esticar = tornar distendido

Corda = feixe alongado de grossura e comprimento variáveis.

Uma vez que, no contexto acima, o sintagma verbal “esticar a corda” é uma expressão idiomática, assumimos que ela já tenha sido lexicalizada na língua com um significado próprio. Assim sendo, já não mais se admitiria o princípio da composicionalidade como critério para sua avaliação isolada. No entanto, vimos por bem avaliar se a composicionalidade desse item lexical complexo, somada aos outros elementos da frase, seria suficiente para justificar o seu sentido a partir da sua condição de expressão idiomática. Concluímos que sim, que, no caso em tela, aliada aos outros elementos da frase, a composicionalidade do item lexical complexo contribuiu para a interpretação de “esticar a corda” como uma expressão idiomática.

Neste ponto do trabalho, faremos um recorte para retomarmos, em linhas gerais, uma questão que foi abordada em nossa dissertação¹¹ e que, a nosso ver, já aponta para uma dimensão enunciativa que será retomada em outra seção deste trabalho.

Pode-se dizer que a análise da produção e compreensão do significado das EIs, ou seja, o modo como as partes de uma EI se relacionam para formar seu significado global, tem sido pautado, até hoje, pelo pressuposto de que o significado de uma EI não é obtido por meio da soma dos significados de suas partes isoladas, mas é o resultado de uma interpretação da EI vista como um signo linguístico.

¹¹ Estudo das expressões idiomáticas do português do Brasil: uma proposta de sistematização. Defendida em 2007, sob a orientação do prof. Dr. Hugo Mari.

Sabemos, ainda, que na língua a relação significante/significado não é estável, o que indicia a marca do sujeito, por exemplo, no processo de ‘escolha’ de uma EI durante a enunciação.

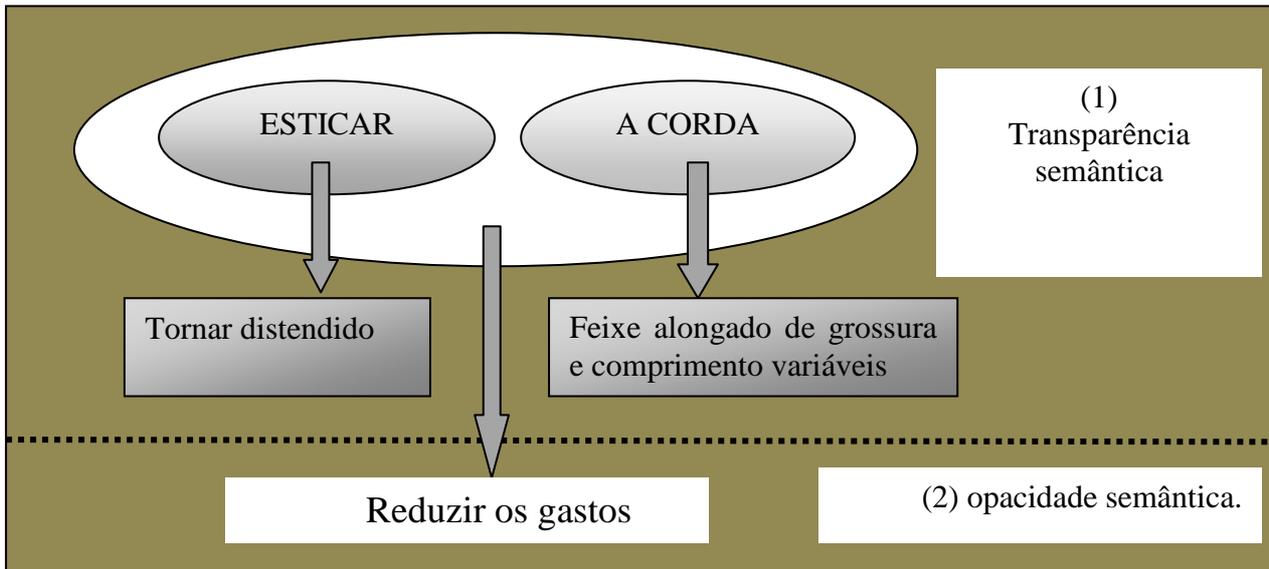
Em outras palavras, podemos dizer que a presença de uma EI é uma marca do sujeito, visto que nada há na determinação sintática do enunciado que leve à sua presença. No exemplo em pauta, por se tratar de um discurso pertencente à área econômica, poderíamos esperar que o sujeito optasse por “economizar”, “reduzir”, o que levaria a uma compreensão mais imediata. A EI, mesmo sendo um item lexicalizado, tem uma circulação menor e não possui a mesma extensão de compreensão de “economizar”, “reduzir” etc. Então, a decisão de uma escolha como a do enunciado “O governo começa o ano esticando a corda”, já aponta para uma dimensão crítica, veiculada pela ironia que o autor do texto coloca na enunciação e que se reflete nos enunciados do enunciador/sujeito do discurso.

Segundo o princípio da composicionalidade, o significado sentencial seria resultante da “seleção” de um significado dentro de um leque pré-definido de significados possíveis das palavras que formam a sentença quando consideradas isoladamente. Isso exemplifica, grosso modo, o padrão de raciocínio da composicionalidade: a construção de conceitos complexos partindo de conceitos mais simples. A partir da aplicação de critérios formais às sequências, pode-se afirmar que uma sequência de palavras é composicional quando, naturalmente, cada elemento deve poder ser substituído por outros – princípio paradigmático que é válido, também, para uma EI -, e “quando, normalmente, o significado da expressão total resulta do significado de suas partes componentes – computadas aí relações sintagmáticas e propriedades lexicais” (MARI, 2006). No entanto, os elementos que fazem parte de uma EI, em sua maioria, não estão em relação paradigmática.

A noção de composicionalidade tem a ver com a possibilidade de se “deduzir” o significado de uma sequência, a partir dos significados dos seus componentes. “Deduzir quer dizer calcular por um processo que pode ser formalizado. No caso da composicionalidade das sequências linguísticas, trata-se de um processo que deve ser associado a uma construção sintática”. Assim, para que uma sequência seja composicional, deve haver transparência semântica, aqui entendida como a proximidade do significado total da expressão com o significado dos seus componentes isolados, enquanto que a opacidade seria a impossibilidade da proximidade do

significado total da expressão com o significado dos seus componentes isolados. Este processo pode ser visualizado no esquema abaixo:

Figura 8: esquema ilustração do processo semântico



Fonte: pesquisa da autora

Segundo esse esquema, o sentido proposto (não idiomático), representado por (1) é obtido acionando os elementos individuais da expressão. Isso faz com que haja uma transparência semântica, já que os valores dessa expressão se voltam para os valores individuais dos elementos que a compõem, *esticar* + *a* + *corda*. Do contrário, a expressão funcionaria como um bloco (2) e passaria a ter seu significado reconhecido através dos valores da unidade “esticar a corda”. Neste caso, há uma opacidade semântica entre as partes que compõem a expressão e seu significado total.

Retomando uma formulação de Williams (1994), também abordada em nossa dissertação, há uma assimetria entre a produção sintática V+art+N e a interpretação semântica que se faz da expressão *esticar a corda*. Essa expressão passa a assumir, nesse enunciado, um significado que não é adquirido a partir da somas de suas partes e, assim sendo, pode ser descrito composicionalmente.¹²

¹² Para maiores detalhes sobre a descrição das EIs em termos composicionais ver *Estudo das expressões idiomáticas do português do Brasil: uma proposta de sistematização*. (RAPOSO, K.C.S, 2007)

Entretanto, de acordo com Mari, 1998,

[...] o significado que atribuímos a objetos, em geral, não representa uma totalidade **a priori**, mas decorre de um processo de aglutinação de unidades, resultando em matrizes conceituais, com graus diferentes de especificidade, mas capazes de selecionar aspectos da realidade[...]. Dessa forma, a composicionalidade é um instrumento formal, através do qual podemos definir parte da nossa atividade de **perceber e de pensar**. (MARI, 1998, p. 51 - 65)(Grifos nossos)

A partir dessa formulação, torna-se oportuno estender o escopo da noção de composicionalidade para além da estrutura do enunciado.

Ao categorizarmos, nós nos referimos a traços que *decorrem de um processo de aglutinação de unidades*, ou seja, a forma como teorizamos sobre alguns elementos é feita a partir de um processo composicional. Quando pensamos nos Atos de Fala, por exemplo, verificamos que a força ilocucional se faz representar por elementos que derivamos tanto do plano da enunciação quanto do enunciado. A força opera, assim, a partir de um conceito complexo que é constituído por vários elementos (ponto, modo, condições preparatórias, condições de sinceridade) o que resulta em um processo composicional.

Além disso, consoante Searle (1969), a força ilocucional é uma função da significação do enunciado e por isso podemos assumir que ela esteja na interface entre enunciado e enunciação, o que nos permite avançar, no que diz respeito à noção da composicionalidade, extrapolando o nível do enunciado.

3.1 Pragmática e discurso.

A Pragmática constitui uma disciplina recente da linguística que se concentra em examinar a utilização da linguagem, da ação discursiva, dentro da perspectiva da comunicação. Ela é definida, hoje, como uma disciplina independente, mas complementar da linguística. Sua autonomia não é simplesmente justificada por razões conceituais ou teóricas, mas, sobretudo, por razões empíricas. Nesse sentido, a pragmática, como estudo do uso da linguagem, tem por objetivo

[...]explicar como os interlocutores 'se assumem' para compreenderem o *querer-dizer* do locutor, a saber, a significação intencionada.¹³ (SPERBER; WILSON, 1989, p. 45)

Sob esse prisma, o uso que os falantes fazem da linguagem, quer na codificação, quer na decodificação, obedece às escolhas e restrições de interpretação facultadas pela enunciação dentro da qual se encontram envolvidos.

O conhecimento das regras e princípios que regulam a língua em situação de uso está, grosso modo, para além do conhecimento gramatical dessa mesma língua. As descrições linguísticas mais formais têm se descuidado desses aspectos, preocupando-se, sobretudo, com a chamada competência linguística. Por sua vez, a competência comunicativo-discursiva para a qual não concorrem apenas aspectos formais e estruturais, mas também sociais, ideológicos e comunicativos, tem sido objeto de estudo da pragmática.

Nesse sentido, os aspectos centrais para a comunicação que podemos definir como pragmáticos incluem uma série de fatores discursivos tais como:

- ✓ O que é dito;
- ✓ o modo como é dito (modalizadores);
- ✓ a intenção com que é dito;
- ✓ os papéis sociais dos participantes;
- ✓ as identidades dos participantes;
- ✓ as atitudes, os comportamentos, as crenças e desejos dos participantes;
- ✓ as relações que se estabelecem entre os participantes.

Todos esses aspectos são espaço-temporalmente localizados e representam, no momento da produção linguística, fatores constitutivos do contexto situacional, que ajudam a configurar a própria produção linguística, permitindo que o significado pragmático, isto é, aquilo que o falante quer dizer, não coincida, sempre e exatamente com o significado do enunciado.

¹³ Do original : expliquer comment les interlocuteurs s'y prennent pour comprendre le vouloir-dire du locuteur, à savoir la signification intentionnée"

Assim, para além do fato de não haver uma correspondência sempre direta entre o que o falante quer dizer com o seu enunciado e o que efetivamente diz, existe também a possibilidade de o falante apenas insinuar o que quer dizer. Dessa forma, o objetivo da comunicação fica sugerido e associado ao seu enunciado. Trata-se de casos em que o falante implica, sem enunciar o que quer dizer. Analisemos o seguinte exemplo:

(2) “Se fosse por importância econômica, seria melhor criar o Ministério da Banana, que movimentava 7 milhões de toneladas por ano.”

Se olharmos atentamente para o enunciado acima, mesmo que considerando alguns elementos presentes que soam de modo estranho como o sintagma “ministério da banana”, por exemplo, verificamos que não podemos dizer, com toda certeza, que nele se embute uma ‘crítica’. No entanto, ao tomarmos este mesmo enunciado, se desvelamos informações adicionais que encenam o contexto,

(2a) “Se fosse por importância econômica, seria melhor criar o Ministério da Banana, que movimentava 7 milhões de toneladas por ano.” (José Aníbal, deputado federal (PSDB-SP) criticando a criação do Ministério da Pesca. Revista Veja 18/10/2006

como a fonte e o locutor, podemos constatar que não se trata apenas de uma assertiva por parte do locutor - mesmo porque há a presença de duas condicionais nos enunciados: *se fosse por importância econômica*, (mas não é) e *seria melhor criar o Ministério da banana* (que jamais será criado por razões óbvias) – mas também, na cena enunciativa, de uma crítica ao governo veiculada pela ironia que afirma nos enunciados e nega na enunciação. E ainda, diríamos até mesmo que há sarcasmo pelo desdém/desprezo do enunciador que tenta, em vão, se esconder nas fendas entre os enunciados e a enunciação. Isto acontece, não porque as afirmações acima registradas foram enunciadas pelo locutor, mas porque há implicaturas que se encontram ligadas a certas características do discurso e que dependem do contexto situacional em que ocorrem. Nesse caso, há uma implicatura

do locutor (jornalista) com o enunciado que codifica e facilita a compreensão por parte do leitor.

Sob esse ângulo, dado um discurso enquanto um ato enunciativo que afirma ou propõe algo sobre a realidade, como a descrição de estados de coisas – *a produção de bananas que movimenta 7 milhões de toneladas por ano* -, por exemplo, e o estabelecimento de relações interpessoais e a expressão das vivências do usuário da linguagem compartilhados pelos interlocutores, é possível, grosso modo, formularmos algumas perguntas, cada uma com suas próprias implicações; podemos

a) de um lado, questionar qual é o grau de correspondência existente entre o enunciado e o estado de coisas? A preocupação aqui é a existência ou possibilidade de um perfeito acordo entre a ordem discursiva e a ordem real dos eventos, sob a hipótese de que, utilizando-se dos recursos próprios da linguagem, alguém - por má fé ou ingenuidade - pode não só mentir, como também (tentar) escamotear a verdadeira ordem dos fatos;

b) por outro lado, perguntar como esse discurso está organizado, como funciona internamente e, conseqüentemente, como é capaz de produzir um sentido possível e comunicável, estabelecendo inclusive as condições do estabelecimento dos valores de validade de suas pretensões de verdade.

Em outras palavras, podemos questionar: que propriedades atribuímos a uma opinião ou a uma afirmação, quando dizemos que ela é verdadeira? Essas são, nas suas formulações mais despojadas, as perguntas que motivam a presente seção deste trabalho.

Nesse sentido, uma questão habitualmente discutida entre os filósofos é saber que espécies de coisas são, ou podem ser, verdadeiras.

Assumindo-se que a verdade é uma propriedade, pretende-se saber de que entidades é ela uma propriedade. A pergunta formula-se assim: quais são os portadores ou veículos da verdade? Mais do que nos seus portadores, nosso interesse principal está na propriedade que lhes atribuímos, considerando obviamente, que ambos os aspectos são indissociáveis. No entanto, a prática comum considera como portadores de verdade uma série de coisas diferentes –

opiniões, crenças, notícias, confissões, afirmações, frases, teorias etc. – e, em princípio, não vemos razão alguma para aceitar umas e rejeitar outras.

Parece-nos que o que faz uma frase ser verdadeira, por exemplo, não é muito diferente daquilo que faz ser verdadeira uma afirmação. É plausível esperar que, se compreendêssemos o que é a verdade para um daqueles portadores, facilmente compreenderíamos também o que ela é para os demais. No entanto, isso não exclui a possibilidade, ou até a urgência, de outras opções metodológicas: se virmos que há mais probabilidade de se chegar a um resultado, tomando por objeto um tipo específico de portadores, é por esse caminho que devemos começar.

Para elucidar tais questões, faz-se necessário analisar, em linhas gerais, as teorias da verdade, a saber: 1) correspondência ou concordância; 2) coerência ou validade; 3) redundância e 4) semântica, tentando identificar o que seria a verdade nessas dimensões.

E, por fim, propomos uma abordagem mais vertical sobre a verdade, a verdade pragmática, teoria coerente com nossa proposta.

3.1.1 As teorias da verdade nas línguas naturais.

Antes de ser verdade jornalística, política etc., a verdade já há de ser verdade, simplesmente. É, pois a essa anterioridade conceitual que temos de retornar, quando pretendemos descobrir o que se pode entender por verdade, independente do domínio no qual ela se insira.

Trata-se, antes de qualquer coisa, de indagar se alguma das teorias da verdade atualmente disponíveis revela-se suficientemente rigorosa, fiável e útil, quando o que está em causa é saber, afinal, de que verdade falamos quando falamos verdade. Será que as verdades correspondem aos fatos? O que são fatos? Poderemos traçar um rígido limite entre o relato de um fato e o fato em si mesmo? Estaremos aí perante uma só verdade ou verdades diferentes? Que critério ou critérios nos permitirão estabelecer o que é verdade? Eis algumas das questões que têm levado filósofos, lógicos, dentre outros estudiosos, a tentar dizer a verdade acerca da verdade, numa tarefa cuja natural dificuldade é agravada pela circunstância de, como lembra Daniel Dennett (1997), a verdade tender “a transformar-se na Verdade – com V maiúsculo”.

Entre as teorias tradicionais de verdade, encontramos, por exemplo, aquela que é talvez a explicação mais natural e popular da verdade, a *teoria da verdade como correspondência*, segundo a qual, a crença será verdadeira se e só se existir um fato ou realidade que corresponda àquela crença. Permanece porém, a dificuldade de não especificar o que são *fatos* nem explicitar a natureza de tal *correspondência*. Já a *teoria da verdade como coerência*, remete-nos à noção de que uma crença é justificada ou verificada quando é parte de um sistema de crenças que seja consistente e harmonioso. Só que a verificabilidade e a verdade, embora fortemente correlacionadas, não são, seguramente, a mesma coisa e pode, por isso, acontecer que uma proposição seja falsa, apesar de haver boas razões para se acreditar nela, ou que seja verdadeira, mesmo quando não somos capazes de descobrir que ela o é.

A teoria da verdade *pragmatista*, por sua vez, postula uma estreita relação entre utilidade e verdade, ao associar a natureza desta última à ideia de que as crenças verdadeiras são uma boa base para a ação. Mas também, nessa teoria, há que se reconhecer que, com alguma frequência, ações baseadas em crenças verdadeiras conduzem ao desastre, enquanto que suposições falsas podem redundar, acidentalmente, em excelentes resultados.

Embora reconhecidas dentro da sociedade do conhecimento, essas teorias não têm o mesmo peso teórico. É comum entre os estudiosos, por exemplo, alguns assumirem que a teoria da verdade por *correspondência*, apesar de todas os problemas que apresenta, é a mais disseminada, em razão do seu alcance e fácil trânsito em muitas disciplinas. Além disso, a distinção entre um campo teórico e outro costuma ser muito tênue, pois há abordagens que recorrem a padrões de outras, com algum outro tipo de formulação mais próximo.

Versões da teoria da *correspondência*, por exemplo, foram defendidas por Wittgenstein, Russell, Austin, Searle, entre outros. Apesar das distinções, o pressuposto básico dessa teoria é que a verdade de uma proposição consiste em sua relação com o mundo, isto é, em sua correspondência com os fatos ou estados de coisas. Dessa forma, sendo **S** uma sentença qualquer (ou afirmação, crença, proposição etc.), eis a formulação básica:

S é verdadeira se e somente se corresponde a um fato.

De acordo com essa teoria, portanto, as afirmações procuram descrever como são as coisas no mundo, e tais afirmações serão verdadeiras ou falsas, em função de as coisas serem realmente como elas dizem que são. Sobre esse aspecto Walker (2005) diz:

[...]como uma explicação sobre aquilo em que consiste a verdade, ela (a teoria da correspondência), sustenta que a verdade de p consiste numa relação de correspondência entre p e os fatos. Ela também sustenta que se esta relação é obtida ou não, tem-se um fato. (p.318)

Ou seja, a teoria da correspondência não é uma teoria sobre os fatos, mas sobre a verdade dos fatos e pretende avaliar o conceito de verdade entre uma proposição e os fatos, já que postula uma relação entre linguagem e realidade.

Diferentemente da teoria da correspondência, a da *coerência* compara enunciados com enunciados e não palavra e mundo, proposição e realidade. Esta teoria entende que a verdade consiste em relações de coerência num conjunto de crenças. Assim,

S é verdadeira se e somente se é coerente com um sistema de proposições ou crenças.

A ideia básica da teoria da coerência é a de que uma proposição é verdadeira quando pode ser avaliada, por exemplo, por meio da compatibilidade entre as sentenças que asseguram uma pergunta e uma resposta. Essa é, portanto, uma teoria sobre os fatos, pois ela precisa determinar sob que circunstâncias esses são alcançados de forma coerente por uma proposição e, ao fazê-lo, ela atesta a coerência entre a proposição e os fatos, o que faria dela também uma teoria da verdade por correspondência.

Já a verdade por redundância não chega a ser uma teoria sobre aquilo que a verdade representa, mas uma abordagem que propõe discutir o que significa a expressão 'ser verdadeiro'. Dito de outro modo há em torno dessa teoria uma questão meta-teórica que se baseia na constatação de que enunciados do tipo "p é verdadeiro" podem ser substituídos por enunciados do tipo "p" sem que nada seja perdido.

Por sua vez, a teoria semântica da verdade propõe um critério para o reconhecimento do valor-verdade de uma sentença, baseado no critério da verdade em L (ou verdade em um modelo) (TARSKI, *apud* WALKER, 2005). A discussão central do autor demarca uma preocupação em separar linguagem objeto de metalinguagem. Isto é, de acordo com essa teoria, para que se possa formular teorias sobre a linguagem é necessário, a fim de evitar paradoxos semânticos, distinguir a linguagem de que se está falando (linguagem-objeto) da linguagem que se está usando (metalinguagem). Tarski “deu grande importância a esta distinção entre metalinguagem e linguagem objeto, por estar ansioso para evitar problemas levantados por paradoxos como “esta sentença é falsa” (WALKER, 2005, p.326)

Talvez, uma das maiores contribuições da proposta Tarski tenha sido sugerir que uma teoria semântica da verdade deveria distinguir dois níveis de significação: aquela circunscrita a uma linguagem objeto e a outra à metalinguagem. Neste nível, ele formula o operador condicional ‘se e somente se’ e procura eliminar o termo verdadeiro. Para tentar exemplificar isso, tomemos uma sentença da linguagem objeto. A condição material da adequação de Tarski, entendida também como a convenção T ou o esquema T, afirma que toda a teoria viável da verdade deve envolver, para cada sentença de uma linguagem, que: "S" é verdadeiro se, e somente se, S é verdadeiro . Vejamos o tradicional exemplo do próprio autor:

‘A neve é branca’ se e somente se a neve é branca.

Para muitos autores, Tarski traz uma solução formal para o problema da verdade, mas isso está longe de ser uma explicação necessária para o uso que fazemos de verdade, quando a associamos a sentenças em uma língua natural. Assim, fica claro que o que esse autor pressupõe é uma linguagem que funciona univocamente, ou seja, uma linguagem em seu funcionamento formal, independente do modo como os seus usuários a compreendem e empregam. O conteúdo, o que é dito em tal linguagem, é abandonado. Tarski se interessa apenas pelo *como é dito*. Entretanto, o autor sugere que sua teoria deve ser vista como uma possibilidade de extensão para a análise dos fatos semânticos de uma língua natural.

A teoria pragmática da verdade, por sua vez, define a verdade em termos de utilidade, isto é, daquilo que é desejável ou tem consequências úteis para aquele que crê na proposição tida como verdadeira. É que no Pragmatismo a verdade está

completamente associada ao entendimento humano e, em geral, às ações futuras dos interlocutores. Logo, se associada ao pensamento humano, ela está, também, associada com o uso - à práxis - que dela se faz. Se o conhecimento da verdade, então, está associado com a prática, logo a verdade tem de ser útil para essa prática. Em síntese:

S é verdadeira se é útil aos nossos fins ou obtém sucesso.

A concepção pragmática da verdade se deve basicamente a Peirce, um dos grandes lógicos e filósofos do século passado, o criador do pragmatismo. Peirce (1965) propõe: “considere que efeitos práticos concebemos que o objeto de nossa concepção tem. Então, nossa concepção desses efeitos constitui o conteúdo total de nossa concepção desse objeto (PEIRCE, 1965, p. 31). Esta afirmação pode ser claramente interpretada como: a verdade pragmática de uma proposição depende de seus efeitos práticos, supondo-se, naturalmente, que esses efeitos sejam aceitos como verdadeiros, ou falsos, no sentido comum da palavra ‘verdade’.

Então, pode-se dizer que a teoria pragmática, nesta circunstância, tem como uma de suas preocupações analisar o comportamento do alocutário diante de uma pergunta, como:¹⁴

(3) “Estou pasmo. O presidente estava sóbrio?”
(Heráclito Fortes, senador (DEM-PI), ao saber da fala do presidente.)

A pergunta aparece como uma provocação. O enunciado (3) não pressupõe a existência de um fato – como é o caso das assertivas -, ele apenas o projeta, mas isso não deixa de fazer dele um fato como outro qualquer.

Nessa linha de pensamento, para Strawson (1992) a verdade ou falsidade de uma sentença-tipo¹⁵ como:

¹⁴ Revista Veja, 22/07/2009

¹⁵ Strawson (1982) discute a questão da verdade ou falsidade de uma sentença a partir do conceito de *sentença-tipo* que, no nosso entendimento, pode ter o seu uso reiterado com o mesmo significado, mas que quando usada por diferentes pessoas em diferentes ocasiões, assume aplicação e referência também diferentes.

(4) “Deputado, o senhor não sabe que 90% dos parlamentares recebem uma beirada nas emendas?”. (Senador Ney Suassuna, durante a CPI dos sanguessugas),

não requer apenas a presença ou a ausência de certa naturalidade do seu significado advindas das regras sintáticas e semânticas que o constituem, mas sim “das coisas sistematicamente variáveis que as pessoas dizem e as proposições que expressam quando enunciam essas sentenças em ocasiões diferentes”. (p.194).

Diante disso, a verdade/falsidade desta sentença não pode depender, exclusivamente, das circunstâncias linguísticas que asseguram a correlação entre seus elementos componentes, quais sejam: 90%, taxa proporcional calculada sobre uma taxa de 100 unidades, *receber*, tipo de ação, *beirada*, parte de um todo. Nesses termos, o valor-verdade da sentença seria:

(5) ¹⁶	“Deputado, o senhor não sabe que 90% dos parlamentares recebem uma beirada nas emendas?”.	Prop 1: = [justificativa de envolvimento em atos ilícitos] é V
		Prop 2: = [relato sobre um fato corriqueiro entre os parlamentares] é V.
		Prop 1 e Prop 2 = condições de verdade de (4)

Assim, podemos afirmar que

(5) é <i>intencionalmente</i> V ---	Eão de (4) implica a proposição 1 no contexto 1- CPI, por exemplo.
	Eão de (4) implica a proposição 2 no contexto 2- conversa entre amigos, por exemplo.

Em suma, de acordo com Strawson

uma formulação geral das condições de verdade para tais sentenças será, então, não uma formulação das condições sob as quais uma sentença é uma verdade, e sim uma formulação geral de um tipo de condições sob as quais diferentes enunciações dessa sentença resultarão em verdades diferentes (1982, p.195)¹⁷

¹⁶ Revista Veja 30/08/2006 (adaptado).

¹⁷ Citação extraída de material didático. 29/09/2008.

Em outras palavras, assumindo que toda ação humana é e pode ser modificada, re-interada, reafirmada, reforçada, retificada por meio da linguagem natural, torna-se necessário discutir o conceito de verdade a partir de valores pragmáticos que uma sentença assume em condições especiais de enunciação. A eficiência e a eficácia das ações humanas estão, dessa forma, já determinadas no uso que se faz da linguagem para a ação, e a recíproca também é válida, dada a estrutura dialética da enunciação.

Assim, para a produção/compreensão do significado, deve-se postular a articulação entre o sistema linguístico e o pensamento, que trataria dos aspectos inferenciais do enunciado. Dessa maneira, em um processo de enunciação, pode-se questionar a pertinência dos enunciados produzidos em duas direções:

a) que sentido o locutor busca construir a partir do enunciado que produz, considerando todas as condições enunciativas envolvidas no processo de enunciação? e

b) ao produzir semelhante enunciado, e não outros, acessando determinados saberes linguísticos e não outros e, considerando que as escolhas não escapam ao movimento da história e dos lugares a que esses sujeitos, locutores e interlocutores estão submetidos, com que intenções o locutor produz seu enunciado?

Tentaremos elucidar essas questões na seção a seguir.

3.1.1.1 Do enunciado à enunciação.

Pode-se dizer, grosso modo, que as preocupações que caracterizam as teorias formais do significado centram-se, essencialmente, na elucidação de como o significado de uma frase é determinado pelo significado dos elementos que a constituem, enfatizando qual a estrutura e quais são as inter-relações lógicas entre as frases assertivas.

Então, assumimos, em termos gerais, a formulação de Davidson (1967), de que as condições de verdade são asseguradas por regras sintáticas e propriedades semânticas das sentenças de uma língua e que, conhecidas estas relações, o usuário chega à verdade dos enunciados.

Na verdade, sob esta formulação de Davidson, podemos dizer que qualquer linguagem a ser aprendida por nós deve possuir uma estrutura que seja cômoda para tal abordagem. Sendo assim, o compromisso com o holismo, teoria na qual nada pode ser explicado pela mera ordenação ou disposição das partes, mas antes pelas relações que elas mantêm entre si e com o próprio todo, também exige um compromisso com a abordagem composicional, na medida em que, na visão desse autor, é apenas enquanto desempenham um papel em sentenças completas que as palavras individuais podem ser vistas como dotadas de significado. Ou seja, o foco principal dos estudos de Davidson são as sentenças e não as palavras.

Além disso, para esse estudioso, uma teoria do significado para uma linguagem natural precisa ser aquela que deve ser aplicada a comportamentos linguísticos reais e, como tal, ser empiricamente verificável.

Nesse sentido, o autor analisa sob que condições uma sentença pode ser verdadeira em certa enunciação e falsa em outra e, em especial, destaca nesta questão o uso dos dêiticos (demonstrativos). Para o autor as sentenças a seguir, funcionam com as mesmas condições de verdade: ¹⁸

- (a) 'Sócrates é sábio se e somente se Sócrates é sábio.
- (b) 'Eu sou sábio se e somente se eu sou sábio.

Em (a) a verdade pode ser assegurada sem uma determinação mais precisa, tanto da enunciação quanto do locutor da sentença, já que a proposição vale como afirmação de um fato histórica e socialmente disseminado. Já em (b), a verdade está circunscrita a um locutor específico (eu) no tempo e no espaço em que profere a proposição (sou), logo a verdade estará circunscrita a esses dois fatos, o que inviabiliza uma avaliação de sua verdade. Portanto, a avaliação das condições de verdade de uma sentença passaria a incluir um parâmetro de tempo e de pessoa que vincularia cada sentença às suas circunstâncias enunciativas.

Disso, decorre a importância de se repensar o conceito de verdade a partir da enunciação, por serem os fatos associados aos dêiticos, elementos fundamentais no funcionamento das línguas naturais. Sobre este aspecto, assumimos as palavras de Brisard (2002), quando diz que

¹⁸ Exemplos extraídos de material didático. 20/10/2008.

[...]a virada epistêmica na Gramática Cognitiva impõe uma perspectiva das funções para as expressões dêiticas gramaticais que admitem mais a significância de como os referentes são avaliados em relação aos repertórios de conhecimento dos participantes do discurso, do que focalizam nas conhecidas propriedades objetivas que relacionam os referentes diretamente a “coordenadas” do mundo exterior (p.89). (Tradução nossa)

Então, são os sistemas de conhecimento dos participantes, sejam eles interpretados num nível local ou global de deliberação, que constituem os pontos de referência para a interpretação bem sucedida de expressões simples e sintaticamente complexas. Faz parte da responsabilidade compartilhada dos participantes do discurso prover, ou identificar, âncoras que facultem o posicionamento relativo de suas enunciações em relação a alguma moldura de conhecimento negociável.

No entanto, para Strawson (1982), a proposta de Davidson citada no segundo parágrafo dessa seção, ainda é muito limitada na medida em que é capaz de apenas parcialmente assegurar a verdade de sentenças assertivas, deixando de lado outras formas de avaliação que sentenças imperativas, interrogativas e comissivas, por exemplo, partilham a partir do seu significado. Além disso, não devemos nos esquecer dos efeitos de sentido, tão presentes nas nossas enunciações.

Entretanto, já podemos notar que os autores apontam para a necessidade de uma abordagem que inclua a enunciação, o que significa, em última análise, abandonar o campo circunscrito às frases assertivas.

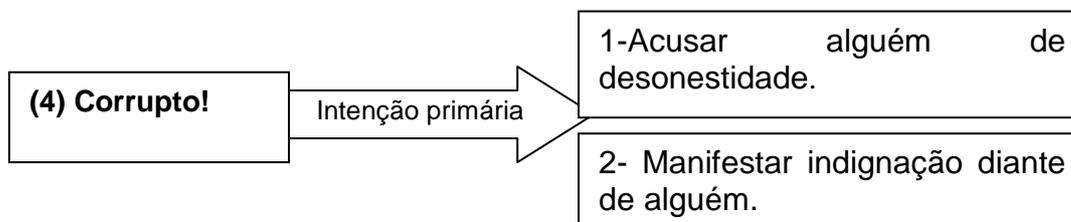
Nesse contexto, a entrada da enunciação objetiva mostrar que o conceito de verdade pode/deve ser considerado em proposições que apresentam um padrão diferente do das assertivas. Aqui, incluem-se tanto as proposições diretivas, como as comissivas, por exemplo, cuja verdade só pode ser simulada a partir de condições enunciativas de seu proferimento e não apenas a partir de condições do conteúdo proposicional – como é o caso das assertivas. As próprias assertivas também podem ter suas condições de verdade reavaliadas, quando submetidas a condições assertivas diferenciadas.

Nas palavras de Strawson (1963), os adeptos da teoria de que o significado está no uso que se faz da língua aceitam o que os teóricos formais negam: que as regras semânticas e sintáticas para a compreensão da linguagem só podem ser

compreendidas no contexto de atos de comunicação. Ou seja, os aspectos básicos que caracterizam um significado transcendem o mero conteúdo lexical que possa estar estruturado em um enunciado e implicaria a: ¹⁹

- (a) demonstração da crença do locutor, transmitida ao alocutário sobre o valor de significância que atribui a um enunciado;
- (b) manifestação de uma intenção comunicativa²⁰ que o locutor implementa em seu enunciado que supõe poder ser partilhada pelo alocutário;
- (c) possibilidade de que o alocutário, compreendendo (a) e (b), execute uma determinada ação a partir da enunciação do locutor.

Estas condições nos levam a assumir que dizer alguma coisa e significá-la (intenção comunicativa) é uma questão de pretender que a nossa enunciação represente um determinado estado de coisas. E, nesse sentido, para que o conceito de regra satisfaça a comunicação, ele deve ter um padrão que estabeleça convenções²¹ de interesse mútuo que possam prevalecer para os interlocutores e não apenas apresentar um significado do falante, independentemente do significado do enunciado. Vejamos os exemplos:



O proferimento de tal enunciado pode ter tais intenções primárias que nas circunstâncias atuais, já se transformaram em convenção no universo político brasileiro: existe, pois, uma convenção comunicativa sobre o proferimento de [Corrupto!] que nos leva, de modo geral, não só à percepção de que alguém estaria sendo acusado de operação ilícita, como também à manifestação de indignação

¹⁹ Condições retiradas de material didático 29/09/2008

²⁰ De acordo com Searle (1986:117) 'se para além de querer, simplesmente, significar alguma coisa, o locutor pretende também comunicar o que significa, então, aí sim, ele tem uma intenção comunicativa'.

²¹ O conceito de convenção pode ser justificado em função de uma intenção comunicativa primária que, nas palavras de Wittgenstein, tem a função de mover os alocutários em função de uma intenção primária do locutor.

diante de alguém. Isto é, [corrupto!] assume um valor pragmático de interceptar pessoas criando, desta forma, uma interação.

Entende-se, também, que numa situação comunicativa específica, é possível que os proferimentos tenham uma função específica. Assim, em um debate entre candidatos à eleição, poderíamos ter:



Nesse enunciado, também, podemos dizer que *mensaleiro* assume o mesmo caráter de *corrupto!*: *acusar alguém de desonestidade; manifestar indignação diante de alguém*. O termo mensalão, já popularizado no Brasil, é uma variante da palavra "mensalidade" usada para se referir a um suposto pagamento ilícito feito a parlamentares para custearem campanhas ou votarem a favor de projetos de interesse de algum lobby ou partido. O termo mensalão revela linguística e pragmaticamente, ainda, em seu aumentativo -ão (mensal-ão) o grande volume e quantidade de dinheiro e de políticos envolvidos nesse tipo de transação. Então, aqui, há também uma convenção comunicativa sobre o pronunciamento de [mensaleiro!] que assume um valor semântico-pragmático.

Em relação a esse tipo de exemplo, Strawson levanta o seguinte questionamento: que regras nos levam desses enunciados primitivos para aquilo que fazemos com eles?

Segundo o autor, a resposta se fundamenta na noção de condições de verdade, apontando dificuldades com exemplos em que o So é diferente, mas não suas condições de verdade. Vejamos.

(6) ²² “ Infelizmente , um congresso desmoralizado reflete um governo desmoralizado. /.../”. (Heloísa Helena, candidata do PSOL à Presidência)	Se (6) =[modus: lamento/crítica] ²³
--	--

²² Revista Veja 16/08/2006.

²³ Neste caso, a análise está sendo feita sobre a relação de causalidade entre *Congresso* e *Governo*.

(6a) ²⁴ “ Felizmente , um congresso desmoralizado reflete um governo desmoralizado. /.../”.	Se (7) =[modus: júbilo/ironia]
---	--------------------------------

Aqui, temos as mesmas condições de verdade [congresso desmoralizado], [governo desmoralizado], para dois significados diferentes: so1: Infelizmente e so2: Felizmente. Esses significados já contribuem para o enunciado em termos de sentido, já que dependem de condições enunciativas diferentes. Ou seja, os significados de *infelizmente* e *felizmente* atualizados nos enunciados acima, criam os objetos de referência que são os atos discursivos gerados pela modalização, *lamento/crítica* e *júbilo/alívio/ironia*, respectivamente.

Logo, não se pode pensar, de forma tão direta, que o So possa determinar as condições de verdade, porque se assim fosse, deveria existir uma simetria plena entre os dois conceitos. Ou seja, as palavras e mesmo a organização delas no contexto situacional são condições para o sentido. A partir do momento em que se dá a enunciação, instaura-se um campo de referência estabelecido em torno do *locutor* e *interlocutor*. A própria pessoa do sujeito que fala é o marco de referência linguística, pois é a partir dele que se torna possível a identificação/localização de objetos e entidades num interior da esfera espacial e temporal da *enunciação*.

Por isso, a língua deve estar imersa em uma realidade enunciativa concreta que sirva aos propósitos comunicacionais do locutor, visto que não importa apenas a forma linguística, mas sua função em uma dada cena enunciativa. Além disso, a enunciação deve ser vista como algo que transcende o domínio da língua (às regras sintático-semântico-fonológicas), mas está sempre implicada nela.

Assim, toda enunciação está impregnada de um conteúdo ideológico e a separação, mesmo que apenas no plano teórico, entre a língua e seu conteúdo ideológico não se justifica.

Nessa linha de pensamento, achamos oportuno discutir essa questão no quadro da pragmática da pertinência. A Teoria da Pertinência (ou Relevância) de Sperber e Wilson (1986/1989), exposta também em Moeschler (1994) consiste numa abordagem pragmática cognitiva que se fundamenta numa economia de esforços e

²⁴ Exemplo adaptado.

efeitos cognitivos, de modo que quanto maiores são os efeitos cognitivos e menores os esforços de processamento, maior a relevância de um *input* para os mecanismos cognitivos.

Então, em vez de considerar exemplos especialmente projetados para esse fim, objetivamos, na próxima seção do trabalho, avaliar o papel da produção e da recepção dos EPPs nessa economia, quer pela minimização de esforços de processamento, quer pela otimização de efeitos cognitivos.

3.2 Teoria da Relevância e compreensão.

O princípio de relevância de Sperber e Wilson (1995) baseado num modelo de comunicação ostensivo-inferencial refere-se ao fato de que “todo o ato de comunicação ostensiva comunica a presunção de sua própria relevância ótima” (SPERBER e WILSON, p. 158). Em outras palavras, conforme explicam os autores, à comunicação humana são atribuídas duas propriedades: ser ostensiva, da parte do comunicador, e inferencial, da parte do ouvinte. E, quanto mais efeitos contextuais e menos esforço de processamento, maior é a relevância. Por outro lado, quanto menos efeitos contextuais e mais esforço de processamento, menor é a relevância. No entanto, ressalta-se que um maior esforço de processamento, compensado por mais efeitos contextuais, aumenta a relevância.

Os efeitos contextuais, por sua vez, resultam na alteração das crenças dos indivíduos. A partir de suposições já existentes (ou dadas), combinadas com uma nova suposição, derivam-se: as implicações contextuais, que consistem em uma nova informação; o fortalecimento, em que a derivação apenas fortalece ou dá mais certeza a uma suposição já existente; e a contradição, quando, entre duas suposições contraditórias, a que tiver menos evidências é eliminada.

Sperber e Wilson consideram, ainda, que a comunicação verbal propriamente dita começa quando um enunciado é manifestamente escolhido pelo falante por suas propriedades semânticas e quando se reconhece que o falante está dizendo alguma coisa a alguém.

Assim, num processo interpretativo verbal, o enunciado é uma evidência direta – uma ostensão – da intenção informativa do falante, que se eleva à comunicativa. O estímulo ostensivo, ao tornar manifesta a intenção informativa do

comunicador, provoca expectativas definidas de relevância no ouvinte, evidenciando a importância deste no processo comunicacional, pois os falantes são restringidos por suas expectativas. Um ato de ostensão é, assim, um requisito para atrair a atenção, que, por sua vez, é um requisito para desencadear as inferências pretendidas. A articulação entre intenção/estímulo ostensivo e atenção/inferência é o ponto de partida da teoria da relevância.

A tese de Sperber e Wilson de que os indivíduos buscam, de forma consciente ou não, processar a informação do modo mais eficiente possível, já que isso constitui um fator crucial da interação humana, não explica, contudo, alguns procedimentos verbais do cotidiano. Vejamos, por exemplo, o enunciado abaixo:

(7) “Essa questão (crise aérea) é como uma metástase que o paciente não sabia (que tinha)”. *O presidente Lula, alegando, mais uma vez, que não sabia de nada.* (Veja, 08/08/2007)

Considerando o contexto sócio-político brasileiro em que Lula, antes de ser empossado como presidente, era visto como uma pessoa “desinformada” em relação aos fatos, principalmente os negativos, que aconteciam em nosso país, a intenção primária do enunciador deve ter sido de se justificar diante de uma realidade. No entanto, o leitor pode perceber esse enunciado como um outro efeito de sentido, o de uma crítica à desfaçatez do presidente diante do óbvio: a má administração da ANAC do espaço aéreo brasileiro e trazer para esse novo plano de leitura, os efeitos de sentido implicados nessa aplicação pragmática, desde que fixemos algum contexto especial (identidade dos interlocutores, objetivos da interação, suporte e a língua utilizada). Vejamos como o leitor construiria esse segundo plano de leitura.

Para construir o sentido dos enunciados, o enunciador faz uso da lítotes²⁵, que consiste em se negar nos enunciados e afirmar na enunciação (*/.../que o paciente não sabia (que tinha)*), que em suas fendas revela o oposto: o presidente sabia que existia a crise. A lítotes exige que apliquemos condições adicionais de interpretabilidade ao significado que se obtém pelo amalgamento de propriedades

²⁵ A saber: modo de afirmação por meio da negação do contrário.

lexicais e das relações sintáticas dessa expressão. Além disso, devemos recorrer a outras formas de marcação para admitir o seu uso intencional.

Ao utilizar uma figura de linguagem em seu texto, o locutor motiva a ativação de outro tipo de esquema de leitura que não é o linear e imediato, resultante da dimensão do Edo. Pode-se postular, por exemplo, que ele queira causar estranhamento ou desviar a atenção do alocutário o que não impediria que a compreensão fosse alcançada em um segundo momento.

No exemplo, há uma contribuição direta da enunciação para se avaliar o Estado Mental (EM) do locutor. Em outras palavras, para justificarmos o teor intencional do EM atribuído ao enunciador, usamos a enunciação como um recurso complementar que decide em parte a questão do sentido e que não pode ser descartada em qualquer instância do uso da linguagem, pois é ela que, grosso modo, coloca a língua em funcionamento.

De acordo com a teoria em tela, a dimensão a ser considerada no processo de interação requer um alcance imediato por parte do alocutário. No entanto, vale salientar que nenhum locutor pode ter a pretensão de que o seu esforço para ser relevante seja plenamente recompensado pelo alocutário: são dois ‘sistemas’ que processam o sentido de forma diferenciada. Além disso, o esforço cognitivo maior ou menor sempre estará em pauta, indiferentemente da forma linguística utilizada: o locutor pode não entender a figura de linguagem, mas não temos nenhuma garantia de que sua substituição possa assegurar mais clareza.

Assim, torna-se necessário assumirmos a linguagem em sua dimensão pragmática, precisamos admitir que “alguns fatores são mobilizados para construir o que vai representar os objetivos específicos que um enunciado precisa assumir” (MARI, 2007) Trata-se de lacunas no modelo que ocorreriam quando os participantes do processo (falante e ouvinte) não manifestam intenção explícita de realizar a comunicação.

Então, segundo os autores, o conceito de relevância parte de uma propriedade básica da cognição humana: a de que normalmente prestamos atenção apenas aos estímulos que nos parecem relevantes, buscando alcançar a Relevância máxima de uma informação, isto é, os maiores benefícios cognitivos com o menor custo justificável.

Nossa sugestão é que os humanos tendem a prestar atenção aos fenômenos mais relevantes; que eles tendem a construir as representações mais relevantes possíveis desses fenômenos, e processá-las num contexto que maximize sua pertinência. A pertinência e sua maximização, constituem a chave da cognição humana. (SPERBER E WILSON, 1986, p. 586)

No entanto, achamos oportuno levantar um questionamento em relação a essa sugestão dos autores, porque a nosso ver, conceber que os humanos ‘tendem’ a prestar atenção aos fenômenos mais relevantes e a processá-los em um contexto que maximize sua pertinência não pode ser considerada uma condição para a cognição humana, como os autores dão a entender. Provavelmente, agimos em termos da pertinência em muitas circunstâncias, mas temos que considerar que aprendemos muitas coisas por acaso, inconscientemente.

Além disso, nessa dimensão, a TR (Teoria da Relevância), estaria preocupada apenas em considerar, em circunstâncias específicas, o que é relevante. Mas qual seria a natureza dessa relevância?

Não podemos ignorar que nos termos da TR, qualquer estímulo externo ou representação interna que fornece um *input* para processos cognitivos pode ser relevante para um indivíduo em algum momento. De acordo com a teoria, enunciados geram expectativas de relevância não porque falantes obedeçam a um princípio de cooperação ou a alguma outra convenção comunicativa, mas porque a busca pela relevância é uma característica básica da cognição humana, fato inegável. Entretanto, de acordo com a formulação dos autores só é relevante o que também foi relevante na percepção e isso coloca o processo em um estágio *a posteriori*. E sendo assim, tudo que tiver um caráter bem sucedido teria uma marca de relevância.

Ainda, para os autores,

[...] intuitivamente, um *input* (uma visão, um som, um enunciado, uma memória) é relevante para um indivíduo quando ele se conecta com informação de *background* disponível, de modo a produzir conclusões que importam a esse indivíduo: ou melhor, para responder uma questão que ele tinha em mente, aumentar seu conhecimento em certo tópico, esclarecer uma dúvida, confirmar uma suspeita, ou corrigir uma impressão equivocada. Nos termos da Teoria da Relevância, um *input* é relevante para um indivíduo quando seu processamento, em um contexto de suposições disponíveis, produz um efeito cognitivo positivo. Um efeito cognitivo positivo é uma diferença vantajosa na representação de mundo do indivíduo: uma conclusão verdadeira, por exemplo. Conclusões falsas não são coisas vantajosas; elas são efeitos cognitivos, mas não são efeitos positivos (SPERBER e WILSON, p 199, 1995)

Ou seja, de acordo com a TR, um *input* é relevante para um indivíduo quando, e somente quando, seu processamento produz efeitos cognitivos positivos. Mas, nesse âmbito, não podemos antecipar quais situações se tornariam irrelevantes já que há sempre uma possibilidade de negociação durante o processo de comunicação.

Retomando a discussão anterior, a relevância pode ser calculada em termos de efeitos cognitivos e esforços de processamento.

A Teoria da Relevância afirma que os seres humanos têm uma tendência automática para maximizar a relevância, não porque seja uma questão de escolha – nós raramente o fazemos – mas em razão da forma como nossos sistemas cognitivos se desenvolveram. Como resultado de constantes pressões de seleção na direção do aumento de eficiência, o sistema cognitivo humano desenvolveu-se de tal forma que nossos mecanismos perceptuais tendem automaticamente a escolher estímulos potencialmente relevantes; nossos mecanismos de recuperação de memória tendem automaticamente a ativar suposições potencialmente relevantes; e nossos mecanismos inferenciais tendem espontaneamente a processá-los em um modo mais produtivo. (SPERBER e WILSON, 2002. p.147)

Assim, dada a caracterização da relevância para um indivíduo, podemos dizer que essa tendência universal para maximizar a relevância torna possível (em alguma medida) prever e manipular estados mentais. Conhecendo sua tendência para escolher os *inputs* mais relevantes e processá-los de modo a maximizar sua relevância, o falante pode ser capaz de produzir um estímulo que provavelmente atraia a atenção do interlocutor, ative um apropriado conjunto de suposições contextuais e aponte na direção de uma conclusão pretendida.

Após essa pequena exposição, podemos dizer que a teoria da relevância preocupa-se estritamente com o significado do falante, ou seja, com a comunicação intencional aberta²⁶ Tentaremos exemplificar essa afirmação com o exemplo abaixo:

²⁶ Grosso modo, é a ocorrência de uma troca (comunicativa) genuína. Vale lembrar que a teoria da relevância reconhece três formas de uma informação ser transmitida: acidental, intencional encoberta e intencional aberta. A forma acidental ocorre quando pistas (sotaque, estados de ânimo, etc.) podem ser notadas, projetando conclusões que não formam parte do significado do falante e que não são intencionalmente transmitidas. A forma intencional encoberta envolve intenções (ser mais agradável, por exemplo) que não se deseja que sejam reconhecidas ou compartilhadas. Por fim, na transmissão aberta de informação, ou comunicação aberta, uma troca genuína ocorre. O falante pretende transmitir uma mensagem e pretende que seu ouvinte reconheça essa intenção.

(9) “Vou baixar os juros no primeiro dia. De 15% vai para 6%. Onde está escrito que não pode?”

Heloisa Helena, candidata do PSOL à Presidência que, depois dos juros, talvez acabe por decreto com as enchentes e os ciclones extratropicais. (VEJA, 15/09/2009)

Quadro 4: condições para a relevância.

CONDIÇÕES PARA A RELEVÂNCIA	COMENTÁRIOS
<p>(a) Heloísa Helena diz a seu interlocutor: “Vou baixar os juros /.../</p> <p>[Vou baixar os juros no 1º dia] = afirmação</p> <p>[Onde está escrito que não pode?] = justificativa</p>	<p>Forma lógica decodificada do enunciado de Heloísa Helena que revela uma descrição do seu comportamento ostensivo.</p>
<p>(b) O enunciado de Heloísa Helena será relevante para seu interlocutor.</p>	<p>Expectativa gerada pelo reconhecimento do comportamento ostensivo de Heloísa Helena e a aceitação da presunção de relevância que ela comunica.</p>
<p>(c) O Enunciado de Heloísa Helena alcançará relevância se conseguir convencer seu interlocutor de que ela conseguirá baixar os juros*</p>	<p>Expectativa gerada por Heloísa Helena juntamente ao fato de que tal ato seria mais relevante para seu interlocutor naquele momento*.</p>
<p>(d) Não haver nenhum documento, ou alguém, que proíba a baixa dos juros pode ser uma justificativa para que ela o faça.</p>	<p>Primeira suposição que ocorre a Heloísa Helena que, juntamente a outras premissas apropriadas, poderia satisfazer a premissa (c). Essa é aceita como premissa implicada do enunciado em questão.</p>
<p>(e) Heloísa Helena vai baixar os juros.</p>	<p>Primeiro enriquecimento da forma lógica do enunciado que ocorre ao interlocutor, e que poderia combinar com (d) para levá-la a satisfação de (c) aceita como uma explicação do enunciado de Heloísa Helena.</p>
<p>(f) Heloísa Helena pretende baixar os juros porque não há nenhum documento que a proíba.</p>	<p>Inferido de (d) e (e) e aceito como uma conclusão implícita do enunciado de Heloísa Helena.</p>

Fonte: pesquisa da autora

Então, Heloísa Helena supõe em (b) que seu enunciado, decodificado como em (a) é otimamente ²⁷ relevante, uma vez que o que ela deseja, nesse ponto, é mostrar ao seu interlocutor que ela pode baixar os juros. A locutora (Heloísa Helena) supõe em (c), que seu enunciado alcançará relevância ao conseguir convencer seu interlocutor do seu propósito. Aqui, abriremos um parêntese para levantar outro questionamento: *a condição de relevância e o comentário feitos em (c) comprovam que a TR preocupa-se, basicamente, com o significado do falante, visto que, para os adversários políticos da candidata, o enunciado poderá ser relevante, não porque Heloísa Helena conseguirá convencer seus adversários de que ela seja capaz de baixar os juros, mas porque tal enunciado desnuda um discurso demagogo, já que a baixa dos juros não é uma atribuição do Presidente da República, mas do Banco Central.

Voltando aos preceitos da teoria, na situação descrita, a forma lógica do enunciado fornece acesso à suposição contextual em (d), a de que não existe documento algum, ou pessoa alguma, com poder para impedir ou proibir a baixa dos juros, que pode ser uma justificativa para que ela o faça. Isso poderia ser usado como uma premissa explícita, ao derivar uma explicação esperada do comportamento de Heloísa Helena, enquanto o enunciado é interpretado do ponto de vista explícito, como comunicando uma informação em (e), a de que Heloísa Helena vai baixar os juros.

Ao combinar a premissa em (d) e a premissa em (e), o interlocutor chega a uma conclusão em (f), da qual podem ocorrer, futuramente, implicaturas mais fracas.

A interpretação resultante satisfaz as expectativas de relevância da locutora. Assim, explicaturas ²⁸ e implicaturas²⁹ (premissas e conclusões implícitas) são

²⁷Comunicar é implicar que a informação veiculada seja pertinente, o que garante a presunção de pertinência ótima que pode ser assim formulada: o estímulo ostensivo é pertinente o suficiente para merecer que o destinatário se esforce para processá-lo.

²⁸ Para compreender o enunciado, o ouvinte/leitor visa obter uma interpretação que satisfaça sua expectativa de relevância. Para isso, com base na codificação lingüística e seguindo uma rota de esforço mínimo, ele enriquece os *inputs* da forma lógica, para obter o significado explícito e completá-lo em nível implícito, até que a interpretação se conforme com sua expectativa de relevância. Nesse processo, a forma lógica é, em geral, enriquecida por inferências até se obter a explicatura, entendida com uma forma lógica proposicional que é semanticamente completa.

²⁹ Conforme a teoria da relevância, como *output* do processo de decodificação, processos inferenciais de compreensão são instalados. Os ditos processos inferenciais que correspondem ao desenvolvimento da forma lógica veiculada pelo enunciado constituem a explicatura do enunciado. Todavia, há inferências que extrapolam o desenvolvimento da Forma Lógica e constituem as implicaturas desse enunciado. Nesses casos, a forma lógica proposicional compõe uma premissa

derivadas de um processo de ajustamento paralelo mútuo, com hipóteses sobre ambas, sendo consideradas em ordem de acessibilidade.

Fica claro, então, que a teoria da relevância preocupa-se estritamente com o significado do falante.

Dessa forma, compreender um enunciado implica obter uma interpretação abertamente pretendida. O significado do falante é definido como o significado que o falante quer que o ouvinte recupere e que esse está ativamente ajudando o ouvinte a recuperá-lo e que reconheceria se solicitado. Logo, a suposição de que o falante formula um enunciado de maneira a facilitar a interpretação pretendida é essencial para a teoria da relevância.

Nessa ótica, conforme Wilson (2004), a uma pragmática cognitiva cabe analisar como os enunciados são compreendidos, isto é, observar como fatores contextuais e propriedades linguísticas interagem na interpretação dos enunciados. Em outros termos, como fatos sobre audiência, tempo e lugar do enunciado combinam-se com a estrutura fonológica, sintática e semântica da sentença enunciada para gerar uma interpretação particular.

O problema é que o significado manipulado pelo falante ultrapassa o significado atribuído pelas estruturas linguísticas à sentença. O significado da sentença é um aspecto da estrutura linguística, que se preserva em todos os enunciados. Ele é esquemático ou incompleto e deve ser completado ou enriquecido em contexto³⁰ para gerar uma proposição definida verdadeira ou falsa. O significado do falante é sempre o que ele pretende comunicar pela enunciação de uma sentença, a sua intenção.

Assim, uma mesma sentença pode transmitir significados diferentes daqueles pretendidos pelos falantes. Compete ao ouvinte elaborar uma variedade de processos pragmáticos para completar, enriquecer ou complementar o significado esquemático da sentença e gerar uma hipótese sobre o significado do falante.

Ressalte-se ainda que, nessa abordagem teórica, entende-se que comunicar é, sobretudo chamar a atenção de alguém, sob a ótica cognitiva, e não apenas

implicada para gerar dedutivamente uma conclusão implicada, possivelmente a interpretação última pretendida pelo falante/escritor.

³⁰ Em uma abordagem cognitiva é racional assumir que toda suposição que o ouvinte é capaz de recuperar ou derivar da memória, percepção ou inferência (isoladas ou em combinação) auxilia na identificação do significado do falante. Isso em mente, o contexto deve ser o conjunto de suposições mentalmente representado que é utilizado na interpretação, incluindo suposições projetadas da interpretação do texto precedente, da observação do falante e do ambiente imediato.

codificar e decodificar mensagens. Para essa teoria, a comunicação somente se processa se o ato comunicativo for relevante, considerando-se que a relevância é inerente à compreensão humana, afirmação já abordada anteriormente. Mas, como a teoria explicaria e justificaria a relevância das intermináveis e falsas promessas dos políticos e suas constantes falácias argumentativas, por exemplo?

Tomemos, agora, o seguinte exemplo:

(8) “De onde veio o dinheiro sujo, 1,7 milhões de reais em dinheiro vivo, para comprar o dossiê fajuto?”

(Geraldo Alckmin, inaugurando a saraivada de ataques para cima de Lula no debate da rede Bandeirantes).

(8a) “Não sei. Não sou policial, sou o presidente da República /.../”

(Lula, contra atacando.)

No diálogo (8 e 8a), a pergunta do locutor vem carregada de ostensão, de imposição, acompanhada dos vocábulos *sujo* e *fajuto*, que estabelecem uma espécie de sentenciamento ou indução na resposta. A pergunta já oferece o contexto da resposta.

O interlocutor Lula, por sua vez, responde diretamente a questão, mas limita-se a levantar o motivo pelo qual ele desconhece o destino do ‘dinheiro sujo’: *não ser policial*.

Então, existe a ostensão do locutor (Geraldo Alckmin), que desencadeia o processo inferencial no receptor (Lula) que, evidencia o ato de ironizar o Locutor, caracterizando a intenção de não responder o que lhe foi perguntado – “não sei”.

Pode-se dizer, então, que em (8a), para a TR, há uma resposta aparentemente não relevante, pelo menos de forma explícita, pois o enunciatário/interlocutor ao perceber a acusação, ignora propositalmente a intenção primária do enunciador e arditosamente, manobra, sua resposta em outra direção, preferindo explicitar o motivo pelo qual ele desconhece a origem do dinheiro sujo. No entanto, a resposta dada pelo interlocutor é tão relevante como outra qualquer, visto que não se trata de um problema de comunicação mal-sucedida e/ou incompleta, mas da intenção do enunciatário/receptor em dar uma resposta irônica, quase

sarcástica, talvez, por interesse próprio, o de se safar da acusação indireta do enunciador. Aliás, parece que uma acusação indireta, mas intencionalmente pretendida, mereceu uma resposta indireta, escamoteadora.

Neste particular, as informações contextuais (debate entre candidatos à presidência, papel social dos interlocutores, conhecimento sobre o fato de que cabe aos policiais investigarem ‘crimes’ etc.) são essenciais para o processo da compreensão.

Então, a ostensão proporciona duas camadas de informações: a apontada ou indicada e a intencionalmente pretendida. Portanto, o reconhecimento da intenção que está por trás da aparência ostentada é necessário para um processamento eficiente da informação.

Assim, para a teoria apresentada, alguém que falhe no reconhecimento dessa intenção pode falhar em notar a informação relevante. Ou seja, a TR assume uma simetria quase absoluta entre locutor e alocutário em termos intencionais, ocorrência que não se sustenta.

Na maior parte das vezes, parte da informação básica não será manifesta de forma alguma a menos que a intenção que subjaz a ostensão seja levada em conta. Desta forma, toda evidência exposta em um ato ostensivo apóia-se diretamente nas intenções do locutor. Nesse caso, especificamente, somente descobrindo as intenções do locutor – incriminar, acusar o presidente Lula -, pode a audiência descobrir também, indiretamente, a informação básica que o enunciador Alckmim tencionava manifestar.

Para Sperber e Wilson (1995), a comunicação inferencial e a ostensão fazem parte de um mesmo e único processo, mas visto de dois pontos de vista diferentes: o do locutor que está envolvido com a ostensão e aquele da audiência que está envolvida com as inferências.

O processamento destas inferências, entretanto, não é feito com a mente das pessoas em branco (vazia). Elas têm algum tipo de armazenamento na memória de curto prazo ou na memória enciclopédica, de longo prazo. Por sua vez, esta memória, no caso específico deste exemplo, é ativada pelo acompanhamento diário dos fatos que envolveram o presidente Lula em escândalos de corrupção ou pela capacidade do locutor em recuperar fatos e imprimir ao seu espaço a relevância do tema apresentado.

Assim, se o enunciado “**Não sei. Não sou policial, sou o presidente da República /.../**” fosse interpretado em termos puramente linguísticos, o leitor poderia não chegar ao efeito irônico/sarcástico pretendido pelo presidente Lula. A pertinência possível, nesse caso, poderia não ultrapassar os limites do enunciado tornando a comunicação pouco relevante.

Ainda, como exemplo de uma comunicação pouco relevante, para a teoria em tela, teríamos os cumprimentos e contatos, já que esses, *a priori* não apresentam nenhuma diferença vantajosa na representação de mundo do indivíduo.

Segundo Campos (2004), os cumprimentos e conversas de puro contato são, em geral, constituídas de frases “prontas”, adequadas para cada situação. Há o cumprimento tipo “Bom dia”, “Como vai?”, “Tudo bem?”, etc. em que não há em princípio nenhum conteúdo mais relevante a ser apreendido, a não ser a manutenção do contato, a interatividade social e as suas obrigações. A fala é puro ato comunicativo (linguagem fática), e o reconhecimento recíproco, uma necessidade da convivência. Evidentemente que as perguntas-clichê podem disparar conversas significativas, mas não necessariamente. O fato é que, para a TR, tais atos comunicativos são altamente redundantes e pouco significativos se é a informação ou conteúdo semântico o que está em jogo. No entanto, essa situação protocolar pode se tornar relevante em algum momento, porque o processo de interação pode alterar ou buscar uma relevância. Se considerarmos, por exemplo, que uma pessoa passou uma semana chegando ao trabalho sem cumprimentar seus colegas por estar mal humorado e, em um dia chega e cumprimenta a todos com um “Bom dia”, podemos dizer que esse fato tornou-se relevante para seu interlocutor que percebeu, com esse cumprimento, uma mudança de humor a ponto de lhe pedir um favor, talvez, até então, adiado.

Então, cabe ao falante, implementar recursos para se alcançar um acordo quando o enunciado apresenta, por exemplo, ambiguidade. Dessa forma, assumindo que a enunciação dá uma dimensão real à língua, o enunciado passa a ser percebido não apenas a partir de sua forma linguística, mas também na sua dimensão enunciativa.

A nosso ver, há uma certa ausência da questão enunciativa que coloca a teoria em tela em um estágio pré-enunciativo. E é justamente por ser a questão enunciativa de fundamental importância para a discussão que apresentamos nesta

pesquisa que, na próxima seção, faremos uma breve explanação sobre duas concepções que serão importantes para a nossa análise.

4 DO DIALOGISMO DE “BAKHTIN” AO DUPLO ACORDO DE AUCLIN.



“Vou ganhar a eleição. Anotem isso. Vocês estão falando com o próximo presidente do Brasil. **Ciro Gomes**, deputado federal (PSB), março. (Veja, 29/12/2010)

4 DO DIALOGISMO DE “BAKHTIN” AO DUPLO ACORDO DE AUCHLIN.

Uma importante reflexão sobre a enunciação foi trazida pelo autor russo, Mikhail Bakhtin. Seus conceitos de polifonia, dialogismo, carnavalização, *cronotopo* e gêneros discursivos, entre outros, possibilitaram uma fundamentação teórica para a historicidade discursiva, considerando a materialidade discursiva que se dá como constitutiva de todo processo de interação/comunicação, verbal principalmente, que acontece por meio de processos de enunciação. Para Bakhtin

[...] a questão dialógica nasce na enunciação e é a partir dela que os nexos de sentido dos discursos se fundem aos contextos, tempos e espaços socioculturais onde os indivíduos e seus discursos se inserem e são formulados, com seus conflitos e suas diversidades de visões de mundo (BAKHTIN, 1995, p.65).

Grosso modo, pode-se dizer que Bakhtin faz o seguinte percurso: concebe o dialogismo como a unidade real da linguagem, entretanto, o dialogismo é o produto da relação de alteridade existente entre duas consciências socialmente organizadas. Assim, para que o locutor se apresente enquanto tal é necessário que já seja uma consciência que se reconhece no outro: “aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores” (BAKHTIN, 1995, p.147). Dessa forma, Bakhtin une sua concepção de dialogismo à de natureza ideológica, semiótica e linguística da consciência, “a palavra vai à palavra” (BAKHTIN, 1995, p.147)

Em outros termos, podemos dizer que Bakhtin critica o privilégio da descrição formal, estática e normativa sobre a atividade de linguagem; a desvinculação da palavra do contexto histórico real de utilização; o estudo das enunciações monológicas isoladas de maneira imanente e a descrição sincrônica desligada da evolução da língua. Por isso, Bakhtin concebe a enunciação como um produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, mesmo que o interlocutor seja uma virtualidade representativa da comunidade na qual está inserido o locutor e propõe, dessa forma, a ideia de interação verbal realizada por meio da enunciação.

A unidade fundamental da língua passa, assim, a ser o dialogismo, entendido como toda a comunicação verbal, independentemente do tipo.

Para precisar teoricamente o conceito bakhtiniano de dialogismo, é necessário analisar o princípio da heterogeneidade, que pode ser constitutiva ou mostrada. A ideia de que a linguagem é heterogênea, isto é, de que o discurso é construído a partir do discurso do outro, que é o “já dito” sobre o qual qualquer discurso se constrói.

A heterogeneidade constitutiva é aquela que não se mostra no fio do discurso; já a mostrada é a inscrição do outro na cadeia discursiva, alterando sua aparente unicidade. Segundo Authier-Revuz (*apud* BRAIT, 2000), a heterogeneidade mostrada pode ser marcada por meio de marcas linguísticas (discurso direto, discurso indireto, negação, aspas, metadiscurso do enunciador), denunciando a presença do outro explicitamente; já na heterogeneidade constitutiva, o outro está inscrito no discurso, mas sua presença não é explicitamente demarcada. Authier-Revuz considera a heterogeneidade constitutiva não-representável, não localizável, pertencente à ordem real de constituição do discurso. A heterogeneidade constitutiva apreende-se pela memória discursiva de uma dada formação social. A noção de heterogeneidade pode, então, ser vista como a maneira através da qual nós experienciamos o discurso e como adquirimos nossa competência discursiva.

A competência discursiva pode ser vista como “a capacidade que o sistema tem de se auto-organizar recursivamente/experencialmente no tempo/espço das interações”, no dizer de Auchlin (1998, p.79). Tal competência, segundo o autor, se desdobraria em duas outras noções:³¹

- a) a de acordo interior, que diz respeito à estabilidade dinâmica que confere uma identidade ao ‘Eu’ (subjetividade) na gestão das interações de que participa;

O acordo interior do sujeito lida necessariamente com a heterogeneidade discursiva já que é atravessado por outros discursos que o constituem.

- b) a de duplo acordo, que se refere à estabilidade dinâmica da própria interação no tempo/espço de sua constituição/efetivação.

³¹ Noções retiradas de material didático da disciplina “Seminário de Estudos Avançados: cognição I – Fundamentos, em 29-04-2009.

Para Auchlin, ainda, a competência discursiva produz dados experienciais, mas ela tem por tarefa mais geral fazer existirem sujeitos em condições de estabilidade dinâmica destinadas a gerir as suas respectivas identidades, co-construídas nas interações de que são componentes. Dessa maneira, a competência discursiva visa não só ao acordo interior, mas também ao duplo acordo.

Dito de outro modo, para que haja o acordo entre dois sujeitos dotados de autonomia, é necessário que, antes, ocorra o acordo interior em cada um deles, que cada um tenha claro para si próprio qual é sua posição social e seu posicionamento sobre o assunto tratado, para assim, então, entrar em interação com o outro, em condições de participar de uma negociação honesta dos sentidos e valores, em relação à maneira de se conseguir o acordo mútuo. A dialética, então, consiste nesta dinâmica entre a autonomia do sujeito e o duo encontro/troca.

Em suma, o ponto de partida da proposta de Auchlin (1998), é uma questão dialética que parece estar no fato de o sujeito ter de buscar sempre uma racionalidade, passando pelo crivo do acordo interior: *eu pensei sobre o assunto e consigo compreendê-lo dessa forma* para, só a partir daí, tornar-se preparado para agir.

Entretanto, essa noção de acordo interior parece assegurar ao sujeito uma integralidade que ele nem sempre consegue, visto que há circunstâncias específicas nas quais a identidade é ajustada na interação, em razão dos conflitos ou da busca de consenso.

Já Authier-Revuz, a partir das reelaborações de Michel Pêcheux sobre o conceito de interdiscursividade, (e ambos inseridos na perspectiva teórica da análise do discurso francesa), ressignifica o conceito de dialogismo bakhtiniano e traz como contribuição aos estudos da enunciação as dimensões da heterogeneidade discursiva (constitutiva e mostrada).

Essa autora reconhece as diferenças entre as elaborações teóricas de Bakhtin e Pêcheux, mas busca aproximá-las naquilo que permite melhores condições para a análise dos discursos, conjugando a heterogeneidade discursiva marcada, descritível no interior dos discursos/textos, com sua exterioridade, a heterogeneidade constitutiva, extra-linguística, a partir das contribuições da psicanálise e do dialogismo em Bakhtin. (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p.73-77).

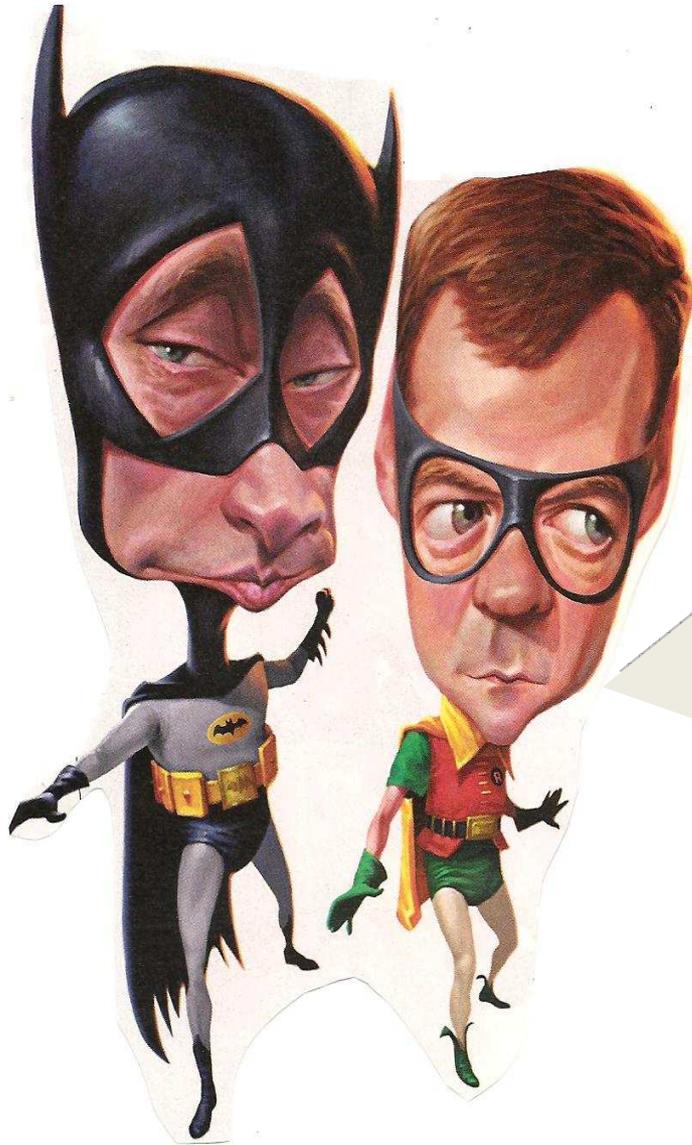
É importante registrar que a tradição linguística está vinculada aos estudos das mensagens dos discursos e tal perspectiva teórica restringe as abordagens da enunciação às intenções do pólo da emissão e das mensagens, praticamente ignorando o pólo da recepção, que, no máximo, pode apresentar nos enunciados nas mensagens uma projeção do enunciatário.

Isso posto, podemos concluir que as limitações das teorias de base linguística ficam explicitadas nas reflexões da pesquisadora Kerbrat-Orechionni, quando ela afirma que toda teoria da enunciação é mais abrangente, porque inclui três rubricas fundamentais, a saber:

- a. O enunciado faz referência ao locutor/emissor;
- b. O enunciado faz referência ao alocutário/receptor;
- c. O enunciado faz referência à situação enunciativa da sua produção, com a perspectiva de causar um dado efeito no receptor.

Assim, o sujeito, ao ler a seção *Veja Essa*, está lidando com um material heterogêneo, já que a revista faz uma apropriação da fala do outro e a contextualiza segundo suas orientações. E se pensarmos no processo de comunicação, da emissão à recepção, e na complexidade híbrida das linguagens dos discursos midiáticos como um todo, percebemos a necessidade de estudarmos a enunciação, incluindo a observação e análise dos momentos, lugares e das situações de recepção que demandam uma investigação interdisciplinar. É o que faremos na seção a seguir.

5 ENUNCIÇÃO COMO OBJETO: DA PRODUÇÃO À RECEPÇÃO



"Medvedev é o Robin do Batman Putin". Mensagem enviada ao Departamento de Estado, pela embaixada Americana, em Moscou, em 2008, definindo o atual presidente russo como fraco e indeciso e o atual primeiro-ministro como o "macho-alfa".(Veja, 08/12/2010)

5 ENUNCIÇÃO COMO OBJETO: DA PRODUÇÃO À RECEPÇÃO.

De uma maneira bem geral, pode-se dizer que a tradição impõe alguns limites advindos da associação entre regras sintáticas e semânticas do enunciado. No entanto, tendo-se a enunciação como um componente básico para os processos de construção da significação, os enunciados podem revelar uma multiplicidade de sentidos. Isso quer dizer que, levando-se em conta o papel da enunciação nas análises dos enunciados, significados que são normalmente considerados composicionalmente, assim não se configuram. Estes significados possuem denotativamente tal significação, porém, durante o uso da língua, eles seriam influenciados por diversos fatores sociais, históricos contextuais, pragmáticos e, em razão disso, 'atualizados'.

Nesse sentido, podemos dizer que o sujeito 'molda' o enunciado. Importa saber que mecanismos linguísticos estão implicados em tal molde, a organização a serviço de um dizer, já que os mecanismos apontados pelos estudos da gramática e na maioria de algumas teorias linguísticas, não dão conta da avaliação da língua submetida, ou analisada, à luz da enunciação.

Assim, consideramos que estudar o sentido das línguas naturais, na perspectiva enunciativa, com o intuito de analisar a recepção das mensagens, implica trazer a língua enquanto sistema de signos distintivos para o âmbito da língua entendida como sistema de signos referenciais, intersubjetivo, por meio do qual ela exerce uma de suas funções: comunicar.

Sendo assim, nossa hipótese inicial é a de que, de uma maneira bem geral, a recepção enquadra-se na direção de ajustamento mente/ mundo e mundo/mente, isto é, ela depende das crenças e dos desejos de quem fala e de quem recebe. Nesse nível, a recepção torna-se empírica e nosso objetivo com os questionários utilizados é obter uma visão geral sobre os aspectos que contribuem, ou não, para a construção do sentido dos enunciados em foco. Acreditamos que os resultados dos testes dos falantes nos permitirão analisar empiricamente essa complexa questão da recepção e sua relação com a construção do sentido.

Para tanto, neste capítulo, relatamos uma sondagem sobre a construção do sentido nos EPPs, que contou com a ajuda de 60 informantes que responderam a três questionários. Trata-se de um estudo exploratório que visou a levantar hipóteses e durante o qual teceremos considerações sobre a relação entre os

aspectos enunciativos (locutor, suporte, comentário da revista), e a construção do sentido dos enunciados. Nossa intenção foi avaliar se aqueles aspectos enunciativos contribuíam para que os efeitos de sentido fossem 'percebidos' pelos informantes.

Por meio desse procedimento, obtivemos uma visão, ainda que limitada, sobre os aspectos enunciativos intervenientes na compreensão do sentido. No entanto, não se pode negar a dificuldade de se apreender um processo que é mentalmente representado e, por isso, não diretamente observável. Devido a isso, tornou-se necessário adotar um método que tornasse possível a apreensão de inferências para posterior estudo dos dados.

Adotamos, em nossa metodologia, a seguinte sequência:

- opção por um *corpus* pertinente (enunciados do discurso político), em revista de renome;
- seleção dos enunciados a serem analisados e a respeito dos quais foram montadas as questões do questionário/teste aplicado;
- escolha dos sujeitos que se submeteriam a esse teste.

Em função dessa sequência e com o objetivo de verificarmos qual ou quais elementos são mais significativos no processo de construção do significado dos enunciados (EPPs), optamos pelas seguintes estratégias:

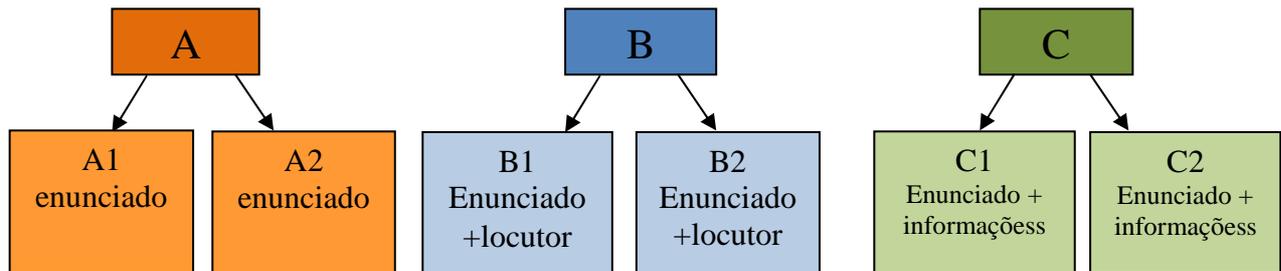
a) Todos os testes (A, B e C) continham os mesmos enunciados. No entanto, o teste A continha apenas o EPP, sem qualquer informação adicional sobre o suporte, isto é, o locutor e comentário da revista. O teste B continha, além do enunciado, o nome do locutor que o proferiu. Já o teste C, continha o enunciado, o nome do locutor e o comentário da revista.

b) Os sujeitos (informantes) foram divididos em três grupos (A, B e C). Cada grupo foi subdividido em dois, formando assim os subgrupos A1 e A2, B1 e B2 e C1 e C2. Essa subdivisão possibilitou, a nosso ver, uma melhor observação das questões relevantes para a pesquisa.

c) Os informantes dos subgrupos A1 e A2 receberam o enunciado sem qualquer outra informação adicional. Os dos subgrupos B1 e B2 receberam o enunciado com

o nome do locutor e por fim, os dos subgrupos C1 e C2 receberam o enunciado com todas as suas informações adicionais.

Figura 9: distribuição dos testes



Fonte: pesquisa da autora

d) Com essa subdivisão objetivamos: no grupo A, avaliar o enunciado; no grupo B avaliar o enunciado, mais a contribuição ou não do locutor para a construção do significado; e no grupo C, avaliar o enunciado, mais a contribuição ou não do locutor para a construção do significado, mais a contribuição ou não de todas as informações adicionais veiculadas pela revista para a construção do significado.

e) Com o objetivo de obter um contraste e um grupo mais heterogêneo de informantes, dividimos os grupos A, B e C entre estudantes com nível superior: especialistas, mestres e/ou doutores, e com sujeitos que cursaram apenas o ensino médio.

f) Foram feitas quatro perguntas para todos os informantes:

- ✓ Com que frequência você lê a revista *Veja*³²?
- ✓ Se você lê a revista *Veja* raramente ou frequentemente, o que mais gosta de ler nessa revista?
- ✓ Ao ler a frase abaixo, o que você entende?
- ✓ Explique por que você entendeu isso.

³² O fato de haver menção ao veículo (revista *Veja*) nas questões do questionário pode ter exercido alguma influência nas respostas dos informantes, embora não tenhamos obtido nenhuma resposta que comprovasse essa hipótese.

g) A distribuição dos testes entre os informantes foi feita da seguinte maneira: primeiramente, convidamos os possíveis informantes; depois, mediante resposta afirmativa ao convite para a realização do teste, enviamos o questionário. A opção pelo envio do questionário A, B ou C, seguiu a ordem de adesão do informante à realização do teste.

h) Durante a análise dos dados, os informantes foram identificados por números.

A seguir, fornecemos informações sobre cada questão.

5.1- Questão 1: Com que frequência você lê a revista *Veja*?

() nunca () raramente () frequentemente

Com essa pergunta, buscávamos aferir com que frequência os informantes liam a revista *Veja* para, posteriormente, tentarmos compreender se a maneira como a *Veja* expõe a realidade poderia influenciar, de alguma maneira e até que ponto, as suas repostas.

2. Com essa pergunta, buscávamos aferir com que frequência os informantes liam a revista *Veja* para, posteriormente, verificar se o modo como a *Veja* expunha a realidade poderia de algum modo influenciar as respostas dos informantes e até que ponto essa influência se exerceria.

5.2 - Questão 2: Se você lê a revista **Veja** raramente ou frequentemente, o que mais gosta de ler nessa revista?

Como dito anteriormente, os enunciados que compõem o *corpus* desta pesquisa foram compilados da Seção *Veja Essa*. O conteúdo temático encontrado nas referidas seções é bem variado (enunciados de personalidades ligadas ao

futebol, ao meio artístico, à moda e à política). Além disso, torna-se relevante assumir que as seções, assim como os demais atos de fala ali presentes, formatam uma ação de linguagem cuja intencionalidade é não apenas comunicar a ocorrência de um fato, mas também suscitar algum tipo de efeito de sentido (perlocucional) sobre esse fato. Em outras palavras, ao publicar os enunciados, o interesse da seção não é o fato que o cerca em si, mas sim o efeito que a Revista pretende ao orientar a leitura de seus leitores através de mecanismos interdiscursivos, paratextuais etc. O próprio ato de escolha dos enunciados já direciona para a intenção da revista de provocar efeitos outros de sentido.

Evidência disso é que os textos que compõem as seções são pequenos recortes de falas com grande volume de conteúdo informacional; essa forma de apresentação, aliada, às vezes, à inserção de algumas fotos dos enunciadores, provoca o interesse do leitor. Além disso, os discursos veiculados nessas seções são institucionalmente legitimados e possuem suas normas. Para ‘vender’ uma ideia, eles possuem entrelaçamentos e estruturas linguísticas características como: pouco texto, imagens arrojadas, cores vibrantes, legendas ou frases instigantes, afinadas com uma tendência geral vigente nas atuais sociedades de consumo ocidentais, e sempre aludindo a fatos atuais que parecem dizer respeito ao real.

Diante desse contexto, com a pergunta de número 2, objetivávamos verificar se os efeitos de sentido que subjazem aos enunciados poderiam exercer alguma influência sobre os informantes que têm o hábito de ler essa seção.

5.3 – Questão 3: Ao ler a frase abaixo, o que você entende?
--

Essa questão objetivava avaliar a capacidade de os informantes perceberem os efeitos de sentido presentes nos enunciados. A forma que encontramos para isso foi solicitar aos sujeitos uma descrição do que eles entendiam sobre o texto apresentado. Tínhamos a intenção de incitar a referência aos elementos verbais (ex: ministério das aves), representados no texto, para que pudéssemos avaliar se a presença ou ausência de informações contextuais (locutor, fonte) poderiam interferir nas respostas, já que a cada grupo de informantes (A, B e C), o questionário foi apresentado de uma maneira diferente. Vale dizer que essa questão é abrangente, sendo possível incluir nela capacidades de relacionar informações explícitas e implícitas e a de inferir (ou desconstruir inferências).

5.4 – Questão 4: Explique por que você entendeu isso.

Com esta pergunta, esperávamos que o leitor reconhecesse o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão, bem como identificasse efeitos de ironia ou humor e relacionasse, ou não, esses efeitos ao locutor, ao suporte e às informações adicionais que se encontravam na versão C do questionário.

Apresentamos, a seguir, um quadro-síntese com as questões, juntamente com as respectivas habilidades de leitura requeridas. Explicaremos o objetivo das perguntas elaboradas e discutiremos o que se esperava como resposta para cada uma delas.

Quadro 5: questões do teste

QUESTÕES	HABILIDADES REQUERIDAS (dos informantes)	OBJETIVOS/EXPECTATIVAS (do pesquisador)
1) Com que frequência você lê a revista <i>Veja</i> ?		Verificar não só a frequência com que o leitor lia a revista <i>Veja</i> para, posteriormente, mensurar a quantidade de conhecedores da seção <i>Veja Essa</i> .
2) Se você lê a revista <i>Veja</i> raramente ou frequentemente, o que mais gosta de ler nessa revista?		Verificar se o conhecimento da seção, que constitui o corpus de análise, poderia influenciar, de alguma maneira, as respostas.
3) Ao ler a frase abaixo, o que você	Localizar informação explícita e implícita no	Verificar se, apesar da ausência de informações, principalmente

entende?	texto, apesar da ausência de informações nos questionários A e B.	no questionário A, o leitor reconhece o efeito de sentido (ironia, humor, crítica etc.) decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfossintáticos. Verificar, ainda, se a menção ao locutor, no questionário B, contribui para que o leitor atribua os efeitos de sentido subjacentes aos enunciados.
4) Explique por que você entendeu isso.	Inferir informação implícita e/ ou explícita no enunciado.	Apontar que marcas linguísticas ou contextuais auxiliaram o leitor no entendimento do enunciado.

Fonte: pesquisa da autora

5.5 A natureza do teste.

A metodologia desta pesquisa fica bem próxima à da experimental, porém não se trata de um experimento real (*true experiment*), mas quase-experimental.

Johnson (1991, p. 172) resume um experimento como “um modo formal de determinar como um conjunto específico de ações ou condições (variável independente) causa mudanças em um comportamento (variável dependente)”. A metodologia experimental revela-se um caminho difícil, em se tratando de pesquisa em leitura, pois, sua própria natureza dificulta o controle das variáveis. Isso porque, em um experimento de leitura podem interferir o formato do texto, o conhecimento prévio sobre o tema abordado, a familiaridade com o gênero escolhido para o texto, a disposição para responder às questões e a interpretação das perguntas, entre outros. Apesar disso e de muito dificilmente lidarmos com valores exatos em linguística, podemos acrescentar ferramentas e análises qualitativas aos experimentos e adequá-los ao propósito deste trabalho.

Assim, feita a caracterização da natureza da pesquisa, passamos à descrição dos elementos e procedimentos que a compõem.

5.6 Os informantes

Participaram da pesquisa 30 sujeitos com nível superior, graduados, especialistas, mestres e/ou doutores das mais diversas áreas e instituições do país, bem como 30 sujeitos com apenas o ensino médio.

A distribuição foi feita da seguinte forma:

- a) O teste A foi respondido por 10 informantes com nível médio (EM) e 10 com nível superior (ES);
- b) O teste B foi respondido por 10 informantes do ensino médio e 10 com nível superior;
- c) O teste C foi respondido por 10 informantes do ensino médio e 10 com nível superior.

Tomamos o cuidado de formar um grupo relativamente heterogêneo porque, a nosso ver, isso talvez possibilitasse maior abrangência e variedade de respostas em relação aos resultados obtidos.

5.7 Materiais

Três EPPs, que integram a Seção *Veja Essa*, da revista *Veja*, foram selecionadas para fazer parte do experimento. A escolha dos enunciados foi direcionada à obtenção de um corpus que servisse a comprovar as hipóteses que levantamos nesta investigação.

Os enunciados foram extraídos da revista *Veja*, nas seguintes datas:

- enunciado I, *“Com tanto petista para empregar, logo, logo, Lula criará o Ministério das Aves”*, 13/08/2008;
- enunciado II, *“Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem*

ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem”, 13/08/2008;

- enunciado III, *“Não há comparação entre o Brasil de hoje e o Brasil de quinze anos atrás”, 08/07/2009.*

Foi elaborado um questionário³³ referente aos enunciados.

A compreensão das respostas dadas pelos informantes foi baseada nos descritores de habilidades de leitura em Língua Portuguesa do Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica). Utilizamos as matrizes do Saeb³⁴ como diretrizes, para elaborarmos nossos próprios descritores, quando necessário. Afinal, o próprio nome “matrizes de referência” indicia a possibilidade de considerarmos seus descritores como ponto de partida para novas elaborações.

As matrizes³⁵ de referência do Saeb apresentam os descritores agrupados de acordo com os diferentes níveis de ensino. Na matriz de referência de Língua Portuguesa, há, dentre outras, a seguinte especificidade:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que se sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita etc..³⁶

Diante do exposto, destacamos as seguintes habilidades e descritores do Saeb (D), nos quais nos fundamentamos, juntamente com as adaptações que fizemos (D*), quando necessárias, para avaliar as respostas do nosso trabalho.

I. Procedimentos de Leitura

- a) D1 – Localizar informações explícitas em um texto.
- b) D3 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.
- c) D4 – Inferir uma informação implícita em um texto.

³³Anexo, na seção Anexos deste trabalho.

³⁴ As matrizes de referência não englobam todo o currículo escolar. É feito um recorte com base no que é possível aferir por meio do tipo de instrumento de medida utilizado na Prova Brasil e que, ao mesmo tempo, é representativo do que está contemplado nos currículos vigentes no Brasil.

³⁵ No total, a Matriz de Referência de Língua Portuguesa da Prova Brasil e do Saeb é composta por seis tópicos: Procedimentos de Leitura; Implicações do Suporte, do Gênero e/ou do Enunciador na Compreensão do Texto; Relação entre Textos, Coerência e Coesão no Processamento do Texto; Relações entre Recursos Expressivos e Efeitos de Sentido e Variação Lingüística.

³⁶ Saeb, 2009.

II. Relações entre Recursos Expressivos e Efeitos de Sentido

- a) D16 – Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados.
- b) D 16*- Identificar efeitos de ironia, crítica ou humor em textos variados, apesar da ausência de informações contextuais, considerando tanto a produção quanto a recepção.
- c) D18 - Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.
- d) D18* - Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão presente no texto.
- e) D19 - Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfossintáticos.

Na matriz do Saeb, o título da habilidade III, que engloba o descritor 13 transcrito abaixo, é **Varição Linguística**. No entanto, para o nosso trabalho, achamos pertinente adaptar o título para **Condições sobre o sentido**:

- f) D13 - Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.
- g) D13*- Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o enunciado, as marcas linguísticas/enunciativas que evidenciam o locutor e o interlocutor, bem como as marcas linguísticas que dizem respeito à contextualização feita pela revista.

Foi preciso fazer essas adequações, porque as condições de produção e recepção, tão importantes para nossa análise, não foram contempladas na questão correspondente: “Explique por que você entendeu isso”. Preferimos não fazer uma questão muito pontual, deixando o informante livre para explicar em sua resposta o porquê de ele estabelecer, ou não, uma relação entre o locutor, o suporte e os efeitos de sentido.

5.8 Coleta de dados

Consistiu na realização dos pré-testes que foram respondidos pelos informantes. Primeiramente, foi feita uma sondagem, por E-mail e pessoalmente, sobre a disponibilidade de algumas pessoas para responderem ao questionário. À medida que os informantes respondiam positivamente, marcávamos um horário para que o teste fosse aplicado. No entanto, observamos que a presença da pesquisadora inibia alguns informantes e, por isso, optamos por enviar os questionários por E-mail ou deixar para que eles respondessem em casa. Dessa forma, obtivemos ao todo 60 respostas.

Na próxima seção, apresentaremos os resultados, descreveremos como os organizamos e como procedemos à sua análise.

6 RESULTADOS E ANÁLISES

"Esses jogos PlayStation ensinam a matar. Em um deles, colocaram a minha cara e o objetivo era matar o Chávez." **Hugo Chávez, presidente da Venezuela em janeiro. (Veja 29/12/2010)**



6 RESULTADOS E ANÁLISES

6.1 Da organização dos dados e critérios de análise

Nesta seção, apresentamos as análises dos resultados coletados no nosso experimento, as quais englobam os seguintes procedimentos:

- a) verificação das respostas dadas pelos informantes;
- b) agrupamento das respostas de cada questão;
- c) quantificação das respostas em cada pré-teste (A, B e C).

O tratamento dos resultados teve início pela verificação das respostas de cada sujeito. Na seção anterior, colocamos nos quadros as questões, seus respectivos descritores de habilidades, os objetivos e as expectativas de resposta para cada questão. Tais objetivos constituem nossos critérios de análise. No entanto, não restringimos nossa análise à quantificação e categorização das respostas como adequadas ou inadequadas. Fizemos o trabalho qualitativo de levantar regularidades nas respostas dos nossos informantes e de interpretá-las com base na fundamentação teórica. Então, tornou-se necessário selecionarmos trechos, descartarmos outros, recortarmos e excluirmos respostas que se configuravam apenas como paráfrases das perguntas. Além disso, a análise da resposta de determinada questão de um informante, por vezes, tornava necessária a leitura das suas respostas seguintes ou a releitura de anteriores, pois algum elemento importante para considerá-la 'adequada', poderia estar ausente na resposta de uma questão, mas presente em outra.

Dessa forma, foi possível verificarmos traços comuns entre as respostas e categorizá-las segundo essas regularidades. Foi a análise qualitativa que nos permitiu ver como cada informante atingiu ou não o objetivo de cada questão.

6.2 Gráficos de análise das respostas dos pré-testes, por questionário.

Nesta seção, apontamos os resultados obtidos com a análise das respostas.

Questão 1: Com que frequência você lê a revista Veja?

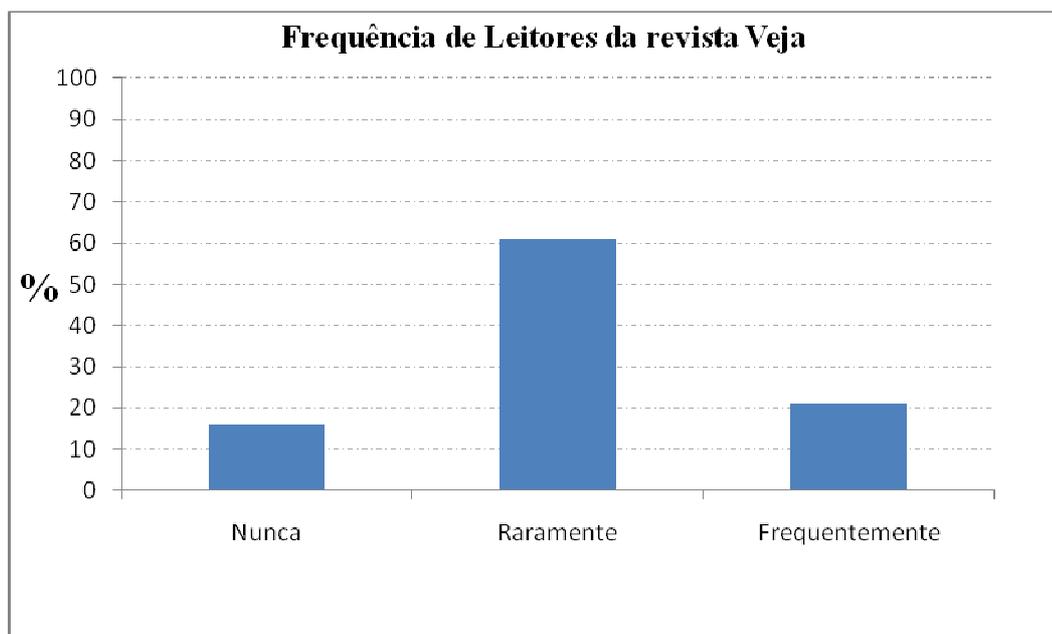
Objetivo: Verificar a quantidade de leitores conhecedores da seção Veja Essa. Para isso, na resposta, esperávamos que o leitor indicasse a frequência com que lia a revista.

Critérios predominantes nas respostas:

Para a questão de número 1, foram constatados os seguintes números: dos 60 informantes, 10 afirmaram que nunca leem a revista Veja; 37 afirmaram que raramente a leem (mais especificamente quando a matéria de capa lhes chama a atenção), e 13 informantes têm o hábito frequente de leitura dessa publicação.

Como se pode verificar, no gráfico abaixo, a maior parte dos entrevistados raramente lê a revista Veja.

Gráfico 1: Frequência de leitores da revista Veja.



Fonte: pesquisa da autora

O quadro acima aponta uma alta porcentagem (61%) de informantes que raramente têm contato com a revista *Veja*. Desses informantes, 22 têm o ensino médio e 15 o superior. Todos os informantes (21%) que afirmaram ter o hábito frequente de ler essa publicação têm ensino superior e, dentre os que afirmaram nunca ler a revista (16%), 8 cursaram o ensino médio e apenas 2 o superior.

Questão 2: Se você lê a revista **Veja** raramente ou frequentemente, o que mais gosta de ler nessa revista?

Objetivo: Verificar se o fato de conhecerem a seção *Veja Essa*, que constitui o corpus de análise desta investigação, pode influenciar, de alguma maneira, as respostas dos informantes.

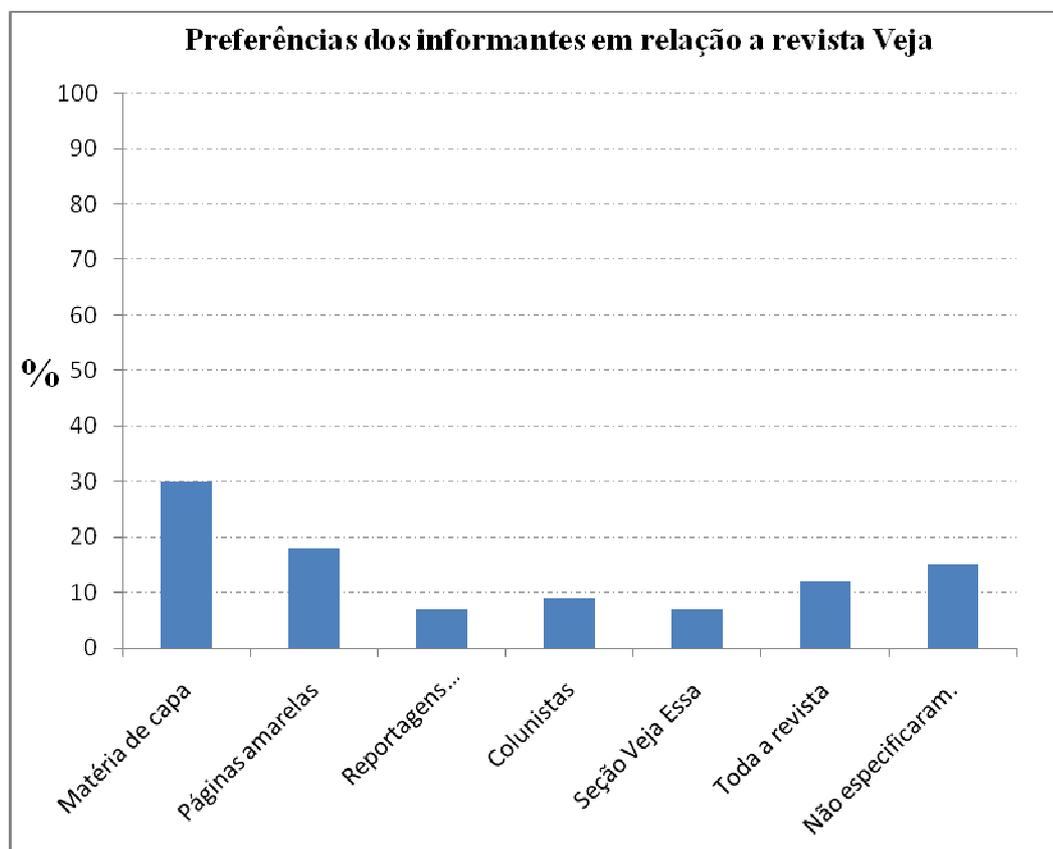
Critérios predominantes nas respostas:

Como mencionado, essa questão foi respondida por quem respondeu raramente ou frequentemente à questão anterior. Entretanto, alguns informantes afirmaram ler mais de uma seção da revista. Então, das 66 respostas lidas, 20 apontaram que os informantes compram a revista, quando a matéria de capa lhes interessa, 12 afirmaram preferir as entrevistas das páginas amarelas, 5 mencionaram que preferem reportagens diversas destacando: meio ambiente, saúde, esporte e economia, 6 afirmaram ter preferência pelos colunistas, mais especificamente pelo Diogo Mainard e pela Lya Luft, 5 apontaram que, dentre outras, a seção *Veja Essa* é sua leitura preferida; 8 afirmaram ler toda a revista e 10 não especificaram o que mais gostam de ler porque, em sua maioria, não leem a revista.

Em relação ao objetivo definido para essa questão, apenas 7% dos informantes conhecem a seção *Veja Essa*, o que aponta para o fato de que poucos sujeitos podem ser influenciados por conhecerem as características³⁷ que compõem esta seção.

Quantificamos as ocorrências das preferências mencionadas, que podem ser visualizadas no gráfico abaixo:

³⁷ Essas características foram apontadas na seção 4.2.

Gráfico 2: Preferência dos informantes da revista Veja

Fonte: pesquisa da autora.

Questão 3: Ao ler a frase abaixo, o que você entende? ³⁸

Edo 1: “Com tanto petista para empregar, logo, logo, Lula criará o Ministério das Aves”.

Edo 2: “Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem”

Edo3: “Não há comparação entre o Brasil de hoje e o Brasil de 15 anos atrás”.

³⁸ Apresentamos, aqui, os enunciados isolados. Lembramos que o questionário B vem acompanhado do nome do locutor e no questionário C, além do nome do locutor, há as informações adicionais: data, comentário da revista etc.

Objetivo da questão: Com a ausência de informações nos questionários A, espera-se verificar se o leitor reconhece os efeitos de sentido decorrentes da exploração de recursos ortográficos e/ou morfossintáticos.

Critérios predominantes nas respostas:

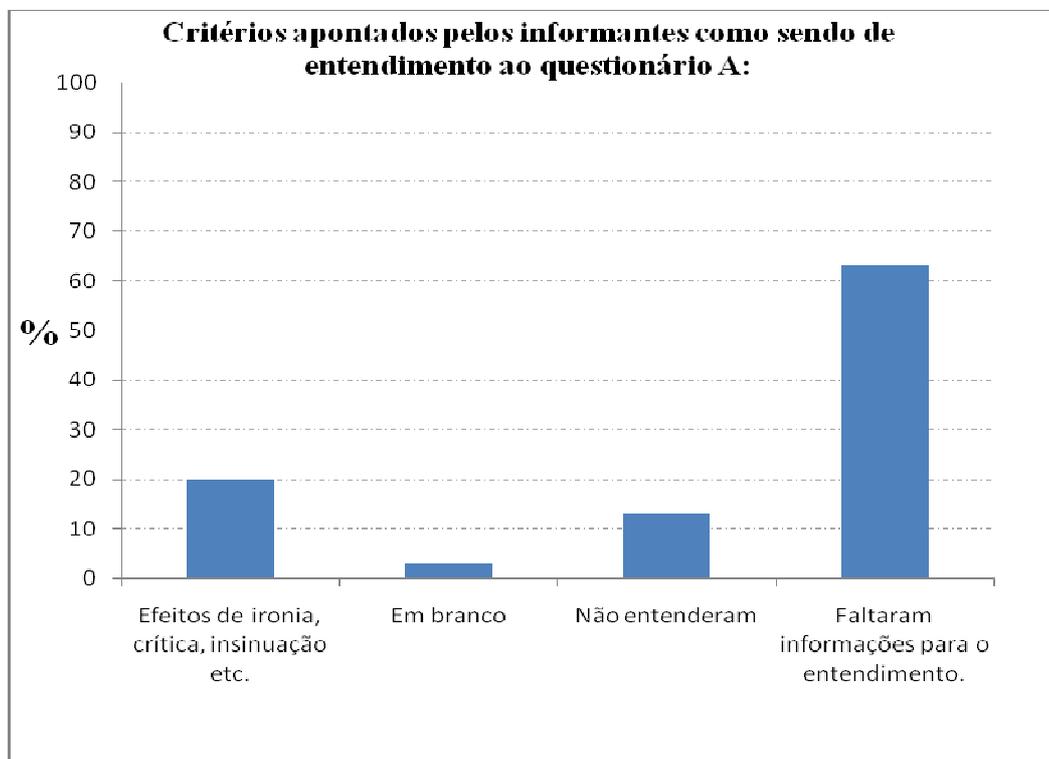
Em relação às perguntas de números 3 e 4, torna-se necessário destacar que para cada questionário (A, B e C) havia 20 informantes, somando um total de 60. No entanto, ao quantificarmos os resultados das respostas dadas a essas questões, achamos pertinente separarmos por questionário (A, B e C), porque ao analisarmos as respostas do questionário A e B surgiu, por exemplo, a categoria “Falta de informação contextual” que não havia aparecido quando analisamos o questionário C. Além disso, para cada questionário havia um total de 20 informantes; entretanto, algumas respostas traziam mais de uma informação relevante para a análise o que, em alguns casos, computou um resultado maior de respostas analisadas do que o total de informantes, o que justifica alguma discrepância.

Agrupamos as respostas dadas pelos 20 informantes a essa questão, de acordo com as recorrências predominantes de conceitos presentes nelas.

Vejamos, então, as análises para a pergunta de número 3 em relação ao questionário A que não continha informação alguma sobre o enunciado:

Das 30 respostas analisadas para a pergunta 3 no **questionário A**, 6 informantes (20%) apontaram que perceberam efeitos de ironia, crítica, insinuação e/ou brincadeira nos enunciados; 01 informante (3%) deixou em branco; 4 (13%) não entenderam o enunciado e a maioria dos informantes, 19 (63%) disseram que a falta de informações dificultou o entendimento.

Gráfico 3: critérios de entendimento do questionário A.



Fonte: pesquisa da autora.

Vejamos algumas respostas dadas à pergunta de número 3, para o **questionário A**.

Edo 1: “Com tanto petista para empregar, logo, logo, Lula criará o Ministério das Aves”.

I 8 – EM: ³⁹ “*Difícil saber do que se trata, a frase é estranha e parece que falta um pedaço. Mas acho que alguém está criticando Lula*”.

I 9 – ES: “*A expressão ‘ministério das aves’ não me dá nenhuma referência. Como consequência não consigo dar uma interpretação à frase acima*”.

³⁹ A letra I indica o informante EM e ES indicam a escolaridade: ensino médio e ensino superior.

I 12: ES: *“Sem conhecer o contexto em que a frase foi enunciada, fica muito difícil compreendê-la. Contudo, quando refazemos seu percurso enunciativo, percebemos que se trata de uma referência à criação do Ministério da Pesca, pelo presidente Lula, e à distribuição de cargos entre a base aliada”.*

Antes de começarmos a análise, torna-se necessário retomarmos, em linhas gerais, algumas premissas que foram apresentadas quando abordamos a TR.

Supõe-se que a comunicação informativa não deveria falhar ao agir com relevância, pois o que é dito é relevante, de uma forma ou de outra, no contexto conversacional. Baseado nesta suposição de relevância, no que diz respeito aos EPPs, o leitor é convidado a interpretar, ou seja, trabalhar o significado de dado enunciado, pois o que é expresso pode esconder um significado diferente do que é comunicado. Desta forma, o leitor pode fazer várias suposições (implicaturas) sobre o que poderia ter sido comunicado através do dito; nas implicaturas o suporte linguístico é menos óbvio e, portanto, elas dependem principalmente do conhecimento da situação compartilhada pelos interlocutores. Ou ainda, o leitor poderia permanecer na base de uma proposição que surge do que foi convencionalmente expresso, ou resultante de processos de desambiguação, enriquecimento e busca de referência (explicaturas).

Logo, percebe-se a importância de fixarmos uma implicatura para procedermos às análises a seguir, já que a emergência de sentidos inéditos são, muitas vezes, construídos a partir de fatores pragmáticos.

Implicatura desejável para o enunciado 1: o governo Lula é um cabide de empregos

Analisemos as três respostas comparativamente. O informante (I8) ao dizer que “a frase é estranha e parece que falta um pedaço”, acusa, inconscientemente e sem maiores conhecimentos, a ausência de algo fundamental para a interpretação dos enunciados em pauta: os enunciados não são pertinentes, coerentes, nem claros para o informante, assim como não trazem informações válidas, ou verdadeiras. Os enunciados, então, transmitem uma informação que não condiz, ou é pouco relevante, com o conjunto de estímulos linguísticos e extralinguísticos na

situação discursiva. Assim, há um estranhamento no interlocutor, que percebe que o enunciador deixou de informar algo ou quis dizer outra coisa que foge ao padrão de uso da expressão.

No entanto, esse informante percebe a crítica subjacente ao enunciado, percepção talvez alcançada por meio de sua experiência (conhecimento anterior) em relação a estereótipos criados sobre o governo Lula e seus feitos durante sua gestão. Esse fato confirma que devemos admitir uma contribuição direta da enunciação como um recurso complementar.

A leitura do informante (I 9) é feita no nível do enunciado, das convenções linguísticas. O informante se atém à expressão “Ministério das Aves” e, por isso, não consegue associá-la a uma crítica ao governo do então presidente Lula. A verdade é que a ausência da “referência”, como afirma o próprio informante, não “dá a entender pelo contexto da conversação” (GRICE, 1975) e nem está de acordo com a TR, quando propõe que um ato comunicativo só é relevante quando foi relevante na percepção.

Já o informante (I 12), no início de sua resposta, também aponta o contexto como fator dificultador do entendimento do enunciado, deixando explícito que a falta do contexto conversacional dificultou sua interpretação. A seguir, entretanto, quando diz “quando refazemos seu percurso enunciativo”, ele deixa transparecer que, quando aquele contexto conversacional se aplicasse, a compreensão seria imediata. Ele usa seu conhecimento anterior sobre os fatos políticos, associa o Ministério da Pesca ao das Aves e percebe a ironia do enunciado, ou seja, a farra da “distribuição de cargos entre a base aliada” procedendo, assim, há uma interpretação condizente com o efeito pretendido pela seção (crítica/ironia) ao veicular tal enunciado. Era isso que tínhamos em mente, quando fixamos a implicatura desejável “o governo Lula é um cabide de empregos”, que se concretizou apenas na resposta do informante (I 12). De acordo com a TR, a dimensão a ser considerada no processo de interação requer um alcance imediato por parte do alocutário, o que não acontece com o (I 12). No entanto, não há como considerarmos sua resposta pouco relevante mesmo porque ele

demonstra certo conhecimento, talvez de linguística, ao utilizar expressões próprias da sua nomenclatura, como percurso enunciativo (da enunciação), e a referência, esta também de uso corriqueiro na área, mas indiciando aqui uma sequência lógica de inferências adequadas e subjacentes aos enunciados do texto. Ou seja, o

informante aplica condições adicionais de interpretabilidade ao significado do enunciado.

Edo 2: “Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem”.

I 1 – EM: *Entendi que um casal tem que olhar para a mesma direção, um ajudar o outro*

I 3 – EM: *Não entendi a frase*

I 17 – ES: *Como na frase anterior, senti falta de mais explicações para ter um melhor esclarecimento. Não consegui entender direito.*

Implicatura desejável: para haver crescimento econômico é necessário haver união entre os países

Para a resposta sucinta do informante (I 3) apenas conjecturas de análise são possíveis; fica inviabilizada qualquer afirmativa concreta do porquê de sua resposta. Uma conjectura poderia ser que ele parece ter utilizado como categoria de análise apenas as convenções linguísticas, recorrendo aos significados literais das palavras que a compõem e, por isso, sua interpretação se restringe ao nível do enunciado; mas, ainda assim, não expressou entendimento algum sobre os enunciados. Outra possibilidade seria de ordem extralinguística, como a preguiça ou o desinteresse por uma leitura mais atenta, mas outra conjectura de ordem subjetiva apenas, gerada por nosso conhecimento de mundo, mas sem comprovação pelas estruturas linguísticas ou pela enunciação. O informante ficou, então completamente afastado de uma interpretação segundo a implicatura desejável fixada por nós.

O informante (I 1) também interpreta os enunciados utilizando [apenas] as convenções linguísticas. Assim, a implicatura desejável fixada para o enunciado “o governo Lula é um cabide de empregos” é violada diante da ausência do contexto que viria a preencher a interpretação.

O informante (I 17) também aponta a violação da mesma máxima citada para explicar a impossibilidade de interpretação do informante (I 3), porém, (I 17) faz alusão direta a “mais explicações”, mostrando que o contexto do dialogismo, a

enunciação, deixaria as coisas mais claras para se entender os enunciados. Como consequência, para (I3) e (I 17) as informações foram pouco relevantes, com o conjunto de estímulos linguísticos e extralinguísticos da situação e cena discursivas.

Fica claro que o ouvinte infere a relevância da informação dentro do contexto do dialogismo, o que significa que as informações provindas de vários níveis situacionais interagem cognitivamente de forma complexa para a produção e decifração do sentido. O que se deduz, então, é que a interação discursiva depende de fatores extralinguísticos para ser provida de sentido e que a cognição sintetiza articuladamente todos os estímulos, sejam linguísticos ou não. Nenhum desses três informantes conseguiu atingir a implicatura desejável fixada.

A TR pode nos ajudar a entender que para o enunciado 2, talvez, o locutor tenha tentado escolher *inputs* mais relevantes e processá-los de modo a maximizar sua relevância, já que para essa teoria o falante pode ser capaz de produzir estímulos que provavelmente atraíam a atenção do interlocutor, ative um apropriado conjunto de suposições contextuais e aponte na direção de uma conclusão pretendida.

Edo 3: “Não há comparação entre o Brasil de hoje e o Brasil de 15 anos atrás”.

I 1 – EM: *Que durante 15 anos não modificou nada no Brasil.*

I 9 – ES: *Com essa frase, eu entendo, ainda que esta não seja uma informação explícita, que o Brasil de hoje é melhor que o Brasil de 15 anos atrás.*

I 18 – ES: *A pessoa que disse essa frase quis exaltar duas épocas diferentes do nosso país, mas sem mais detalhes, fica difícil saber qual época.*

Implicatura desejável: o Brasil de hoje é muito melhor.

Aqui, podemos dizer que o informante (I 1) demonstra uma leitura calcada na expressão “não há comparação”, o que fez com que ele se veja impossibilitado de fazer uma interpretação comparativa entre dois momentos do desenvolvimento do

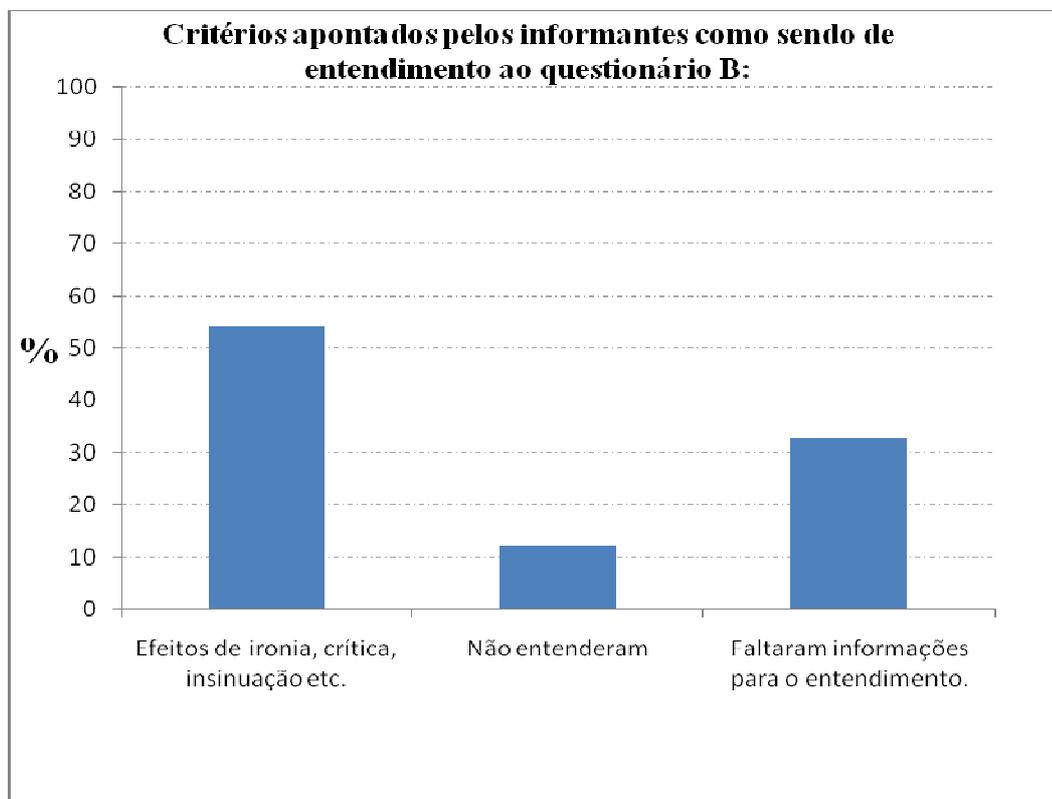
Brasil, como se o país tivesse se mantido do mesmo jeito durante 15 anos. Ele se atém apenas à análise do nível linguístico do enunciado, o que o leva a uma inferência não pertinente. Assim como aconteceu em exemplos anteriores, a implicatura desejável não se realiza.

Já o informante (I 9), apesar da presença da lítotes no enunciado “Não há comparação”, percebe que o enunciador faz uma comparação entre duas épocas do Brasil. Nesse caso a TR nos dá suporte para entender que o enunciador, ao dizer “Não há comparação”, apresenta um comportamento ostensivo de sua intenção e isso desencadeia na mente do informante a inferência “*o Brasil de hoje é melhor que o Brasil de 15 anos atrás*”. No entanto, ao dizer “*eu entendo, ainda que esta não seja uma informação explícita*”, o informante deixa claro que ele recorre a elementos da enunciação (condições de conteúdo proposicional) para processar seu entendimento do enunciado, bem como utiliza o contexto da conversação (implicatura conversacional), para proceder a sua interpretação e alcançar a máxima fixada por nós.

Em relação ao informante (I 18), podemos postular que para chegar à conclusão de que “*a pessoa quis **exaltar***” foi necessário haver uma recorrência aos elementos presentes no enunciado “*Não há comparação entre*”, mas como falta ancoragem enunciativa ao informante, ele não consegue identificar qual das épocas (presente ou passado) está sendo engrandecida pelo locutor.

No que diz respeito **ao questionário B**, que contava com o nome do locutor logo após o enunciado, houve 24 respostas analisadas, nenhuma em branco. Três (12%) dos informantes apontaram que não entenderam os enunciados; 8 (33%) disseram que a falta de maiores informações dificultou a compreensão e 13 informantes, que correspondem a 54% , atingiram o objetivo esperado que era o de perceber os efeitos de sentido. Vejamos o gráfico:

Gráfico 4: critérios de entendimento do questionário B.



Fonte: pesquisa da autora.

Agora, vejamos algumas respostas dadas para a pergunta de número 3 em relação ao **questionário B**.

Edo 1: “Com tanto petista para empregar, logo, logo, Lula criará o Ministério das Aves”. **José Carlos Aleluia**, deputado federal (DEM-BA).

I 27: ES: “*Ministério dos tucanos*”.

I 35 – EM: “*Há uma ironia por parte do deputado, que é de outro partido, em relação ao governo atual*”.

I 38 - EM: “*Vindo de um político que pertence ao partido DEM, parece-me que há uma incitação explícita e crítica, ao fato de Lula criar tantos ministérios*”.

Implicatura desejável: o governo Lula é um cabide de empregos

A resposta do informante (I 27) é bem curiosa e fica difícil imaginar o percurso feito por ele para chegar ao 'entendimento' refletido na resposta "*Ministério dos tucanos*". Podemos, porém, aventar uma hipótese: que ele tenha recorrido apenas aos elementos presentes no enunciado "Ministério das aves" para sugerir, como petista, a criação do "Ministério dos tucanos" e, por isso, estar ironicamente referindo-se ao partido adversário do presidente Lula, o PSDB, que tem como símbolo a ave Tucano, sugerindo que Lula deveria criar esse ministério para satisfazer aos tucanos (PSDB). Nesse caso, ele estaria recorrendo à enunciação para fazer sua inferência. No entanto, para decidirmos isso, também nos falta suporte enunciativo.

Podemos supor que o informante (I35) lançou mão de um elemento da enunciação, lugar social do locutor (deputado), para afirmar que este foi irônico. Percebemos nessa resposta que a identidade do locutor- membro de um partido de oposição- foi suficiente para provocar expectativas definidas de relevância do leitor que extrapola o nível do enunciado, para fazer sua inferência.

A resposta do informante (I 38) nos revela, mais uma vez, que a presença da identidade do locutor é importante para a compreensão (condições preparatórias Σ). O informante, além de fazer alusão ao locutor do enunciado, percebe o efeito de ironia, presente na enunciação, ao dizer que há uma "incitação explícita e crítica, ao fato de Lula criar tantos ministérios". Para o informante (I38), o locutor (José Carlos Aleluia) manifesta sua intenção explícita em criticar o governo Lula, mas para chegar a essa constatação foi necessário que o informante se fixasse na identidade do locutor.

Para o enunciado 1, em relação ao questionário B, nenhum informante referiu-se à falta de informações como prejudicial ao entendimento, o que nos leva a supor que a presença da identidade do locutor foi suficiente para que o informante desse uma interpretação cabível ao enunciado.

Passemos ao enunciado 2:

Edo 2: "Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem"
(**Presidente Lula.**)

I 31 – EM: *Vindo de quem veio (Lula), não consigo entender muita coisa.*

I 35 – EM: *O Lula, mais uma vez, fantasia para falar de algo sério, sem saber do que ele falava, fica difícil entender.*

I 36 – ES: *Nossa! Acho que Lula estava bêbado rs. Acredito que ele quis usar a imagem do homem e da mulher para comparar ao crescimento da economia. Sei lá!*

Implicatura desejável: para haver crescimento econômico é necessário haver união entre os países

O informante (I 31) atribui o não entendimento ao fato de o enunciado ter sido dito pelo presidente Lula. Ao dizer “*Vindo de quem veio*” ele deixa claro que recorre a sua experienciação – conhecimento anterior sobre hábitos discursivos do ex-presidente Lula- para produzir uma inferência. O informante acaba desnudando sua formação discursiva em relação ao ex-presidente: preconceito contra a falta de escolaridade, que por essa razão, *não diz coisa com coisa*; devido a isso, o entrevistado não consegue entender.

Assim sendo, podemos postular que o informante não gosta de Lula e deve pertencer também a outra filiação partidária.

Na mesma direção, o informante (I 36), embora tenha percebido que o enunciador faz uma comparação, lança mão de uma insinuação irônica, que remete a um hábito que é atribuído a Lula: o de consumir bebida alcoólica em excesso. As inferências feitas por esse informante também extrapolam o nível do enunciado, como ocorreu com (I 31), e deixam aflorar suas formações discursivas⁴⁰ que nasceram de suas experienciações. O informante se deixa levar pelo conhecimento que tem de notícias divulgadas pela imprensa sobre o gosto do ex- presidente por bebidas alcoólicas. Por outro lado, a expressão “acho que fulano estava bêbado quando disse isso” remete a esse alguém não estar dizendo coisa com coisa. Não

⁴⁰“Uma formação discursiva pode ser entendida como os traços fundamentais que identificam a formação ideológica, a qual é regida por um conjunto de regularidades que determinam sua homogeneidade e coerência, cuja unidade constitutiva é o enunciado”. (CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. Dicionário de Análise do Discurso, 2006).

se aplicaria apenas ao ex-presidente. Tanto o caso desse fulano bêbado, quanto a resposta do informante nesse trecho da fala de Lula, apontam para certo desprezo pela figura do ex-presidente.

O informante (I 35) também recorre à enunciação para fazer sua leitura. Mesmo dizendo que a falta de maiores informações dificultou sua compreensão, fica claro que ele faz uma avaliação baseada sua experiência sobre o presidente, ao dizer que *“O Lula, mais uma vez, fantasia para falar de algo sério”*

De modo geral, esses exemplos confirmam nossa hipótese apontada no subitem 3.2 deste trabalho, quando abordamos a TR: cabe ao falante implementar recursos para se alcançar um acordo quando o enunciado não apresenta, em um primeiro momento, uma resposta considerada relevante, embora em nossa análise tivéssemos feito uso de outros parâmetros de análise e não apenas os da TR.

Continuemos nossa análise com o enunciado 3:

Edo 3: *“Não há comparação entre o Brasil de hoje e o Brasil de 15 anos atrás”.*
(Fernando Henrique Cardoso)

I 22-EM: *Bem, ele quis dizer que o país continua exatamente igual. Nada mudou e que ninguém hoje em dia compara o país de agora com o de quinze anos atrás, pois está tudo a mesma coisa. Nada foi feito para melhorar.*

I 26 – EM: *FHC tenta não deixar crescer a popularidade de Lula. Ou seja, Lula não fez nada além do que o governo FHC começou a fazer.*

I 33 - ES: *Como é o FHC quem disse a frase, ele só pode estar dizendo que o Brasil de antes é melhor do que o de hoje.*

Implicatura desejável: o Brasil de hoje está melhor porque começou a ser ‘construído’ no governo FHC.

Ao dizer *“Não há comparação”*, o locutor do enunciado manifesta sua intenção comunicativa de estabelecer uma comparação entre duas épocas do Brasil. No entanto, não é esse o efeito de sentido entendido pelo informante (I22), já que ele afirma em sua resposta que *“ele quis dizer que o país continua exatamente*

igual”. Ou seja, como o efeito cognitivo produzido no informante não foi positivo, essa seria uma resposta não relevante nos termos da TR que foi descrita anteriormente.

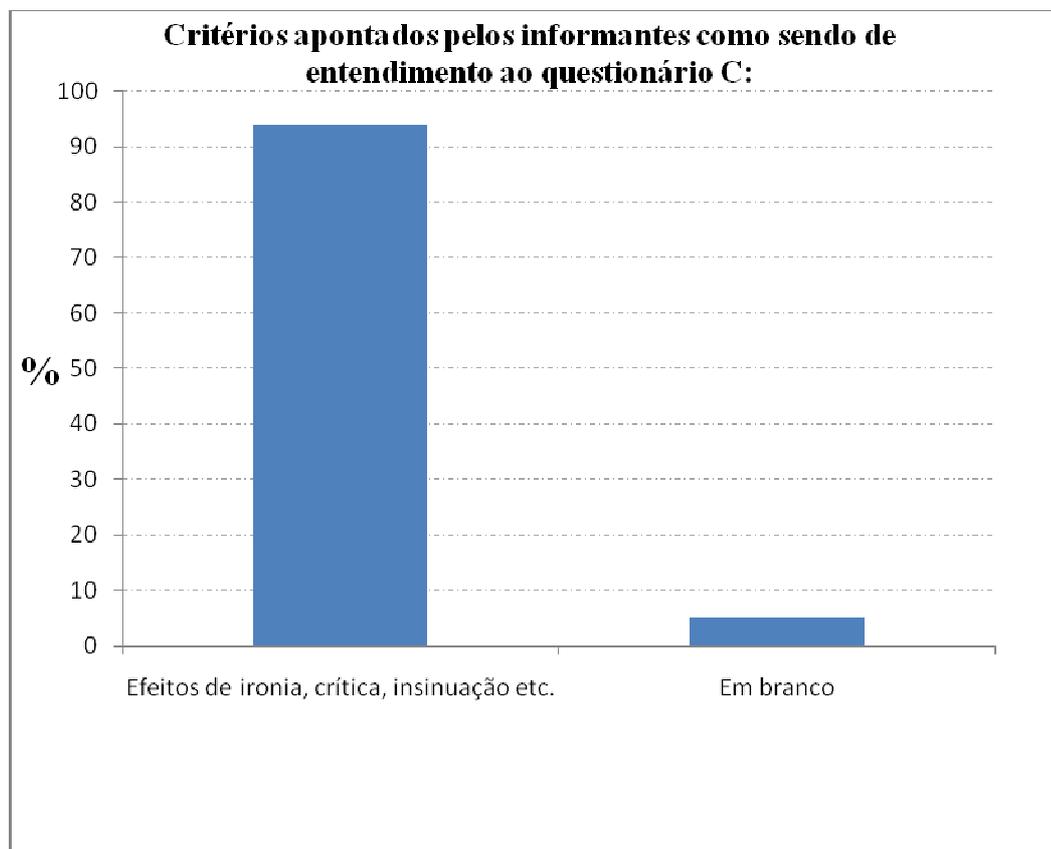
Já o informante (I26) recorre à identidade do locutor e à sua experienciação “*não deixar crescer a popularidade de Lula*”, para produzir um significado. Percebemos que nada há no enunciado que permita inferir que Lula é popular, sendo essa uma avaliação feita pelo informante baseada em sua vivência – a popularidade de Lula. Além disso, ao afirmar que “*Lula não fez nada além do que o governo FHC começou a fazer*”, revela-nos que mesmo desconhecendo o contexto em que o enunciado foi proferido o informante, ao recorrer a um componente da enunciação - *identidade do locutor* -, oferece-nos uma resposta considerada relevante, porque a estabilidade econômica do Brasil começou a ser criada no governo FHC.

Por fim, o informante (I33), afirma que o locutor está dizendo que “*o Brasil de antes é melhor do que o de hoje*”. Essa constatação só pode ter sido feita baseada nos conhecimentos/experienciação do leitor que associa a identidade do locutor (ex-presidente da República) ao proferimento. Não há nenhuma pista no enunciado que nos remeta a tal asserção.

Já para o **questionário C**, que continha todas as informações contextuais, analisamos 18 respostas para a questão de número 3. Torna-se importante salientar, entretanto, que só podemos tratar a enunciação quando a registramos sobre a forma de um enunciado, conforme é feito pela revista, incorporando a identidade do locutor, a circunstância histórica do proferimento, o tempo, entre outros fatores.

Como se pode verificar no gráfico abaixo, a maioria (94%), que corresponde a 17 informantes, afirmaram perceber efeitos de sentido (ironia, crítica etc.) no enunciado, enquanto apenas 1 informante deixou a resposta em branco.

Gráfico 5: critérios de entendimento do questionário C.



Fonte: pesquisa da autora.

Vejamos algumas respostas, por enunciado:

Edo 1: “Com tanto petista para empregar, logo, logo Lula criará o Ministério das Aves”. **José Carlos Aleluia**, deputado federal (DEM-BA), falando das duas centenas de cargos abertos no recém-criado Ministério da Pesca. Revista Veja 13/08/2008

I 44 – EM: *“Como a revista Veja é sempre contra Lula, fica claro que é uma crítica ao presidente”.*

I 47 – EM: *Como Lula criou o ministério da pesca, o deputado, ironicamente, afirma que ele vai criar também o ministério das aves.*

I 58 – ES: *Que o Lula pretende manter seus aliados e companheiros de partido no poder, custe o que custar. Vale até criar empregos imaginários.*

Implicatura desejável: o governo Lula é um cabide de empregos

Percebemos, aqui, que o informante (I 44) expressa, de forma enfática, sua opinião sobre a revista *Veja*, associando esse fato à crítica que subjaz ao enunciado. Ao dizer “*Como a revista Veja é sempre contra Lula*”, ele explicita sua avaliação/experienciação de leitor. Isso é da ordem da enunciação. Nesse sentido, podemos dizer que a resposta do informante foi justificada por condições enunciativas, mas o enunciado nos oferece fatos que justificam uma percepção de crítica ao Lula: “tanto petista para empregar”; “duas centenas de cargos abertos” Dessa forma, ele alcança a implicatura fixada por nós. Esse fato corrobora com nossa afirmação de que para que uma comunicação seja efetivamente considerada relevante, o enunciado pode ser percebido não apenas a partir de sua forma lingüística, mas também na sua dimensão enunciativa.

O informante (I47), por sua vez, recorre às informações presentes no enunciado “Ministério da Pesca” para manifestar seu entendimento sobre o mesmo. No entanto, ao afirmar que o deputado “*ironicamente, afirma*”, ele marca sua posição/avaliação de leitor. E o informante (I 58), de forma irônica “*Vale até criar empregos imaginários*”, revela sua percepção sobre o enunciado. Esse informante faz sua inferência recorrendo a elementos da enunciação - conhecimento de fatos corriqueiros associados a nepotismos no que diz respeito à política brasileira -, bem como recorre também ao enunciado para alcançar a implicatura convencional criada para ele.

Edo 2: “Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem” **Do presidente Lula**, na Argentina, defendendo a união entre os dois países diante do olhar lânguido da presidente argentina Cristina Kirchner. *Veja*. 13/08/2008.

I 41 – EM: *Entendi que o presidente Lula quer se aproximar do país vizinho – Argentina e utiliza metáforas para tal.*

I 52 – ES: *Entendo que se trata de um comentário em prol da união comercial entre Brasil e Argentina, e que um dos argumentos é a proximidade social e geográfica de ambos os países.*

I 55 – ES: *É feita uma crítica irônica ao presidente Lula por parte da revista Veja, pois o presidente comete um equívoco relacionado à adequação ao contexto: ele faz uma analogia afetiva num contexto de negociações econômicas.*

Implicatura desejável: crescimento econômico demanda parceria e união entre os países

No que diz respeito ao enunciado 2, o informante (I 41), por exemplo, respondeu: *“Entendi que o presidente Lula quer se aproximar do país vizinho”*, fazendo, então, uma leitura apenas no nível (linguístico-semântico) do enunciado (detectou a metáfora), mas não atribuiu efeito de sentido ao mesmo no nível discursivo-pragmático. Dessa forma, o informante, mesmo percebendo a metáfora usada pelo então ex-presidente, não alcança a implicatura fixada por nós.

Já o informante (I52) alcança literalmente a implicatura fixada ao dizer que *“se trata de um comentário em prol da união comercial entre Brasil e Argentina”*. Retomando a concepção assumida por nós de que só podemos tratar a enunciação quando a registramos sobre a forma de um enunciado; o informante recorre à enunciação para localizar que Brasil e Argentina são os países referidos pelo ex-presidente.

O informante (I55) faz uma avaliação não só da sentença em nível semântico, mas do enunciado compatível com o contexto na cena enunciativa, quando leva em conta aspectos enunciativos, como a atitude, o lugar social e a intencionalidade do locutor (Lula). Podemos dizer, ainda, que há um contraste entre o enunciado figurativo e o contexto de relações formais, quando o informante afirma que *“o presidente comete um equívoco relacionado à adequação ao contexto”*, confirmando a relevância da enunciação para a produção do sentido.

Edo 3: “Não há comparação entre o Brasil de hoje e o Brasil de quinze anos atrás.”

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República, falando sobre os quinze anos do Real. Revista Veja 08/07/2009.

I 45 – EM: *Como foi o ex-presidente quem disse isso, ele está criticando o Lula pelo “apoderamento” do sucesso do real.*

I 51 – ES: *É uma crítica ao governo federal atual. O FHC quis pontuar que naquele dia estava se comemorando a criação da moeda real e não do modelo econômico e que a moeda era a mesma que de 15 anos atrás.*

I 53 – ES: *Não é possível traçar comparações porque os problemas que o governo FHC enfrentou foram outros, foram maiores do que aqueles enfrentados pelo atual governo.*

Implicatura desejável: o Brasil de hoje está melhor, porque começou a ser ‘construído’ no governo FHC.

É interessante destacar que o informante (I 45) faz a interpretação do enunciado, levando em conta o papel social do locutor - de ex-presidente da república -, e deduz que FHC faz uma crítica ao presidente Lula pela apropriação indevida da criação do Real. O mesmo pode ser dito do informante (I51) que, ao fazer sua avaliação “*É uma crítica ao governo federal atual*”, recorre a dados da enunciação, já que não há marcas no enunciado que evidenciem que se trata de uma crítica. Essa crítica apontada pelo entrevistado, se analisada à luz da enunciação, permitiria a leitura do efeito de sentido: FHC está afirmando que o Brasil de 15 anos atrás era melhor que o atual (de Lula), isto é, durante o governo dele, FHC.

O informante (I53), como os demais, extrapola o nível do enunciado ao afirmar que “*os problemas que o governo FHC enfrentou foram outros, foram maiores do que aqueles enfrentados pelo atual governo*”. Ou seja, não se deve comparar os dois governos. Esse efeito de sentido, de inferência, só pode ter sido causado por

sua experiencição, por seu conhecimento anterior. Os três informantes alcançaram a implicatura fixada por nós.

Ainda, de uma maneira geral, podemos dizer que a inclusão das informações contextuais no questionário C, como era de se esperar, permitiu que a maioria (94%) dos informantes, percebesse efeitos de sentido nos enunciados apresentados.

Passemos, agora, a análise da questão 4.

Questão 4: Explique por que você entendeu isso.

Objetivo: Apontar as marcas linguísticas ou contextuais que auxiliaram os informantes no entendimento dos enunciados:

Edo 1: “Com tanto petista para empregar, logo, logo, Lula criará o Ministério das Aves”.

Edo 2: “Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem”.

Edo 3: “Não há comparação entre o Brasil de hoje e o Brasil de quinze anos atrás.”

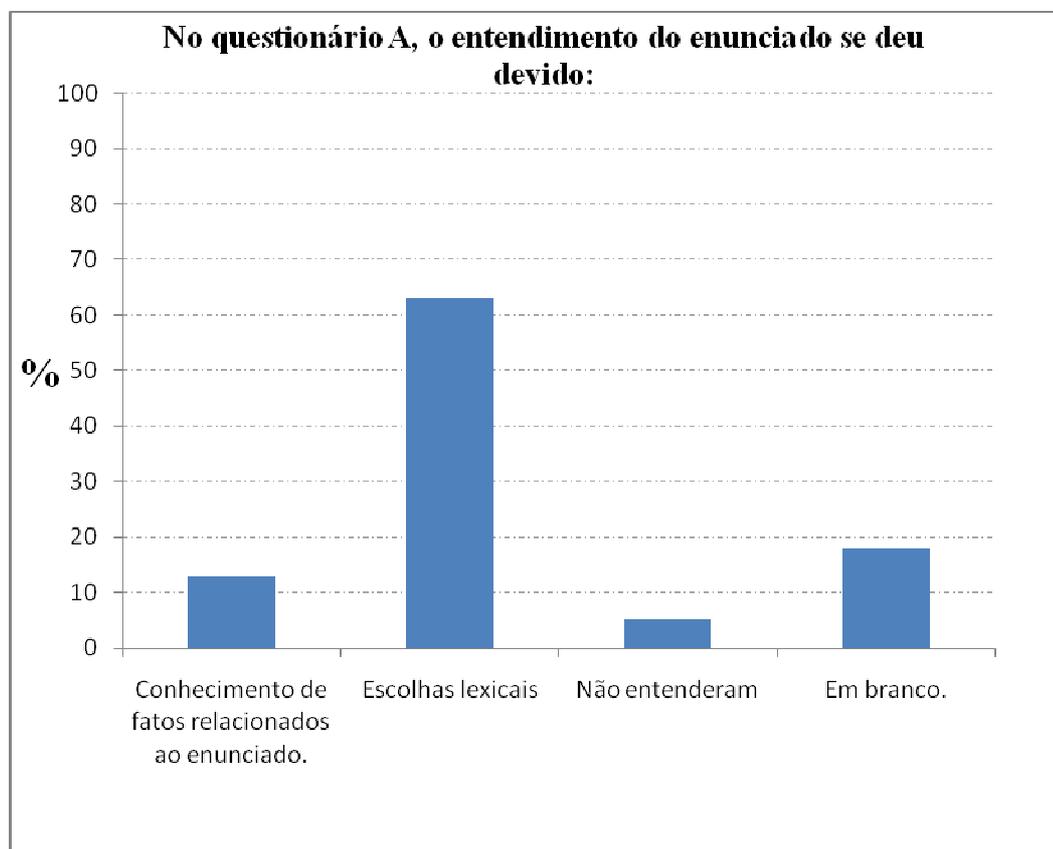
Critérios predominantes nas respostas:

Essa questão teve respostas variadas, possivelmente devido à utilização de “explique” na pergunta feita aos informantes que, por ser um termo um pouco subjetivo, abre diferentes possibilidades de resposta.

Para o **questionário A**, que continha apenas o enunciado isolado, 38 respostas foram analisadas em relação à questão de número 4. Das 38 respostas, 5 (13%) apontaram que o conhecimento sobre o fato mencionado no enunciado auxiliou no entendimento; 24 (63%) atribuíram o entendimento às escolhas lexicais presentes no enunciado, 2 (5%), afirmaram que não entenderam, e 7 informantes (18%), deixaram em branco.

Vejamos no gráfico os números representados para os três enunciados, e logo a seguir algumas respostas:

Gráfico 6: fator motivador do entendimento quanto ao questionário A.



Fonte: pesquisa da autora.

I 19 – EM: *“Porque achei muito esquisito criar um “ministério das aves” e por causa do tom irônico”*

I 16 – ES: *“Porque a frase fala em crescimento econômico”*

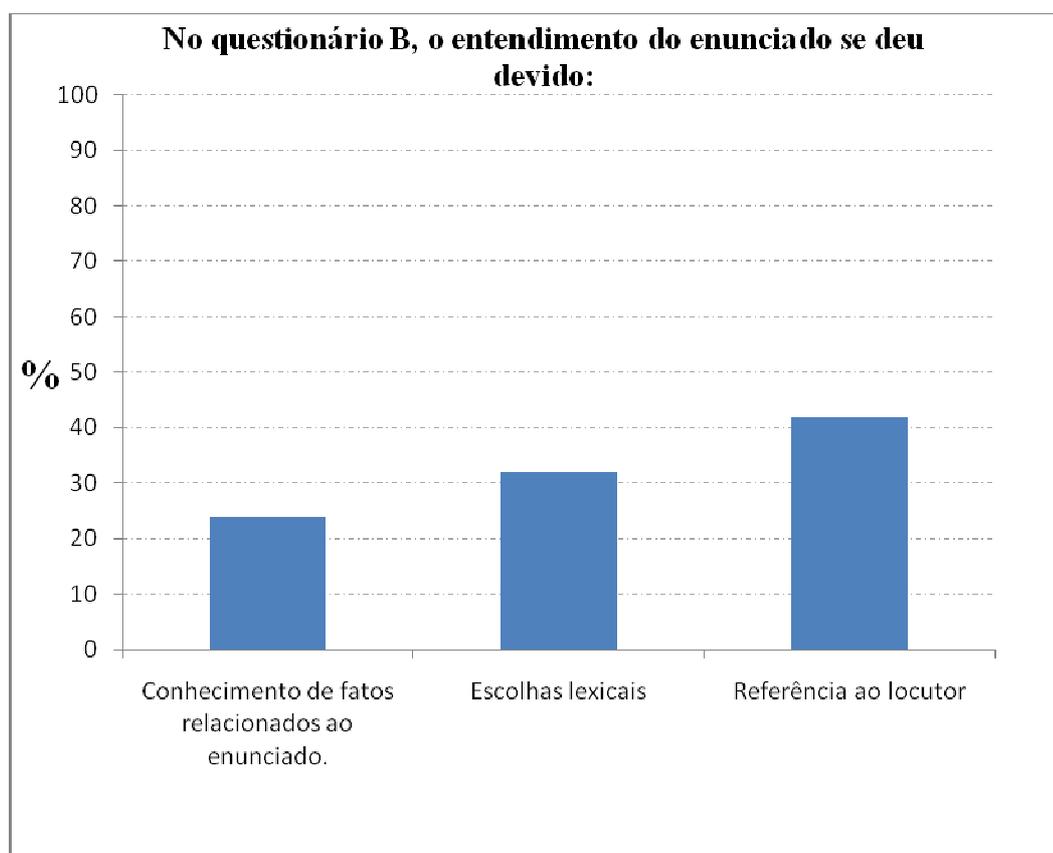
I 18 – ES: *“Entendi isso porque a frase fala de comparação”*

Os elementos lexicais “ministério das aves”, para o enunciado A; “crescimento econômico”, para o enunciado B e “comparação” para o C, parecem ser os grandes responsáveis pelo entendimento dos informantes do questionário A, mas nada há que sustente, taxativamente, esse nosso posicionamento.

No que diz respeito às respostas à questão de número 4, em relação ao **questionário B** que continha o nome do locutor, temos o seguinte resultado: 49 respostas foram analisadas. Doze (12, 24%) dos informantes atribuíram o

entendimento dos enunciados ao conhecimento que tinham sobre o assunto abordado; 16 (32%) apontaram as escolhas lexicais como facilitadoras do entendimento; 21 (42%) dos informantes disseram que o entendimento se deu, devido à informação de quem era o locutor do enunciado, e nenhum informante deixou a resposta em branco ou afirmou não ter entendido.

Gráfico 7: fator motivador do entendimento quanto ao questionário B.



Fonte: pesquisa da autora.

I 22 – EM: “/.../ Levando em conta que a crítica vem de um deputado do DEM, antigo PFL, que é oposição ao governo de Lula/.../”

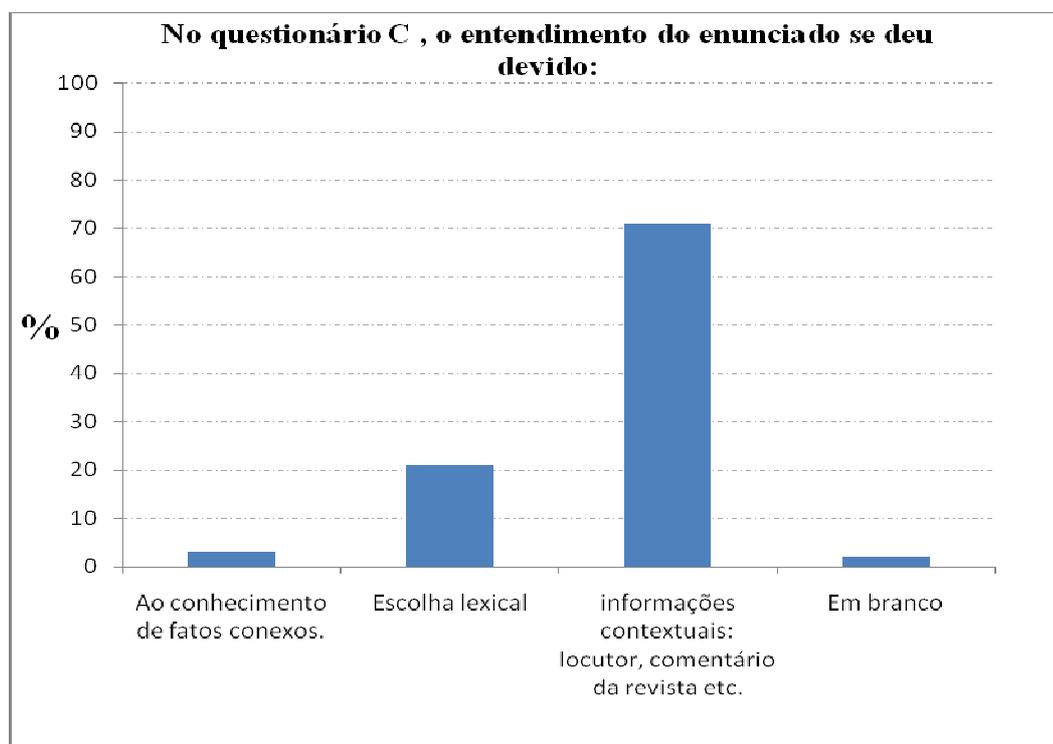
I 28 – ES: “Sei que quem está falando é o Lula e me lembro de ter visto essa frase na revista e na época de um encontro dele com a chefe de estado argentina /.../”

I 39 – ES: “Porque Fernando Henrique é um político vaidoso”.

Percebe-se, então, que o informante (I22), associou o lugar social do locutor - ser de um partido de oposição -, para caracterizar sua enunciação como crítica. O informante (I28) deixou claro que o fato de ele saber quem é o locutor foi de grande importância para sua interpretação/ e o informante (I39) recorre a uma característica que ele atribui ao locutor para justificar seu entendimento.

Finalmente, em relação à questão de número 4, para o **questionário C**, foram analisados os resultados de 52 respostas, assim distribuídas: 2 informantes (3%) atribuíram o entendimento ao conhecimento prévio; 11 (21%) disseram que os elementos lexicais presentes nos enunciados ajudaram na compreensão; 37 (71%) afirmaram que as informações contextuais foram importantes para o entendimento, e apenas 2 informantes, o que corresponde a 3%, deixaram em branco ou não entenderam os enunciados.

Gráfico 8: fator motivador do entendimento quanto ao questionário C.



Fonte: pesquisa da autora.

Assim, temos que a maioria (71%) apontou que as informações contextuais (locutor, comentário da revista etc), foram de fundamental importância para a compreensão:

I 42 – EM: *Porque após o comentário do deputado é explicado que foi criado um ministério da pesca, dando a entender que foi sem necessidade e sim por interesse.*

I 51 – ES: *Devido às informações que vêm logo após o pronunciamento do deputado de que foram criados 2 centenas de cargos em um novo ministério.*

I 55 – ES: *Por meio das informações fornecidas após a frase, que identificam o locutor FHC e o contexto de proferimento da frase (falando sobre os quinze anos de criação do real). Caso a informação contextual não fosse fornecida, a frase poderia ser interpretada de maneira oposta, o que geraria uma ambiguidade na interpretação (elogio ou crítica?)*

Esses exemplos deixam claro que as informações da revista foram essenciais para que o informante (I 42) atribuísse uma significação ao enunciado, bem como percebesse a ironia na enunciação, subjacente a ele. O mesmo pode ser percebido pela resposta do informante (I 51) que afirma ter entendido o enunciado graças às informações transcritas logo após o “pronunciamento”. A resposta do informante (I 55) revela que as ‘informações contextuais’ ajudaram-no a perceber o ‘real efeito’ de sentido subjacente ao enunciado.

Em síntese, todas as explicações fornecidas por esses informantes são composicionais, à medida que os traços (locutor, suporte, contextualização), tornam-se relevantes para a compreensão, porém, naturalmente, essas explicações, de um modo ou de outro, acabam sendo direcionadas, conduzidas ou influenciadas pelas tendências ideológicas e filosóficas da Veja.

6.3 Resultados por habilidade.

Neste ponto do trabalho, apresentamos uma análise qualitativa dos resultados obtidos com os questionários. Vale ressaltar que os dados quantitativos se mostraram pertinentes no presente estudo, porque forneceram elementos para uma avaliação qualitativa do objeto. Ou seja, a análise quantitativa permitiu a escolha de recortes para a análise qualitativa que desenvolvemos a seguir.

Aqui, nosso objetivo central foi aprofundar a discussão sobre o desempenho dos sujeitos quanto às habilidades demandadas pelas questões dos questionários, com vistas a apurar as regularidades presentes nas respostas. A leitura criteriosa do material levou à identificação de uma grande variabilidade de detalhes. O desafio, nesta etapa do trabalho, consistiu justamente na apreensão de aspectos significativos, particulares de cada resposta e também comuns ao seu conjunto, procurando explorar o material a partir dos diferentes ângulos de sua possibilidade.

Apresentaremos, então, uma análise mais global em que são ressaltados aspectos que devem ser considerados em termos de compreensão dos enunciados, a partir dos dados coletados e da análise desenvolvida, considerando os três padrões do teste: enunciado isolado; enunciado + locutor; enunciado + locutor + informações e, a seguir, desenvolvemos uma análise mais específica de casos, nos quais cruzaremos os dados de alguns informantes previamente selecionados por amostragem, em cada um dos questionários, cujas respostas sejam mais representativas para a análise em foco.

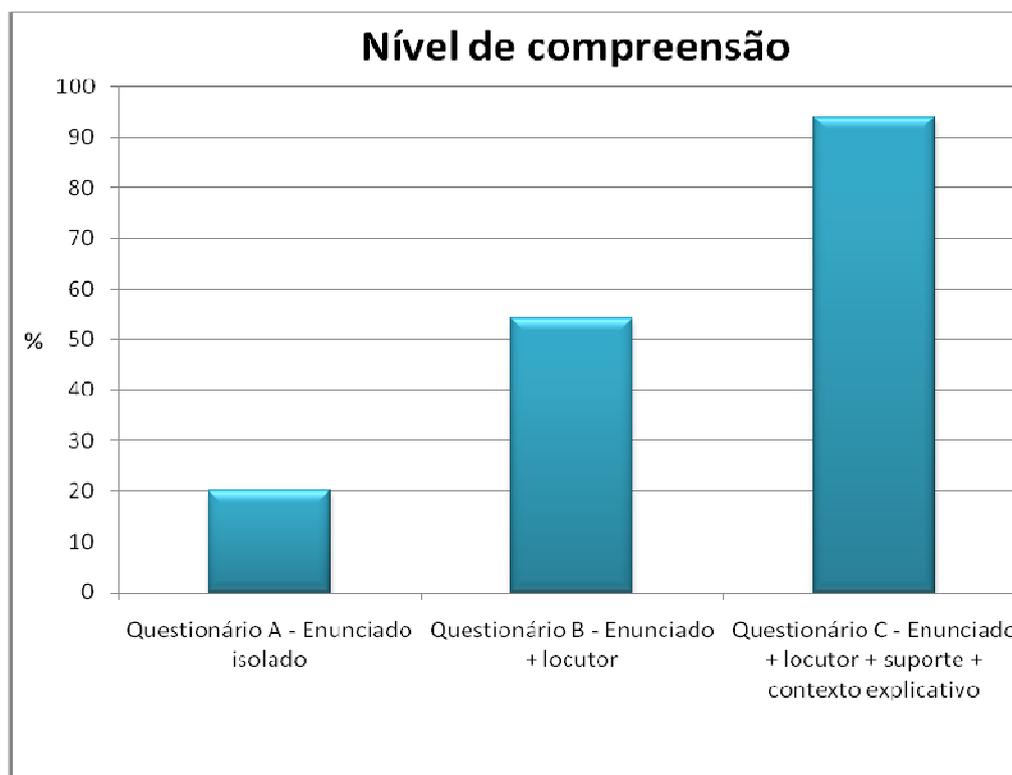
7 ANÁLISE SOBRE GENERALIZAÇÕES:

Nesta seção do trabalho, torna-se importante ressaltar que, compreender um texto, no presente caso os enunciados, é, em um primeiro momento, ter acesso a uma das leituras possíveis por ele oferecidas. Sendo assim, nossa hipótese de leitura, que servirá de controle para analisarmos se as respostas se mostraram adequadas ou não ao entendimento do enunciado, levou em conta se os leitores, por exemplo, perceberiam:

- **no enunciado 1** – ironia e crítica ao governo Lula;
- **no enunciado 2** – crescimento econômico em função da união de setores sociais;
- **no enunciado 3** – desenvolvimento do Brasil nos últimos 15 anos.

Assim, a análise recai sobre o quanto os informantes se aproximaram ou se distanciaram das respostas-controle dadas acima. Vejamos, então, no gráfico 9 o nível de compreensão em relação aos três questionários:

Gráfico 9: nível de compreensão



Fonte: pesquisa da autora

Como era de se esperar, percebemos um aumento no que diz respeito ao entendimento dos informantes em relação aos questionários A, B e C, respectivamente. No questionário A, por exemplo, como não há qualquer informação adicional, o informante torna-se dependente do enunciado apenas e, talvez, do seu conhecimento sobre o assunto abordado, para produzir sentido e, com isso, o número de pessoas que se aproximaram das respostas de controle foi de apenas 20%.

No questionário B, a presença do locutor fez com que 54% dos informantes se aproximassem das respostas de controle, ou seja, o número de pessoas que perceberam ironia, relação entre união e crescimento econômico e comparação nos enunciados 1, 2 e 3, respectivamente, aumentou consideravelmente em relação ao questionário A. Já no questionário C, que continha informações adicionais, esse número saltou para 94%.

Percebe-se, então, que quanto maior o número de informações da enunciação, mais adequada se torna a interpretação do enunciado. Dito de outro modo, a enunciação permite extrair muitas informações, a partir dos elementos que a compõem. No presente caso, o locutor, o suporte, o episódio e o comentário da revista foram fundamentais para que 94% dos informantes se aproximassem das respostas-controlé consideradas adequadas/desejáveis.

Na tabela abaixo, elencamos alguns exemplos que demonstram a atuação dos informantes quanto às respostas consideradas adequadas e inadequadas. Porém, com o objetivo de facilitar a leitura, rerepresentamos os três enunciados:

Edo 1: “Com tanto petista para empregar, logo, logo, Lula criará o Ministério das Aves”.

Edo 2: “Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem”

Edo3: “Não há comparação entre o Brasil de hoje e o Brasil de 15 anos atrás”.

Quadro 6: exemplificação de respostas.

Exemplificação de respostas consideradas adequadas e inadequadas.		
QUESTIONÁRIO A Enunciado isolado	QUESTIONÁRIO B Enunciado + Locutor	QUESTIONÁRIO C Enunciado + locutor + suporte+ contexto explicativo...
<p>I 18- ES: A expressão “ministério das aves” não me dá nenhuma referência. Como conseqüência, não consigo dar uma interpretação à frase. (Enunciado 1)</p> <p>I 1- EM: Entendi que um casal tem que olhar na mesma direção, um ajudar o outro. (Enunciado 2)</p> <p>I 1- EM: Que durante 15 anos não modificou nada no Brasil (Enunciado 3)</p>	<p>I 22 – EM: Bem, ele quis dizer que o país continua exatamente igual. Nada mudou e que ninguém hoje em dia compara o país de agora com o de quinze anos atrás, pois está tudo a mesma coisa. Nada foi feito para melhorar, (Enunciado 3)</p> <p>I 28 – EM: Entendo que são palavras perdidas sem nenhum fundamento. (Enunciado 2)</p>	<p>I 58 – ES: Em branco (Enunciado 3)</p>
<p>I 3 - EM: Alguém ironizando Lula por empregar bem, mas muito bem os colegas de partido. (Enunciado 1)</p>	<p>I 29-ES: Uma frase de caráter irônico criticando a criação de vários ministérios objetivando oferecer cargos aos petistas. (Enunciado 1)</p> <p>I 40-EM: O ex-presidente aponta que seu governo foi fundamental para o desenvolvimento do país. (Enunciado 3)</p>	<p>I 44 - EM: Como a revista Veja é sempre contra Lula, fica claro que é uma crítica ao presidente. (Enunciado 1)</p> <p>I 43- EM: Que o presidente Lula estava alfinetando a presidente da Argentina, por causa da desunião entre os dois países sul-americanos. (Enunciado 2)</p> <p>I 56 – ES: Entendo que o ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, valoriza uma “criação” efetivada durante sua gestão: o plano real. (Enunciado 3)</p>

Fonte: pesquisa da autora

Legenda

- Respostas consideradas inadequadas
- Respostas consideradas adequadas.

Na tabela acima, **para o questionário A**, exemplificamos três respostas consideradas inadequadas, assim consideradas porque, apesar de os enunciados darem pistas para a enunciação, elas não foram suficientes para que os informantes conseguissem perceber os efeitos de sentido decorrentes da exploração de elementos como “ministério das aves”; “crescimento econômico” e “comparação”. Percebe-se que o informante **I 1 – EM**, por exemplo, faz uma leitura literal do enunciado 2, não se atentando para o fato de o enunciado fazer menção ao ‘crescimento/desenvolvimento econômico do Brasil’. É interessante destacar, ainda, que, para o enunciado 3, o mesmo informante, ao dizer que *durante 15 anos não modificou nada no Brasil*, parece fazer a leitura de “não há comparação”, justamente

como sendo o motivo dessa estagnação. O informante interpreta os enunciados utilizando somente as convenções linguísticas que foram pouco relevantes para que a interpretação se aproximasse da resposta de controle fixada por nós.

Para o **questionário B**, que continha o nome do locutor, exemplificamos duas respostas consideradas inadequadas porque, como aconteceu para o questionário A, os informantes se distanciaram das respostas-controle. Nota-se que o informante **I 22 – EM** faz menção ao locutor “ele”, no entanto sua leitura também parece ter sido feita a partir da expressão “não há comparação”, associando-a ao fato de o Brasil continuar ‘exatamente igual’. Ou seja, o informante não percebeu que o enunciado fazia referência ao desenvolvimento econômico do Brasil deflagrado pelo Plano Real.

E para o **questionário C**, apenas um (1) informante deixou de responder à questão proposta, após a introdução das informações contextuais, o que comprova que os informantes inferiram a relevância das informações do contexto conversacional fornecido pela revista. Ou seja, as informações providas de vários níveis situacionais interagem cognitivamente de forma complexa para a produção e decifração do sentido. O que se deduz, então, é que a interação discursiva depende de fatores extralinguísticos para ser provida de sentido, e que a cognição sintetiza articularmente todos os estímulos, sejam linguísticos ou não.

De modo geral, as respostas consideradas inadequadas deixaram de mencionar/associar os referentes “ministério das aves” a uma crítica ao governo; não inferiram que para haver “crescimento econômico” é necessário haver ‘união’ e, por fim, não perceberam que o enunciado 3 se referia ao desenvolvimento econômico do país nos últimos 15 anos.

A partir de agora, interessa-nos saber como os informantes operaram as leituras consideradas adequadas. Tentaremos analisar, baseando-nos nos descritores de habilidades do SAEB, os recursos aos quais eles recorreram para construir o sentido dos enunciados. Ou seja, objetivamos demonstrar quais elementos foram os mais relevantes para que os leitores fizessem inferências consideradas adequadas e, para tanto, foram selecionadas, intencionalmente, as respostas de 18 informantes que compuseram a amostra.

A escolha das respostas baseou-se na fundamentação de que devemos controlar a seleção amostral para que haja elementos suficientes que garantam uma representação adequada dos objetos e hipóteses em análise.

Assim, apresentamos nossa análise, destacando, na primeira coluna da tabela, o informante e, a partir da segunda coluna, apresentamos a questão 3 seguida da questão 4.

Nas linhas abaixo das questões, apresentamos as respostas dadas pelo informante e, finalmente, na última linha da tabela, tecemos nosso comentário.

Vale destacar que as questões de números 1 e 2 não foram contempladas nesta etapa de análise, porque objetivávamos demonstrar quais elementos tornaram-se relevantes para a correta inferência, o que somente foi possível analisar nas questões de números 3 e 4.

Então, partindo de cada uma dessas questões de análise, tentaremos o delineamento de algumas possibilidades, cruzando os dados da análise qualitativa com os da quantitativa feita anteriormente.

Questionário A – enunciado 1 isolado	
“Com tanto petista para empregar, logo, logo, Lula criará o Ministério das Aves”.	
I N F O R M A N T E 7 EM	Questão 3
	Ao ler a frase abaixo o que você entende?
	Resposta
	Só pode ser uma brincadeira porque ‘ ministério das aves ’ é muito estranho.
	Comentário/ análise
Percebemos que o informante se ancora em elementos presentes no enunciado – infere o sentido de uma palavra ou expressão - para tentar dar-lhe uma interpretação. Ao dizer que ‘ministério das aves’ é muito estranho, e ao sugerir que se trata de uma brincadeira, percebemos que, mesmo não	

	<p>havendo qualquer outra referência que possa auxiliá-lo, o informante consegue perceber um efeito de sentido – crítica, subjacente ao texto. Por isso aqui fica claro que a interpretação do informante reflete uma condução que é dada pela revista e, assim, a interpretação resultante satisfaz as expectativas de relevância do locutor.</p> <p>A habilidade II do SAEB prevê relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido. Dessa forma, o informante consegue então, reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão – <i>ministério das aves</i>- presente no texto.</p>
--	---

Análise questionário A
Fonte: pesquisa da autora.

Questionário A – enunciado 1 isolado	
“Com tanto petista para empregar, logo, logo, Lula criará o Ministério das Aves”.	
I N F O R M A N T E 19 EM	Questão 3
	Ao ler a frase abaixo o que você entende?
	Resposta
	Entendo que alguém critica o presidente Lula.
	Questão 4
	Explique por que você entendeu isso.
	Resposta
	Porque achei esquisito criar um ‘ministério das aves’ e por causa do ‘ tom ’ crítico.
Comentário/ análise	
<p>Apesar da ausência de informações contextuais, o informante identifica a crítica que é feita ao presidente Lula. Assim como acontece no exemplo anterior, o enunciado oferece pistas que permitem inferir que se trata de uma crítica ao Lula.</p> <p>Ainda de acordo com a habilidade II descrita pelo SAEB, este informante reconhece o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão – ‘ministério das aves’-, presente no texto.</p>	

Análise questionário A
Fonte: pesquisa da autora.

Questionário A – enunciado 2 isolado	
“Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem”	
	Questão 3
	Questão 4
	Ao ler a frase abaixo o que você entende?
	Explique por que você entendeu isso.
	Resposta
	Resposta
I N F O R M A N T E 15 ES	Se os países caminharem juntos haverá mais chance de crescimento econômico.
	Não sei bem porque entendi isso. Li a frase literalmente.
	Comentário/ análise
	<p>O informante percebe que o locutor usa a figura do homem e da mulher para ilustrar países, mesmo não sabendo quais, e o fato de precisar haver união para que haja crescimento econômico. Mesmo dizendo que leu a frase literalmente, o informante implementa recursos para alcançar um acordo que permita ao enunciado ser percebido não apenas a partir de sua forma linguística, mas também na sua dimensão enunciativa.</p> <p>Aqui, mais uma vez, tendo sua margem de interpretação limitada apenas aos elementos presentes no enunciado, o leitor infere uma informação implícita no texto, como prevê o descritor 4 da habilidade I do SAEB: procedimentos de leitura.</p>

Análise questionário A
Fonte: pesquisa da autora.

Questionário A – enunciado 2 isolado	
“Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem”	
I N F O R M A N T E 20 EM	Questão 3
	Ao ler a frase abaixo o que você entende?
	Resposta
	Que o crescimento econômico precisa da união entre os todos.
	Comentário/ análise
	De acordo com a resposta-controle, o leitor deveria inferir que para haver crescimento/desenvolvimento econômico é necessário haver união. O informante 20, mesmo não havendo qualquer informação adicional, percebe essa relação no enunciado e reconhece o efeito decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão presentes no texto. Ou seja, ele se ancorou aos elementos presentes na frase – “Entendi isso porque o autor fala em crescimento econômico e da figura do homem e mulher juntos”-, para produzir sentido.

Análise questionário A
Fonte: pesquisa da autora.

Questionário A – enunciado 3 isolado	
“Não há comparação entre o Brasil de hoje e o Brasil de 15 anos atrás”.	
	Questão 3
	Questão 4
	Ao ler a frase abaixo o que você entende?
	Explique por que você entendeu isso.
	Resposta
	Resposta
I N F O R M A N T E 11 ES	Decorridos alguns anos (quinze) o Brasil de hoje sofreu grandes mudanças (quer positivas e/ou negativas)
	Quando se fala em comparação , existe um referencial (de hoje ou do passado, bom e/ ou ruim) que nos permite tirar conclusões.
	Comentário/ análise
	<p>Ao analisarmos a resposta deste informante, notamos que ele se aproxima da resposta de controle, ao dizer que percebeu que houve mudanças no país, mesmo não sabendo a que tipo de mudanças o enunciado se referia.</p> <p>Consoante a habilidade II do SAEB, o informante reconhece o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão, presentes no texto:</p> <p><i>“Quando se fala em comparação, existe um referencial (de hoje ou do passado, bom e/ ou ruim) que nos permite tirar conclusões”.</i></p>

Análise questionário A
Fonte: pesquisa da autora.

Comentário geral

Em relação ao questionário A, que não trazia qualquer informação adicional que pudesse auxiliar o informante na interpretação do sentido, pudemos observar que, ao mencionar o que os auxiliou no entendimento do enunciado, os leitores se ancoraram nos elementos lexicais presentes no texto. Há a delimitação de um universo semântico em que os sujeitos pontuaram termos como “ministério das aves”, “crescimento econômico” e “comparação” como fundamentais na construção do sentido. Podemos dizer que os informantes realizaram uma leitura calcada nos

elementos linguísticos presentes nos enunciados para produzirem respostas consideradas relevantes.

No entanto, ao cruzarmos essa análise qualitativa à quantitativa feita no início desta seção, verificamos que a ausência de informações adicionais foi a grande responsável pelo não entendimento dos informantes (63%), conforme aponta o gráfico de número 3 desta seção. Assim, podemos pontuar que a ausência de elementos que compõem a enunciação contribuiu para que apenas 20% dos informantes se aproximassem das respostas de controle, fato ilustrado no gráfico 9 desta seção.

Questionário B – enunciado 1 com menção ao locutor		
“Com tanto petista para empregar, logo, logo, Lula criará o Ministério das Aves”. (José Carlos Aleluia).		
	Questão 3	Questão 4
I	Ao ler a frase abaixo o que você entende?	Explique por que você entendeu isso.
N		
F		
O	Resposta	Resposta
R		
M	Ministério dos tucanos	O presidente vem criando novos ministérios no intuito de atender a grande quantidade de petistas que esperam uma vaga onde se possa fazer pouco ou nada e lucrar muito. Para agradá-los Lula não tem medido esforços na criação de novos Ministérios, como Ministérios das Cidades, da Igualdade racial e por último, Ministério da Pesca. É inacreditável. Somente para esse último, foram abertos 2 centenas de
A		
N		
T		
E		
27		
ES		

		cargos. Realmente, o próximo passo seria a criação do ministério das Aves, afinal ainda tem muitos petistas esperando uma boquinha .
Comentário/ análise		
<p>É interessante destacarmos que ao lermos a resposta deste informante à questão de número 3, devemos concluir que o mesmo não compreendeu o <i>real</i> sentido do enunciado. Esse seria, de acordo com a TR, uma inferência não relevante. Entretanto, ao ser questionado sobre o seu entendimento em relação à frase 1, o informante dá uma resposta que demonstra, não só seu conhecimento sobre o fato que envolve tal pronunciamento, como também percebe a crítica subjacente ao enunciado. Isso fica claro quando o mesmo diz que “há grande quantidade de petistas esperando vaga onde se possa fazer pouco ou nada e lucrar muito” e quando ele diz que “tem muitos petistas esperando uma boquinha”. Nesse sentido, podemos supor que ele tenha feito uso de ironia, ao fazer uma associação entre “ministério das aves” e o partido PSDB (supostamente adversário do PT), que tem como símbolo o tucano, já que o enunciado fala em empregar membros do PT e não do PSDB ou de qualquer outro partido político, o que nos leva a afirmar que a leitura do informante torna-se relevante, à medida que não se trata de uma comunicação mal-sucedida, mas de sua intenção em dar uma resposta irônica.</p>		

Análise questionário B.
Fonte : pesquisa da autora.

Questionário B – enunciado 1 com menção ao locutor	
<p>“Com tanto petista para empregar, logo, logo, Lula criará o Ministério das Aves”. (José Carlos Aleluia).</p>	
Questão 3	Questão 4
Ao ler a frase abaixo o que você entende?	Explique por que você entendeu isso.
Resposta	Resposta
Uma frase de caráter irônico criticando a criação de vários ministérios objetivando oferecer cargos aos políticos.	Porque quem fala é de partido adversário do presidente Lula.
Comentário/ análise	
I N F O R M A N T E 29 ES	<p>O informante 29 percebe a crítica subjacente ao enunciado e atribui essa crítica ao papel social do locutor (ser de um partido adversário do presidente Lula). De acordo com a resposta deste informante à questão de número 4, podemos postular que o esforço dispendido para o processamento da interpretação não foi muito abragente o que contribuiu para que a resposta fosse considerada relevante, nos termos da TR. Ou seja, a presença da identidade do locutor é uma evidência direta evidenciando sua importância no processo comunicacional.</p> <p>No que diz respeito à habilidade III do SAEB, “Condições sobre o sentido”, o informante 29 identifica as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e com base nisso ele infere uma informação implícita em um texto</p>

Análise questionário B.
Fonte : pesquisa da autora.

Questionário B – enunciado 2 com menção ao locutor
<p>“Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem” (Do</p>

presidente Lula).		
I N F O R M A N T E 38 EM	Questão 3	Questão 4
	Ao ler a frase abaixo o que você entende?	Explique por que você entendeu isso.
	Resposta	Resposta
	Lula tenta ilustrar uma situação econômica usando imagens conhecidas de todos.	Porque Lula é conhecido pelos seus discursos em que ele usa palavras que sejam de fácil entendimento.
	Comentário/ análise	
Este informante ancora-se na identidade do locutor, do qual ele já criou um estereótipo, para justificar seu entendimento sobre o enunciado. Ao dizer que Lula pretende ilustrar uma situação econômica, o informante faz uma associação dessa atitude do Lula a um hábito que para ele é caracterizado como facilitador: Lula sempre usa metáforas em seus pronunciamentos. Aqui, também, de acordo com a habilidade III da matriz de competências do SAEB, podemos dizer que o informante identifica as marcas enunciativas/linguísticas que classificam o locutor: “Porque Lula é conhecido pelos seus discursos em que ele usa palavras que sejam de fácil entendimento”. Nesse caso, a TR nos permite supor que a atitude populista que Lula adotou em seus discursos tornou-se um requisito para atrair a atenção, que, por sua vez, é um requisito para desencadear as inferências pretendidas.		

Análise questionário B.
Fonte : pesquisa da autora.

Questionário B – enunciado 2 com menção ao locutor

“Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem” (**Do presidente Lula**).

I N F O R M A N T E 28 ES	Questão 3	Questão 4
	Ao ler a frase abaixo o que você entende?	Explique por que você entendeu isso.
	Resposta	Resposta
	Comentário feito pelo presidente do Brasil defendendo a união da Argentina e do Brasil em busca do crescimento econômico .	Sem conhecer o contexto fica complicado. Mas, vindo de Lula essa frase só pode ter sido dita em um discurso.
	Comentário/ análise	
Este informante demonstra conhecer os fatos associados ao pronunciamento do presidente Lula. Ao ser questionado sobre seu entendimento, na questão de número 4, o mesmo acusa a falta de informações contextuais como sendo um fator dificultador para sua compreensão, mas percebemos nessa mesma resposta que a justificativa do informante para seu entendimento está cristalizada e associada a um hábito que ele atribui ao presidente: de dizer certos tipos de coisa apenas em discursos.		

Análise questionário B.
Fonte : pesquisa da autora.

Questionário B – enunciado 2 com menção ao locutor		
“Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem” (Do presidente Lula).		
I N F	Questão 3	Questão 4
	Ao ler a frase abaixo o que você entende?	Explique por que você entendeu isso.
	Resposta	Resposta

O R M A N T E 36 ES	Nossa! Acho que o Lula estava bêbado rs. Acredito que ele quis usar a imagem do homem e da mulher para comparar ao crescimento da economia . Sei lá!	Não sei se entendi, mas ao falar em homem e mulher a gente entende algo relacionado a união .
	Comentário/ análise	
	Ao analisarmos as respostas deste informante, percebemos que o mesmo se aproxima da resposta de controle esperada para este enunciado: associar a metáfora usada por Lula ao crescimento/desenvolvimento econômico do Brasil. Além disso, torna-se interessante salientar que o leitor possui uma ideia preconcebida sobre Lula, talvez, relacionada ao hábito do ex-presidente de beber excessivamente. Mais uma vez, o informante faz uma referência explícita ao locutor, identificando marcas enunciativas/linguísticas que o evidenciam: “ <i>Nossa! Acho que o Lula estava bêbado RS /.../”</i> ”	

Análise questionário B.
Fonte : pesquisa da autora.

Questionário B – enunciado 3 com menção ao locutor		
“Não há comparação entre o Brasil de hoje e o Brasil de 15 anos atrás”. (Fernando Henrique Cardoso)		
	Questão 3	Questão 4
I N F O R M A N T	Ao ler a frase abaixo o que você entende?	Explique por que você entendeu isso.
	Resposta	Resposta
	Como é o FHC quem disse a frase, ele só pode estar dizendo que o Brasil de antes é melhor do que o de hoje.	Porque a frase foi dita por um político que é supostamente adversário do presidente atual .

E 33 ES	Comentário/ análise
	<p>Mais uma vez, o informante se ancora na identidade do locutor e no seu papel social para produzir sentido. Ele consegue perceber que a comparação feita coloca o Brasil de 15 anos atrás como sendo melhor, justamente, porque ele ‘transfere’ para o locutor as informações presentes no enunciado. Podemos postular, ainda, que a identidade do locutor foi um estímulo relevante para que o informante alcançasse a interpretação e se aproximasse da resposta-controle previamente fixada.</p>

Análise questionário B.
Fonte : pesquisa da autora.

Comentário geral

Sobre o questionário B, ao recuperarmos um dado obtido com a análise quantitativa, percebemos que o número de informantes que acusou a falta de informações como sendo prejudicial ao entendimento caiu de 63%, no questionário A, para 33%, no questionário B. Isso nos leva a inferir que a identificação do locutor, grafada logo após o enunciado, configurou-se em um importante componente da enunciação para a produção de sentido. Isso pode ser comprovado, ao verificarmos que os informantes recorreram às suas identidades para justificarem o entendimento do enunciado. Os informantes 28, 36 e 38, por exemplo, citaram hábitos associados ao ex-presidente Lula; os informantes 29 e 33 mencionaram o partido de oposição e o político adversário do Lula, respectivamente, como sendo importantes para a compreensão. Dessa forma, a presença da identidade do locutor configurou-se em um estímulo relevante para que os informantes processassem as informações veiculadas nos enunciados que foram analisados.

Questionário C – enunciado 1, com todas as informações contextuais.

“Com tanto petista para empregar, logo, logo, Lula criará o Ministério das Aves”.
José Carlos Aleluia. deputado federal (DEM-BA), falando das duas centenas de cargos abertos no recém-criado Ministério da Pesca. Revista Veja 13/08/2008

	Questão 3	Questão 4
	Ao ler a frase abaixo o que você entende?	Explique por que você entendeu isso.
	Resposta	Resposta
I	Como a revista Veja é sempre	Porque devido as várias alianças
N	contra Lula fica claro que é uma	partidárias que ocorrem no meio
F	crítica ao presidente.	político, o governo vai criando
O		estratégias para manter os laços e o
R		seu próprio fortalecimento.
M	Comentário/ análise	
A	O informante 44 percebe a crítica que é feita ao presidente Lula ao dizer, por	
N	exemplo, das várias alianças partidárias existentes no meio político.	
T	Percebemos nessa fala que há uma insinuação à prática das alianças	
E	partidárias, que sempre estiveram presentes na história política brasileira e	
44	que são determinadas por interesses de grupos políticos e sociais na luta	
EM	pelo poder. Outro aspecto que merece nossa atenção é o fato de o	
	informante associar a crítica ao presidente a uma posição ideológica adotada	
	pelo suporte (revista Veja), descartando as outras informações. Esse	
	periódico é acusado historicamente de ser direitista e “tucano”. Então, torna-	
	se razoável assumir que o informante 44 acusa a revista de ter publicado o	
	enunciado “Com tanto petista para empregar, logo, logo, Lula criará o	
	Ministério das Aves”, porque esse seria um discurso adequado ao modelo	
	que o meio adota: o tom direitista de análise.	

Análise questionário C.
Fonte : pesquisa da autora.

Questionário C – enunciado 1, com todas as informações contextuais.

“Com tanto petista para empregar, logo, logo, Lula criará o Ministério das Aves”.
José Carlos Aleluia. Deputado federal (DEM-BA), falando das duas centenas de
cargos abertos no recém-criado Ministério da Pesca. Revista Veja 13/08/2008

I N F O R M A N T E 51 ES	Questão 3	Questão 4
	Ao ler a frase abaixo o que você entende?	Explique por que você entendeu isso.
	Resposta	Resposta
	Que está ocorrendo um favorecimento partidário.	Devido as informações que vem logo após o pronunciamento do deputado de que foram criados 2 centenas de cargos em um novo ministério.
	Comentário/ análise	
<p>Ao falar em favorecimento partidário, o informante deixa latente que percebe uma crítica subjacente ao enunciado. E, segundo ele, as informações contextuais “<i>devido as informações que vem logo após o pronunciamento do deputado</i>”, foram de fundamental importância para essa compreensão. Isso corrobora nossa hipótese de que traduzimos os dados do enunciado por meio da enunciação. Nesse caso, retomando a habilidade III da matriz do SAEB, o informante <i>identifica as marcas linguísticas que evidenciam o enunciado, o locutor e o interlocutor, bem como as marcas linguísticas que dizem respeito à contextualização feita pela revista</i></p>		

Análise questionário C.
Fonte : pesquisa da autora.

Questionário C – enunciado 1, com todas as informações contextuais.		
<p>“Com tanto petista para empregar, logo, logo, Lula criará o Ministério das Aves”. José Carlos Aleluia. deputado federal (DEM-BA), falando das duas centenas de cargos abertos no recém-criado Ministério da Pesca. Revista Veja 13/08/2008</p>		
I N F	Questão 3	Questão 4
	Ao ler a frase abaixo o que você entende?	Explique por que você entendeu isso.

O	Resposta	Resposta
R		
M	Apesar da redação estranha,	Conheço a revista, o comentário
A	entendo que o deputado insinua	posterior à citação e os dados
N	ironicamente que se o presidente	fornecidos a respeito do deputado
T	quiser alocar todos os partidários do	em questão ajudam a captar o
E	PT em cargos públicos, será preciso	conteúdo latente de ironia.
54	criar mais um ministério (o	
ES	Ministério das Aves). A ideia é de	
	que os ministérios existentes não	
	oferecem uma quantidade suficiente	
	de vagas para todos os petistas.	
Comentário/ análise		
Este informante atribui seu entendimento às informações contextuais fornecidas logo após o pronunciamento. Aqui, também, o informante associa o suporte (revista Veja), ao fato de haver uma ironia subjacente ao enunciado.		

Análise questionário C.
Fonte : pesquisa da autora.

Questionário C – enunciado 2, com todas as informações contextuais.		
“Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem” Do presidente Lula , na Argentina, defendendo a união entre os dois países diante do olhar lânguido da presidente argentina Cristina Kirchner. Veja. 13/08/2008.		
	Questão 3	Questão 4
I	Ao ler a frase abaixo o que você	Explique por que você entendeu isso.
N	entende?	
F	Resposta	Resposta
O	Lula diz isso para mostrar que não	Não sei por que entendi isso. Acho
R	adianta haver divergências entre	que foi pelo que li depois da frase.

M A N T E	Brasil e Argentina. Esses países precisam caminhar juntos.	
	Comentário/ análise	
	47 EM	O informante se aproxima da resposta de controle ao perceber que Brasil e Argentina precisam caminhar juntos e esse entendimento, segundo ele, dá-se devido às informações fornecidas logo após o enunciado.

Análise questionário C.
Fonte : pesquisa da autora.

Questionário C – enunciado 2, com todas as informações contextuais.		
<p>“Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem” Do presidente Lula, na Argentina, defendendo a união entre os dois países diante do olhar lânguido da presidente argentina Cristina Kirchner. Veja. 13/08/2008.</p>		
I N F O R M A N T E	Questão 3	Questão 4
	Ao ler a frase abaixo o que você entende?	Explique por que você entendeu isso.
	Resposta	Resposta
	Entendo que o presidente utilizou uma metáfora um tanto confusa para aproximar a situação de dois países que dividem um mesmo contexto social e econômico, mas não conseguem se entender, com a de um casal que não levam uma vida em sintonia.	Impossível desconsiderar o tom irônico do comentário posterior à citação /.../
	Comentário/ análise	
54 ES		

Aqui, também, o comentário adicionado logo após o enunciado foi de fundamental importância para que o informante produzisse um sentido considerado adequado/desejável. No entanto, outros aspectos nos chamam a atenção. Uma das características atribuídas ao ex-presidente Lula está associada ao fato de ele abusar das figuras de linguagem em seus discursos. Assim, ao dizer que o ex-presidente utilizou uma *metáfora um tanto confusa*, o informante se vale de um hábito associado ao locutor, para explicar sua interpretação. Outro ponto que merece ser destacado diz respeito à justificativa do informante em relação ao seu entendimento sobre o enunciado: *impossível desconsiderar o tom irônico do comentário posterior à citação*. Nesse caso, podemos postular que o tom irônico apontado por ele se deva ao fato de a revista ter comentado que o então presidente Lula discursava diante do *olhar languido* da presidente argentina Cristina Kirchner.

Análise questionário C.
Fonte : pesquisa da autora.

Questionário C – enunciado 2, com todas as informações contextuais.

“Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem” **Do presidente Lula**, na Argentina, defendendo a união entre os dois países diante do olhar lânguido da presidente argentina Cristina Kirchner. Veja. 13/08/2008.

	Questão 3	Questão 4
I	Ao ler a frase abaixo o que você entende?	Explique por que você entendeu isso.
N		
F	Resposta	Resposta
O		
R	Entendo que Lula compara um casal ao Brasil e Argentina, querendo nos mostrar que, como um casal, os dois países só crescerão se tiverem os mesmos objetivos.	Porque está escrito que ele estava ‘defendendo a união dos dois países’.
M		
A		
N		
T		
E		

51	Comentário/ análise
ES	Mais uma vez, percebemos que o informante ancora sua interpretação no comentário inserido logo após o enunciado: <i>porque está escrito que ele estava 'defendendo a união dos dois países'</i> . Nesse caso, o informante, de acordo com a habilidade III da matriz de competências do SAEB, identifica as marcas linguísticas que dizem respeito à contextualização feita pela revista.

Análise questionário C.
Fonte : pesquisa da autora.

Questionário C – enunciado 3, com todas as informações contextuais.		
“Não há comparação entre o Brasil de hoje e o Brasil de quinze anos atrás” Fernando Henrique Cardoso , ex-presidente da República, falando sobre os quinze anos do Real. Revista Veja 08/07/2009.		
	Questão 3	Questão 4
I	Ao ler a frase abaixo o que você	Explique por que você entendeu isso.
N	entende?	
F	Resposta	Resposta
O		
R	FHC está elogiando o crescimento	Por meio das informações
M	do Brasil desde a adoção do plano	fornecidas após a frase, que
A	Real.	identificam o locutor FHC e o
N		contexto de proferimento da frase
T		(“falando sobre os quinze anos de
E		criação do real”) pode interpretar que
55		o locutor está elogiando o /real, pois
ES		foi ele quem criou o plano. Caso a
		informação contextual não fosse
		fornecida, a frase poderia ser
		interpretada de maneira oposta, o
		que geraria uma ambiguidade na
		interpretação (elogio ou crítica?)

Comentário/ análise	
	<p>A projeção do enunciado dentro da cena enunciativa possibilitou o entendimento do informante quanto à comparação entre dois períodos históricos do país. Percebemos, embora o informante tenha citado que o comentário da revista tenha sido muito importante para seu entendimento, que a identidade do locutor foi fundamental para que o auto-elogio subjacente ao pronunciamento fosse percebido: <i>pude interpretar que o locutor está elogiando o real, pois foi ele quem criou o plano.</i></p>

Análise questionário C.
Fonte : pesquisa da autora.

8 - PALAVRAS FINAIS



"Ele esquece-se de que eu o derrotei duas vezes. Quem sabe ele queira uma terceira. Eu topo". **Fernando Henrique Cardoso**, subindo no ringue e desafiando Lula para uma nova disputa presidencial. (Veja, 27/04/2011)

"Eleição é modo de dizer. Nessa altura, aos 80 anos, não dá nem mais tempo". **Do mesmo FHC**, depois de pensar melhor. (Veja, 27/04/2011)

8 PALAVRAS FINAIS

Escrevo sem pensar o que meu inconsciente grita. Penso depois, não só para corrigir, mas para justificar o que escrevi. (Mário de Andrade)

Ao final de nossa pesquisa, e após apresentarmos nosso quadro teórico que partiu de uma abordagem do significado a partir do estruturalismo - principal desenvolvimento do estudo sobre a composicionalidade, pudemos propor a inclusão de uma dimensão enunciativa, mostrando que, no nível ilocucional, um determinado ato recebe um valor pragmático a partir da compreensão de um conjunto de propriedades, tais como: ponto e modo de realização, condições preparatórias etc.

No capítulo 3 « Enunciação e Experienciação Linguística », tornou possível estender o escopo da noção de composicionalidade para além da estrutura do enunciado. Para tanto, analisamos a utilização da linguagem, da ação discursiva, dentro da perspectiva da comunicação.

Assim, recorreremos à Teoria da Verdade nas línguas naturais e à Teoria da Relevância que nos permitiu confirmar, dentre outras coisas, que para assumirmos a linguagem em sua dimensão pragmática, precisamos admitir que “alguns fatores são mobilizados para construir o que vai representar os objetivos específicos que um enunciado precisa assumir” (MARI, 2007). Além disso, como a questão enunciativa perspassa todo o nosso trabalho, no capítulo 4 abordamos, em linhas gerais, duas concepções importantes para fundamentar nossa discussão: o dialogismo de Bakhtin (1995) e o duplo acordo de Auchlin (1998).

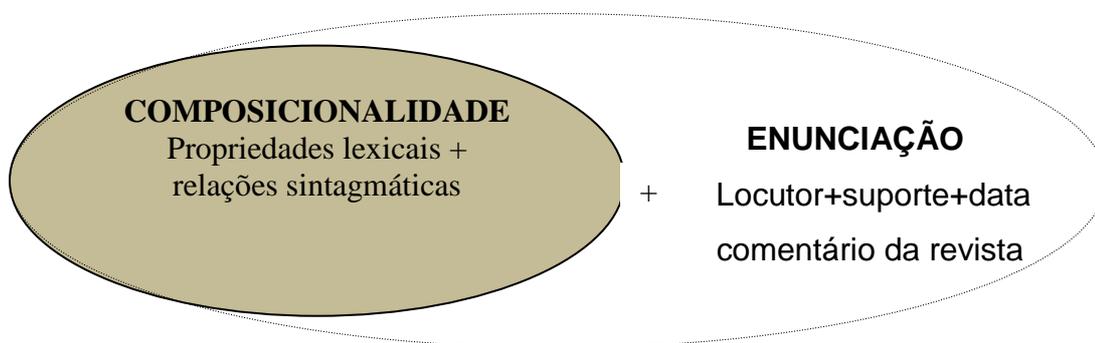
A partir desse ponto, nos capítulos subsequentes (5 e 6), apresentamos a metodologia adotada em nossas análises, bem como os resultados obtidos.

Quanto aos resultados, o quadro inicial dessa pesquisa apontava para a composicionalidade como característica restrita aos enunciados. Observamos, com os testes, que o que diz respeito ao questionário C, 94% dos informantes deram respostas consideradas adequadas às implicaturas desejáveis, fato que confirma nossa hipótese sobre as respostas-controlê. Ou seja, quando os informantes foram submetidos ao enunciado projetado dentro de uma cena enunciativa, eles perceberam os efeitos que postulamos como sendo os adequados para cada enunciado.

Ainda em relação ao questionário C, apenas dois informantes fizeram menção ao suporte – a Revista Veja -, como sendo um fator importante para a compreensão. Nenhum informante apontou a data como sendo necessária à construção do sentido. E, no que diz respeito à presença do locutor, 12 informantes (66%) afirmaram que a presença do locutor favoreceu o entendimento. Esse fato, mais uma vez, leva-nos a afirmar que quanto mais informações estiverem dispostas sobre a enunciação, no presente caso: locutor, suporte, data, comentário da revista, experiencição, tanto mais ganha sustentação o enunciado para a interpretação.

Dessa relação entre composicionalidade e enunciação podemos extrair muitos fatores a partir dos elementos que a compõem, como, por exemplo, os utilizados neste estudo : o locutor, o suporte, o comentário da revista e a data. Ou seja, os dados da enunciação foram as variáveis de controle que acabaram sendo composicionalizados. Então, nossa proposição pode ser ilustrada da seguinte maneira :

Figura 10: proposição sobre o princípio da composicionalidade



fonte: pesquisa da autora.

Apresentamos, agora, em que extensão os fatores enunciativos apontados neste trabalho contribuíram para a produção do sentido. Para essa análise, foram consultadas as respostas à questão de número 4 referente aos questionários B e C, pois esses traziam alguma informação adicional ao enunciado. Examinamos 41 respostas que faziam menção a algum elemento enunciativo utilizado nesta pesquisa. No entanto, algumas respostas traziam mais de uma informação importante para nossa análise, o que gerou um total de 67 respostas. Obtivemos os seguintes resultados:

Quadro 7: fatores enunciativos

Elementos Enunciativos	Vezes em que foi citado como responsável pelo entendimento	Exemplos:
Identidade do locutor	39	I 57: ES: <i>Pois tem a explicação de quem é a frase e sobre o que Fernando Henrique estava falando.</i>
Comentário da revista	25	I 59: ES: <i>Pelas informações trazidas logo após o pronunciamento do presidente.</i>
Suporte	3	I 51 ES: <i>Porque a frase foi dita pelo ex-presidente em comemoração aos 15 anos do real. Além disso, é interesse da revista mostrar que o mérito não é só de Lula.</i>
Data	1	<i>Porque a frase foi dita pelo ex-presidente em comemoração aos 15 anos do real.</i>

Fonte: pesquisa da autora

Diante do exposto, podemos afirmar que, além das relações sintáticas e dos itens lexicais, outros fatores tornam-se necessários para a construção do significado. Os traços *identidade do locutor*, *comentário da revista/contextualização*, *suporte* e *data*, que foram as variáveis de controle desta pesquisa, são elementos que composicionalmente constituem parâmetros da cena enunciativa explicados na estrutura do enunciado sob a forma de propriedades lexicais e relações sintagmáticas.

Além disso, pudemos concluir que a enunciação comporta condições gerais e específicas. De acordo com nosso estudo, as condições gerais seriam o suporte, o comentário da revista (contextualização) e a data. E como condição específica teríamos a identidade do locutor que foi apontada pelos informantes como sendo a condição principal responsável pelo entendimento dos enunciados.

Assim, podemos postular que o discurso é organizado a partir da própria identidade do locutor, levando em conta a imagem que este tem de si no discurso, de seu interlocutor e daquilo que já foi dito anteriormente. As identidades social e psicológica são determinadas pela situação de comunicação e estas diferem da identidade linguageira.

Muitos são os caminhos que podem nos levar à reflexão sobre a enunciação. São inúmeras as condições que locutor e alocutário precisam enfrentar para conseguirem promover uma encenação dialógica discursiva satisfatória para ambos.

As estratégias de análise do enunciado utilizadas nesta investigação para uma reflexão sobre a enunciação são apenas algumas das possibilidades disponíveis de se entender a linguagem como prática social. Mais que isso, principalmente, há a possibilidade de se produzir um entendimento, ainda que restrito, sobre a enunciação.

Assim, o que observamos, neste estudo, através de uma sequência de análises-exemplos, é que o produto da enunciação, ou seja, o enunciado vai além do conteúdo proposicional, da força ilocucional, do jogo argumentativo e dos efeitos perlocucionais. O enunciado atinge, também, a convenção de regras que é demonstrada pelas marcas da enunciação. É, portanto, diante dessa convenção de regras do discurso que se torna importante estudar o enunciado, levando em consideração o seu momento único de realização: a enunciação. Ou seja, qualquer pretensão à composicionalidade deve ser associada à enunciação.

REFERÊNCIAS:

- AUCHLIN, A. Les dimensions de l'analyse pragmatique du discours dans une approche expérientielle et systémique de la compétence discursive. In: INTERNATIONAL PRAGMATICS CONFERENCE, n. 6, 1998, Reims. **IPRA Conference**. Reims: Antuérpia, 1998. p. 3-9.
- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1976.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas: As não coincidências do dizer**. Campinas: Unicamp, 1998.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 35-76
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- BIERWISCH, M. De certos problemas de representações semânticas. In: LOBATO, L.M.P. (org.) **A Semântica na lingüística moderna: o léxico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. p.131-163.
- BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas, São Paulo: Unicamp, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Educacionais. **Saeb 2001: Novas perspectivas**. Brasília: INEP/MEC, maio de 2009. Disponível em <<http://www.inep.gov.br/basica/Saeb/publicacoes.htm>> Acesso em 02 de abril de 2009.
- BRISARD, F. **Cognitive Linguistics Research. Grounding: The Epistemic Footing of deixis and reference**. New York .Mouton de Gruyter, 2002.
- CAMPOS, J; RAUEN, F. J. (Org). **Tópicos em teoria da relevância**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- CARNAP, R. **Testabilidade e significado**. São Paulo: Abril, 1975. (Coleção: Os pensadores).
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, P. Formação Discursiva. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, P. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 249-251.
- CHIERCHIA, G. **Semântica**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- CULIOLI, A. Remarques finales in guise de conclusion. **Modèles linguistiques**, Paris, v. 6, n. 1, p. 239-248, 1984.

DAVIDSON, D. **De la verdad y de la interpretacion**. Trad.: Guido Filippi. Barcelona: Gedisa, 1995.

DELL'ISOLA, R. L. P. **Leitura: Inferências e contexto sociocultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Formato, 2001.

DENNETT, D. Fé na verdade. **Journal of Philosophy in the Analytic Tradition**, Porto, v. 3. n. 19, Nov.1997. Disponível em < <http://disputatio.com/articles/003-1.pdf> > Acesso em: 22 jan 2009

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da Pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOWTH, D. Compositionality as an empirical problem. In: BAKER, C ;JAKOBSON, P. (Ed.) **Directy compositionality**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 23-101.

DUARTE, V. M. **Textos Multimodais e Letramento: Habilidades na leitura de gráficos da Folha de São Paulo por um grupo de alunos do Ensino Médio**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós Graduação em Letras, Belo Horizonte.

DUMMETT, M. Frege. **Philosophy of Language**. London: Duckworth, 1973.

DUCROT, O. Argumentação e *topoi* argumentativos. In GUIMARÃES, E. **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989. p.13-38.

FLORES, V. N. ; TEIXEIRA, M. **Introdução à Lingüística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

FODOR, J. A.; LEPORE, E. The empitness of the lexicon: reflections on Pustejovsky. In: RITCHIE, W. C. **The compositionality papers**. Oxford: Clarendon Press, 2002.

FREGE, G. **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: EDUSP, 2009.

GRICE, H. P. Further notes on logic and conversation. In: COLE, P (Ed.). **Syntax and semantics: Pragmatics**. New York: Academic Press. 1978. p. 113-128.

JOHNSON, Donna M. **Approaches to Research in Second Language Learning**. UnitedKingdom: Longman group, 1991.

KATZ, J.J;FODOR, J. A. A semântica na lingüística moderna: o léxico. In: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro (Org.). **Significado, valência semântica e sintática**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

KLEIBER, G. **La sémantique du prototype: catégories et sens lexical**, Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago, 1987

LUNGARZO, C. **O que é ciência**. 4. ed., São Paulo, Brasiliense, 1990.

LYONS, J. **Introdução à lingüística teórica**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional; 1979.

MARI, H. Os Sentidos do significado. **Revista da Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano**, Belo Horizonte, n. 18/19, p. 20-49, jan. 1998.

MARI, H. Dos fundamentos da significação à produção do sentido. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte: v. 1, n 1, p. 93-109, jan./jun. 1996.

MOESCHLER, J. (Ed). **Théorie pragmatique et pragmatique conversationnelle**. Paris: Armand Colin, 1996.

MOESCHLER, J; AUCHLIN, A. (Ed.). **Introduction à La linguistique contemporaine**. Paris: Armand Colin, 2009.

OLIVEIRA, M. A. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1996.

PAGIN, P. Is compositionality compatible with holism? **Mind & Language Magazine**, Oxford, v. 22, n 1, p. 11-33, 1997. Disponível em <<http://ruccs.rutgers.edu/faculty/LeporeSelPub.html>>. Acesso em: 08 set. 2010.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A Propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. de Péricles Cunha. Campinas: Unicamp, 1997, p 163-235.

PEIRCE, C. S. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce. (Letters to Lady Welby)**, Cambridge: Charles Hartshorne, 1965.

PEREIRA, A. **Da Filosofia da Linguagem no Crátilo de Platão**: Breve reflexão. Disponível em <www.lusosofia.net>. Acesso em: 22 abr. 2008.

PUTNAM, H. The meaning of 'meaning' In: SCHWARTZ, S. P. (Ed.). **Naming, necessity and natural kinds**. Ithaca: Cornell University Press, 1977. p. 215-271.

PUTNAM, H. Is semantics possible? In: SCHWARTZ, S. P. (Ed). **Naming, necessity and natural kinds**. Ithaca: cornell University Press, 1977. p. 139-152.

RAPOSO. K. C. S. **Estudo das Expressões Idiomáticas do Português do Brasil**: uma proposta de sistematização. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belo Horizonte.

SCHLICK, M; CARNAP, R; POPPER, K. **A Causalidade na Física Atual**. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Os Pensadores, v. 44)

SEARLE, J. R. What is a Speech Act?. In MAX BLACK (Ed.), **Philosophy in America**. Ithaca: Cornell University Press, 1965. p. 221-239.

SEARLE, J. **Experience and Meaning**: Studies in the Theory of Speech Acts. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

SEARLE, J. R. **Speech Acts**: An Essay in the Philosophy of Language. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SPERBER, D.; WILSON, D. Rhetoric and relevance. In: BENDER; WELLBERY (Eds.). **The Ends of Rhetoric**: History, Theory, Practice. Stanford: Stanford University Press, 1990. p. 140-156.

SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevance**: Communication and Cognition. Oxford: Blackwell.1995.

STRAWSON, P. F. Significado e verdade: In: DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos Metodológicos da Linguística**: semântica. Campinas: IEL/UNICAMP, 1982. v. 3, p. 181-211.

STRAWSON, P. F. Carnap's Views on Constructed Systems versus Natural Languages in Analytic Philosophy. In: SCHILPP, P. A. (Org.). **The Philosophy of Rudolf Carnap**. LaSalle: Open Court, 1963. p. 503-519.

TARSKI, A. The semantic conception of truth and the foundations of semantics. In: SIMON; SIMMONS (Ed.). **Truth**. Oxford: Oxford UP, 2000. p. 115-143.

TAYLOR, J. R. **Linguistic Categorization: Prototypes in linguistic Theory**. Oxford: Clarendon Press: 1989.

TITONE, D. A.; CONNINE, C. N. On the compositional and noncompositional nature of idiomatic expressions. **Journal of Pragmatics**, v. 31, p. 1655-1674, nov. 1999.

WALKER, Ralph C. S. Theories of truth. In: HALE, Bob (Ed.). **A companion to the philosophy of language**. Londres: Blackwell, 1997. p. 309-330.

WEINREICH, U. Pesquisas em teoria semântica. In: LOBATO, L. M. P. (Org). **A semântica na linguística moderna**. O léxico. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. p. 62 – 67.

WELSCH, C. K. Is the compositionality principle a semantic universal? In: PROCEEDINGS OF THE TWELFTH ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUSTICS SOCIETY, 12, 1986. **Anais...**Berkley: Berkley Linguistics Society, 1991.

WILLIAMS, E. Remarks on lexical knowledge. In: GLEITMAN, L. LANDAU, B. (Eds.) **The acquisition of the lexicon**. Cambridge. The MIT Press, 1994. 7-35.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

WITTGENSTEIN, L. **Estética, psicologia e religião**. São Paulo: Cultrix, 1970.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus logico-philosophicus**. São Paulo: Nacional, 1968.

APÊNDICE

TESTE A

NOME: _____ IDADE: _____

Grau de instrução: _____ Curso de formação: _____

Com que frequência você lê a revista **Veja**?

() nunca () raramente () frequentemente

Se você lê a revista **Veja** raramente ou frequentemente, o que mais gosta de ler nessa revista?

-----#-----

Agora, responda as perguntas abaixo:

1) Ao ler a frase abaixo, o que você entende?

“Com tanto petista para empregar, logo, logo, Lula criará o Ministério das Aves”

2) Explique por que você entendeu isso.

3) Ao ler a frase abaixo, o que você entende?

“Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem”

4) Explique por que você entendeu isso.

5) Ao ler a frase abaixo, o que você entende?

“Não há comparação entre o Brasil de hoje e o Brasil de quinze anos atrás.”

6) Explique por que você entendeu isso.

TESTE B

NOME: _____ IDADE: _____

Grau de instrução: _____ Curso de formação: _____

Com que frequência você lê a revista **Veja**?

() nunca () raramente () frequentemente

Se você lê a revista **Veja** raramente ou frequentemente, o que mais gosta de ler nessa revista?

-----#-----

Agora, responda as perguntas abaixo:

1) Ao ler a frase abaixo, o que você entende?

“Com tanto petista para empregar, logo, logo Lula criará o Ministério das Aves”. **José Carlos Aleluia**, deputado federal (DEM-BA).

2) Explique por que você entendeu isso.

3) Ao ler a frase abaixo, o que você entende?

“Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem” (**Do presidente Lula**).

4) Explique por que você entendeu isso.

5) Ao ler a frase abaixo, o que você entende?

“Não há comparação entre o Brasil de hoje e o Brasil de quinze anos atrás”. **Fernando Henrique Cardoso**, ex-presidente da República.

6) Explique por que você entendeu isso.

TESTE C

NOME: _____ IDADE: _____

Grau de instrução: _____ Curso de formação: _____

Com que frequência você lê a revista **Veja**?

() nunca () raramente () frequentemente

Se você lê a revista **Veja** raramente ou frequentemente, o que mais gosta de ler nessa revista?

#-----

1) Ao ler a frase abaixo, o que você entende?

"Com tanto petista para empregar, logo, logo Lula criará o Ministério das Aves". **José Carlos Aleluia**, deputado federal (DEM-BA), falando das duas centenas de cargos abertos no recém-criado Ministério da Pesca. Revista Veja

2) Explique por que você entendeu isso.

3) Ao ler a frase abaixo, o que você entende?

"Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem" **Do presidente Lula**, na Argentina, defendendo a união entre os dois países diante do olhar lânguido da presidente argentina Cristina Kirchner. Veja. 13/08/2008.

4) Explique por que você entendeu isso.

5) Ao ler a frase abaixo, o que você entende?

"Não há comparação entre o Brasil de hoje e o Brasil de quinze anos atrás" **Fernando Henrique Cardoso**, ex-presidente da República, falando sobre os quinze anos do Real. Revista Veja 08/07/2009.

6) Explique por que você entendeu isso.

QUADRO RESUMO DE ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS TESTES, POR QUESTIONÁRIO.

Questão 1: Com que frequência você lê a revista Veja?

Objetivo: Aferir a frequência com que os informantes lêem a revista Veja.		
QUESTIONÁRIO A		
SUJEITO⁴¹ - número/ Grau de formação	RESPOSTA	OBSERVAÇÃO
1 EM	Raramente	
2 EM	Raramente	
3 EM	Raramente	
4 EM	Raramente	
5 EM	Raramente	
6 EM	Nunca	
7 EM	Raramente	
8 EM	Nunca	
9 ES	Nunca	
10 ES	Raramente	
11 ES	Raramente	
12 ES	Frequentemente	
13 ES	Frequentemente	
14 ES	Raramente	
15 ES	Frequentemente	
16 ES	Frequentemente	
17 ES	Raramente	
18 ES	Frequentemente	
19 EM	Nunca	

⁴¹ Usaremos a notação EM para os informantes com ensino médio e ES para os que possuem nível superior.

20 EM	raramente	
QUESTIONÁRIO B		
21 EM	Raramente	
22 EM	Raramente	
23 EM	Raramente	
24 EM	Raramente	
25 EM	Raramente	
26 EM	Nunca	
27 ES	Frequentemente	
28 EM	Nunca	
29 ES	Raramente	
30 ES	Frequentemente	
31 ES	Frequentemente	
32 ES	Raramente	
33 ES	Frequentemente	
34 ES	Raramente	
35 EM	Raramente	
36 ES	Frequentemente	
37 ES	Raramente	
38 EM	Raramente	
39 ES	Raramente	
40 EM	Raramente	
QUESTIONÁRIO C		
41 EM	Raramente	
42 EM	Nunca	
43 EM	Raramente	
44 EM	Nunca	
45 EM	Raramente	
46 EM	Raramente	

47 EM	Nunca	
48 EM	Raramente	
49 EM	Raramente	
50 EM	Raramente	
51 ES	Raramente	
52 ES	Frequentemente	
53 ES	Raramente	
54 ES	Frequentemente	
55 ES	Nunca	
56 ES	Raramente	
57 ES	Raramente	
58 ES	Raramente	
59 ES	Raramente	
60 ES	Frequentemente	

Questão 2: Se você lê a revista **Veja** raramente ou frequentemente, o que mais gosta de ler nessa revista?

Objetivo: Verificar se o conhecimento da seção, que constitui o corpus de análise, pode influenciar, de alguma maneira, as respostas.

QUESTIONÁRIO A

SUJEITO ⁴² - número/ Grau de formação	RESPOSTA	OBSERVAÇÃO
1 EM	Matéria de capa	
2 EM	Reportagem sobre meio ambiente	
3 EM	Reportagens atuais	O informante destacou a chamada da capa como sendo a reportagem atual.

⁴² Usaremos a notação EM para os informantes com ensino médio e ES para os que possuem nível superior.

4 EM	Reportagens atuais	O informante destacou a chamada da capa como sendo a reportagem atual.
5 EM	Matéria da capa	
6 EM	Não especificou	O informante destacou que nunca lê a revista.
7 EM	Matéria de capa	
8 EM	Não especificou	O informante destacou que nunca lê a revista.
9 ES	Não especificou	O informante destacou que nunca lê a revista.
10 ES	Entrevista das páginas amarelas e textos dos colunistas.	
11 ES	Reportagens sobre saúde e esporte.	
12 ES	Colunistas	
13 ES	Páginas amarelas e artigos de opinião.	
14 ES	Reportagens diversas	
15 ES	Seção Veja Essa	O informante se referiu a Seção Veja Essa como “Frases da semana”
16 ES	Colunistas	
17 ES	Matéria de capa	
18 ES	Matéria de capa	
19 EM	Não especificou	O informante destacou que nunca lê a revista.
20 EM	Matéria de capa	
QUESTIONÁRIO B		
21 EM	Toda a revista	

22 EM	Toda a revista	
23 EM	Matéria de capa	
24 EM	Não especificou	Embora o informante tenha dito que lê a revista raramente, ele não especificou o que mais gosta de ler.
25 EM	Toda a revista	
26 EM	Não especificou	O informante destacou que nunca lê a revista.
27 ES	Colunistas e reportagens sobre saúde.	
28 EM	Não especificou	O informante destacou que nunca lê a revista.
29 ES	Entrevistas das páginas amarelas	
30 ES	Toda a revista	
31 ES	Toda a revista	
32 ES	Matéria de capa	
33 ES	Toda a revista	
34 ES	Matéria de capa e páginas amarelas	
35 EM	Reportagens diversas	
36 ES	Entrevistas das páginas amarelas e seção Veja Essa	O informante se referiu à Seção Veja Essa como frases curtas de personalidades.
37 ES	Matéria de capa	
38 EM	Matéria de capa	
39 ES	Colunistas e entrevistas das páginas amarelas	
40 EM	Toda a revista	

QUESTIONÁRIO C		
41 EM	Colunistas	
42 EM	Não especificou	O informante destacou que nunca lê a revista.
43 EM	Reportagens diversas (saúde, economia, sociedade)	
44 EM	Não especificou	O informante destacou que nunca lê a revista.
45 EM	Matéria de capa	
46 EM	Matéria de capa	
47 EM	Não especificou	O informante destacou que nunca lê a revista.
48 EM	Matéria de capa	
49 EM	Matéria de capa.	
50 EM	Páginas amarelas.	
51 ES	Reportagens sobre saúde	
52 ES	Páginas amarelas e Seção Veja Essa.	O informante se referiu a Seção Veja Essa como "Frases de personalidades"
53 ES	Matéria de capa	
54 ES	Matéria de capa	
55 ES	Não especificou	O informante destacou que nunca lê a revista.
56 ES	Entrevistas das páginas amarelas e Seção Veja Essa.	O informante se referiu à seção Veja Essa como "Frases da semana"
57 ES	Páginas amarelas, reportagens de capa e seção Veja Essa.	O informante se referiu à seção Veja Essa como "notícias curtas, em forma de frases sobre personalidades"

58 ES	Entrevistas das páginas amarelas.	
59 ES	Entrevistas das páginas amarelas.	
60	Toda a revista	

Questão 3: Ao ler a frase abaixo, o que você entende?

Como havia, em cada questionário, três⁴³ enunciados distintos para essa mesma questão, achamos pertinente transcrever as respostas que foram dadas aos três enunciados, simultaneamente.

Objetivo: Com a ausência de informações nos questionários A e B, espera-se verificar se o leitor reconhece o efeito de sentido (ironia, humor, crítica etc.) decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfossintáticos.			
QUESTIONÁRIO A			
SUJEITO ⁴⁴ - número/ Grau de formação	RESPOSTA ⁴⁵ PARA O ENUNCIADO 1	RESPOSTA PARA O ENUNCIADO 2	RESPOSTA PARA O ENUNCIADO 3
1 EM	Que para empregar os petistas, Lula terá que criar mais um ministério inútil como o da pesca.	Entendi que um casal tem que olhar para a mesma direção, um ajudar o outro.	Que durante 15 anos não modificou nada no Brasil.
2 EM	Eu entendi que o	Nesse contexto, o	É fato que o Brasil de

⁴³ Trazemos, aqui, os três enunciados: 1) “Com tanto petista para empregar, logo, logo, Lula criará o Ministério das Aves”. 2) “Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem”; 3) “Não há comparação entre o Brasil de hoje e o Brasil de quinze anos atrás.”

⁴⁴ Usaremos a notação EM para os informantes com ensino médio e ES para os que possuem nível superior.

⁴⁵ As respostas foram transcritas exatamente como se encontravam nos questionários.

	<p>presidente contrata muitos políticos do seu partido para fazerem funções que não será de grande importância, por isso o ministério das aves.</p>	<p>que posso interpretar é que o homem e a mulher possuem um crescimento econômico igual, quanto juntos, entretanto o homem tem uma visão e a mulher outra, por isso suas atitudes em relação ao seu próprio crescimento econômico são distintos.</p>	<p>hoje é diferente do Brasil de 15 anos atrás. Isso é devido à modernidade, tecnologia e o processo contínuo de desenvolvimento, que não só o Brasil, mas todos os países passam com o decorrer dos anos.</p>
3 EM	<p>Alguém ironizando Lula por empregar bem, mas muito bem os colegas de partido.</p>	<p>Não entendi a frase.</p>	<p>Ocorreram inúmeras mudanças em setores como tecnologia, meio ambiente, aumento de população, entre outros.</p>
4 EM	<p>O partido PT tem crescido muito com o governo Lula.</p>	<p>As necessidades diferentes que geram o consumismo.</p>	<p>O Brasil está em constante desenvolvimento.</p>
5 EM	<p>Muita gente pra poucos cargos.</p>	<p>Hoje em dia, é muito fácil notar que o homem e a mulher, embora unidos em matrimônio, estão longe de uma vida a dois, pois falta companheirismo de</p>	<p>Muita coisa mudou no Brasil em 15 anos.</p>

		ambas as partes.	
6 EM	Em branco	Para ver se assim passamos nos entender uns com os outros. A economia gira em torno do mundo. Seria muito menos impactante essa própria economia se fosse feita, estudada por todos, com um só ideal.	Isso é uma blasfêmia total. Qualquer um sabe que as diferenças são gritantes.
7 EM	Só pode ser uma brincadeira porque 'ministério das aves' é muito estranho.	Achei muito difícil essa frase. Também senti falta de um contexto para entendê-la.	Alguém está dizendo que há diferença entre o Brasil hoje e o Brasil de 15 anos atrás. Agora, não dá pra saber qual deles era melhor.
8 EM	Difícil saber do que se trata, a frase é estranha e parece que falta um pedaço. Mas acho que alguém está criticando Lula.	Não entendi a relação de crescimento econômico com 'pessoas grudadas'. Acho que deve haver parceria para que exista crescimento.	Se essa frase tiver sido dita por Lula, ele quis dizer que o Brasil hoje é muito melhor. Agora, se a frase tiver sido dita por outro político de partido oposto, ele quis dizer que o Brasil era melhor antes.
9 ES	A expressão 'ministério das aves' não me dá nenhuma referência. Como	Difícil esta citação. Parece que ela me passa a impressão de que se quer dizer que um homem e	Com esta frase, eu entendo, ainda que esta não seja uma informação explícita, que o Brasil de hoje é melhor que o

	<p>consequência não consigo dar uma interpretação à frase acima.</p>	<p>uma mulher, embora juntos oficialmente, economicamente eles continuam separados, com objetivos econômicos diferentes. Me falta um contexto mais preciso para esta citação.</p>	<p>Brasil de 15 anos atrás.</p>
10 ES	<p>Confesso que não entendi o enunciado. Para mim, levando em conta o contexto sócio-histórico em que vivo, não tem sentido. Não sei que relação semântica ou pragmática pode haver entre 'petista' e 'aves'. Se fosse 'psdebista' eu saberia. 'Aves' teria relação com tucano. Talvez, tenha havido algum fato do qual não estou informada, que</p>	<p>Não entendi porque um enunciado que parece tratar de aspectos econômicos, apropria-se do nome de Deus, e de forma tão incisiva. Acredito que o enunciador esteja dizendo que hoje homens e mulheres estão disputando o mercado lado a lado, mas cada um buscando o seu espaço, isto é, não têm mais tempo para se olharem como pares, companheiros. Mas a discussão parece</p>	<p>Entendo que, apesar de se tratar da mesma entidade: o substantivo próprio 'Brasil', ela é definida como diferente em dois momentos distintos. Não sei se isso é possível.</p>

	possibilite essa relação de sentido.	muito filosófica, se assim posso dizer. Mas acho que não entendi bem, pois não especifica que tipo de crescimento econômico: do mercado, da família, do país?	
11 ES	Devido a falta de emprego e com tanto petista sobrando, em breve o presidente criará um novo ministério.	Do ponto de vista econômico, Deus nos fez grudados e uniu o homem e a mulher para que haja um aumento nos gastos (rsrsrsr), conseqüentemente, a economia aumenta, portanto, não para ficarmos olhando para um lado e para o outro e nem para se olharem. Foi isso o que entendi.	Decorridos alguns anos (quinze) o Brasil de hoje sofreu grandes mudanças (quer positivas e/ou negativas)
12 ES	Sem conhecer o contexto em que a frase foi enunciada, fica muito difícil compreendê-la. Contudo, quando refazemos seu	Nessa frase, o Presidente Lula argumenta que a proximidade geográfica entre Brasil e Argentina deveria favorecer as relações políticas e	Trata-se de uma frase produzida por alguém que deseja exaltar as condições encontradas no Brasil atualmente, em prejuízo do que se verificava no Brasil há quinze anos atrás. Mais

	<p>percurso enunciativo, percebemos que se trata de uma referência à criação do Ministério da Pesca, pelo presidente Lula, e à distribuição de cargos entre a base aliada.</p>	<p>comerciais entre os dois países.</p>	<p>especificamente, o produtor do enunciado é FHC, que implantou o Plano Real em 1994, quando era Ministro da Economia. Teria havido, em seu ponto de vista, uma melhora significativa no Brasil a partir de então.</p>
13 ES	<p>Como ele precisa criar mais empregos e não existe mais ministérios para inventar, só mesmo criando mais um ministério, o das aves no caso.</p>	<p>Nem sabia que Deus nos fez grudados. Acho que é para testar a paciência da mulher. Olham cada um para o lado, por que têm objetivos distintos, ou seja não conseguiu com que se unissem para um fim em comum.</p>	<p>Entendo que há 15 anos a vida era mais tranquila, tinha menos violência e realmente não há comparação. Antigamente era muito melhor.</p>
14 ES	<p>O governo Lula é um cabide de empregos para os petistas.</p>	<p>Entendo que alguém usa uma metáfora para explicar que é preciso caminhar juntos (no caso Brasil e Argentina) para que haja crescimento.</p>	<p>Entendi que alguém está comparando o Brasil em duas épocas diferentes. Mas não dá pra saber em que sentido essa comparação é feita.</p>

15 ES	Alguém está criticando a atuação do presidente Lula.	Acho que devemos ter os mesmos objetivos em relação a economia para que os resultados sejam positivos.	Entendo que houve mudanças no país nos últimos 15 anos.
16 ES	Entendo que Lula quer empregar todos do seu partido.	Se os países caminharem juntos haverá mais chance de crescimento econômico.	Parece que alguém está comparando o Brasil, mas não sei exatamente em que dimensão.
17 ES	Sem maiores explicações fica difícil entender algo, mas acho que se trata de um comentário de alguém que não pertence ao partido PT.	Como na frase anterior, senti falta de mais explicações para ter um melhor esclarecimento. Não consegui entender direito.	Há uma comparação, mas qual Brasil é melhor?
18 ES	Não consegui entender muito bem.	Penso que quem disse isso quis usar a figura do homem e da mulher para simbolizar o Brasil e a Argentina e com isso, dizer que se esses países andarem juntos eles terão maior crescimento econômico.	A pessoa que disse essa frase quis exaltar duas épocas diferentes do nosso país, mas sem mais detalhes, fica difícil saber qual época.
19 EM	Entendo que	Não entendi nada	Entendo que há uma

	alguém critica o presidente Lula.		comparação, mas não sei dizer sobre o que.
20 EM	Acho que Lula deve criar mais cargos para seus aliados.	Que o crescimento econômico precisa da união entre os todos.	Se for em relação a violência, quem falou está errado. Se for em relação a emprego, está certo.
QUESTIONÁRIO B			
SUJEITO - número/ Grau de formação	RESPOSTA PARA O ENUNCIADO 1	RESPOSTA PARA O ENUNCIADO 2	RESPOSTA PARA O ENUNCIADO 3
21 EM	É que Lula anda empregando pessoas demais, criando ministérios demais e que agora só falta criar o ministério das aves.	Acredito que um seja o alicerce do outro, economicamente se um homem não tem um bom direcionamento financeiro, a mulher tende a equilibrá-lo e vice e versa.	Tudo muda, a política, as pessoas, o clima, enfim, na minha opinião ele quis dizer que o país evoluiu muito e que as conquistas de hoje não haviam sido alcançadas há 15 anos atrás.
22 EM	Eu entendo que o governo Lula tem tanta gente para dar emprego que daqui a pouco ele vai inventar o ministério que não existe pra empregar pessoas.	Imagino que ele quis dizer que ambos se completam, um compreendendo o outro. Segundo Gustavo Cerbasi, autor do livro "Casais inteligentes enriquecem juntos" diz que ambos tem	Bem, ele quis dizer que o país continua exatamente igual. Nada mudou e que ninguém hoje em dia compara o país de agora com o de quinze anos atrás, pois está tudo a mesma coisa. Nada foi feito para melhorar.

		que olhar para o mesmo sentido para crescerem. Um ajudando o outro, apoiando e assim provocando um crescimento contínuo e brilhante.	
23 EM	Entende-se que há tantas pessoas ligadas ao PT que o presidente Lula tem que empregar, que ele será obrigado a criar outro ministério com um nome qualquer para comportar tantas pessoas e promessas.	Não entendi a comparação do presidente.	Não se compara o Brasil “atual” com o de quinze anos atrás; sendo uma afirmação de duplo sentido, podendo ser positiva ou negativa.
24 EM	Que o governo Lula é um cabide de emprego para os petistas, e como Lula adora criar ministérios, logo criará mais um para agraciar membros petistas ou membros de	Que para crescer economicamente deve-se caminhar juntos, unidos, já que possuem o mesmo objetivo, como um homem e uma mulher, que se olham, se atraem e forma um casal com	O Brasil atual apresenta condições de estabilidade econômica bem melhores do que há 15 anos.

	partidos que apóiam o governo.	o mesmo objetivo.	
25 EM	Entendi que ele aos poucos vai empregando mais pessoas do partido que participa.	É porque cada tem uma visão diferente. Isso serve para um ajudar o outro com suas idéias diferentes.	São tantas mudanças que foram feitas ao longo desses anos, que hoje já não vemos nenhuma essência do que tinha lá atrás.
26 EM	O senador se refere à comparação com o governo tucano onde quase todos os cargos eram manipulados pelo governo FHC que também era tucano (PSDB)	Lula refere-e ao MERCOSUL e sobre a presidente Argentina. Brasil e Argentina devem caminhar na mesma direção em prol dos seus países dentro do MERCOSUL buscando interesses semelhantes.	FHC tenta não deixar crescer a popularidade de Lula. Ou seja, Lula não fez nada além do que o governo FHC começou a fazer.
27 ES	Ministério dos tucanos.	Igualdade financeira, parceria na atividade profissional.	Uma crítica ao governo atual ou uma resposta sobre a comparação dos governos.
28 EM	Como todo partido político serve de cabide de emprego para cabos eleitorais, logo o Lula criará um novo ministério para os tais.	Entendo que são palavras perdidas sem nenhum fundamento.	Que o Brasil de hoje é melhor que o de 15 anos atrás.

29 ES	Uma frase de caráter irônico criticando a criação de vários ministérios objetivando oferecer cargos aos petistas.	Comentário feito pelo Presidente do Brasil defendendo a união da Argentina e do Brasil em busca do crescimento econômico.	O Brasil de antes vivia um caos político. A hiperinflação assustava e impedia o desenvolvimento do país. Era uma época difícil e instável. Com uma inflação descontrolada e a falta de uma moeda forte o país declinava economicamente e a população não fazia nenhum planejamento. A falta de tranquilidade e de confiança da população e investidores deixava o Brasil à margem do desenvolvimento.
30 ES	O texto faz uma alusão à criação de um novo ministério – o da Pesca - pelo presidente Lula e o corporativismo que existe nos diversos âmbitos da vida pública brasileira. Os novos cargos – e que são muitos –	A frase fala da relação Brasil e Argentina e tinha algo a ver com a presidenta (não me lembro do que foi).	Fernando Henrique refere-se, na verdade, às conquistas tão valorizadas hoje no país, dizendo que os frutos colhidos hoje durante o governo do Presidente Lula resultam de ações iniciadas em governos anteriores, principalmente à gestão dele – Fernando Henrique - próprio como

	<p>certamente serão distribuídos entre os correligionários do presidente. Ao mesmo tempo critica e ironiza a inutilidade da medida governamental porque já existe no governo brasileiro um Ministério do Meio-ambiente. A fauna (peixes e aves), a flora e tudo o que há sobre a terra (incluindo rios, riquezas minerais) não compõem o meio-ambiente?</p>		<p>presidente do Brasil.</p>
31 ES	<p>Existe uma crítica ao governo do PT</p>	<p>Vindo de quem veio (Lula), não consigo entender muita coisa.</p>	<p>FHC está dizendo de maneira irônica que o governo dele foi melhor do que o de Lula hoje.</p>
32 ES	<p>Entendo que o presidente Lula cria ministérios para alocar seus</p>	<p>Lendo a frase, pensei que o presidente Lula tenha pretendido</p>	<p>Entendo que o ex-presidente Fernando Henrique quis marcar uma grande diferença</p>

	aliados ou aqueles que o ajudaram a chegar ao poder.	dizer que homem e mulher precisam trabalhar em conjunto, um “olhando”, “orientando” o outro.	entre a situação atual do Brasil e a de quinze anos atrás. Entretanto, vale destacar que não dá para saber quando ele disse isso: se durante seu mandato ou se agora. Faltam marcas textuais que nos indiquem esse dado.
33 ES	O senador está ironizando o governo Lula.	O presidente está incentivando as pessoas a trabalharem juntas em prol dos mesmos objetivos.	Como é o FHC quem disse a frase, ele só pode estar dizendo que o Brasil de antes é melhor do que o de hoje.
34 ES	Entendo que o senador está “denunciando” atos impensados do nosso presidente.	O Lula está falando sobre algum fato que desconheço, deve ser política, mas não consigo entender.	Entendo que o ex-presidente está querendo que os brasileiros reconheçam seus esforços.
35 EM	Há uma ironia por parte do deputado, que é de outro partido, em relação ao governo atual.	O Lula, mais uma vez, fantasia para falar de algo sério. Sem saber do que ele falava, fica difícil entender.	O Brasil melhorou muito, mas isso começou há 15 anos.
36 ES	José Carlos Aleluia usa a ironia pra delatar cargos criados pelo presidente	Nossa! Acho que o Lula estava bêbado rs. Acredito que ele quis usar a imagem do homem e da	Fernando Henrique Cardoso é o grande responsável pelo bom momento que o Brasil passa.

	em favor de seus aliados.	mulher para comparar ao crescimento da economia. Sei lá!	
37 ES	Acho que Lula quer empregar todos que o apóiam. É o famoso nepotismo.	Não entendi o que Lula quis dizer.	Entendo que Fernando Henrique está criticando Lula.
38 EM	Vindo de um político que pertence ao partido DEM, parece-me que há uma incitação explícita e crítica, ao fato de Lula criar tantos ministérios.	Lula tenta ilustrar uma situação econômica usando imagens conhecidas de todos.	Acredito que o FHC pretende chamar a atenção dos brasileiros em relação ao crescimento econômico.
39 ES	Nem sempre o que os caras dizem tem ligação com alguma coisa. Isso é uma xaropada.	O Lula é um cara super inteligente, autêntico, político, fala simples e sempre o que o povo quer ouvir, um estadista mesmo, ou seja, brasileiros e brasileiras temos que caminharem juntos no mesmo ideal	O que FHC quis dizer na minha opinião é que o Lula continuou sua administração.
40 EM	Entendo que a	Lula tenta fazer com	O ex-presidente aponta

	meta do governo Lula é dar emprego a todos os seus correligionários	que as pessoas sejam mais unidas.	que seu governo foi fundamental para o desenvolvimento do país.
QUESTIONÁRIO C			
SUJEITO - número/ Grau de formação	RESPOSTA PARA O ENUNCIADO 1	RESPOSTA PARA O ENUNCIADO 2	RESPOSTA PARA O ENUNCIADO 3
41 EM	José Carlos Aleluia critica o governo por criar muitos ministérios e, assim, aumentar a máquina pública.	Entendi que o presidente Lula quer se aproximar do país vizinho – Argentina e utiliza metáforas para tal.	Entende-se que o FHC faz uma análise comparativa do Brasil em 2009 em relação ao Brasil de 15 anos atrás, mesmo dizendo ‘não há comparação’
42 EM	Entendo que para empregar as pessoas do partido do PT, que estão sem ter o que fazer, Lula está criando novos ministérios como o da pesca, e daqui a pouco será necessário criar o ministério das aves, para	Não entendi muita coisa, mas parece que a presidente argentina, tem uma visão de adversidade com o Brasil.	Entendo que o país pode evoluir e ter novos investidores quando a moeda se tornou constante, pois com uma moeda instável o país não consegue crescer

	empregar o restante do partido.		
43 EM	O que entendi, foi que o deputado federal (DEM-BA) José Carlos Aleluia insinuou que tantos ministérios abertos no governo Lula seriam para acomodar os seus correligionários.	Que o presidente Lula estava alfinetando a presidente da Argentina, por causa da desunião entre os dois países sul-americanos.	Que a impossibilidade de comparação se dá pelo alto grau de desenvolvimento econômico ocorrido no período.
44 EM	Como a revista Veja é sempre contra Lula, fica claro que é uma crítica ao presidente.	Acho que Lula usa, como sempre, uma metáfora pra dizer que a Argentina deve caminhar junto com o Brasil para que esses países cresçam.	Entendi que FHC quer que os méritos do crescimento econômico sejam atribuídos ao plano real que foi desenvolvido em seu governo.
45 EM	O deputado que pertence a outro partido está falando que Lula quer favorecer aos petistas.	Entendo que Lula está dizendo que os dois países precisam ter os mesmos objetivos.	Como foi o ex-presidente quem disse isso, ele está criticando o Lula pelo 'apoderamento' do sucesso do real.
46 EM	Eu entendo que o deputado está ironizando uma	Achei essa frase complicada, mas como foi dita por	Entendo que FHC quer dizer que o Brasil no tempo dele era muito

	atitude de Lula.	Lula ela não poderia ser diferente. Acredito que ele quer que o Brasil e Argentina fiquem mais próximos.	melhor do que hoje.
47 EM	Como Lula criou o ministério da pesca, o deputado, ironicamente, afirma que ele vai criar também o ministério das aves.	Lula diz isso para mostrar que não adianta haver divergências entre Brasil e Argentina. Esses países precisam caminhar juntos.	Como o real foi criado por FHC ele acha que naquela época era melhor.
48 EM	Entendo que Lula vai tomar mais uma atitude inútil no seu governo.	Entendo que Lula quer falar que o crescimento econômico depende da vontade dos países terem os mesmos objetivos, mas ele usa metáfora para dizer isso.	Entendo que FHC quer que os brasileiros reconheçam seu trabalho.
49 EM	Entendi que Lula quer ajudar ao seu partido.	Não sei por que Lula usou algumas palavras “Deus nos fez grudados”. Ele poderia dizer isso de maneira mais clara. Assim fica confuso. Acho que ele quis	Entendo que em 15 anos algo mudou mesmo. E como foi FHC que falou, ele acha que mudou pra pior.

		dizer que os países precisam estar juntos.	
50 EM	O deputado está criticando Lula por mais uma atitude errada.	Lula, mais uma vez, brinca com as palavras em horas erradas. Ele dificulta uma coisa que poderia ser simples.	Nessa frase, o ex-presidente quer insinuar que o desenvolvimento do país se deve ao 'seu' governo.
51 ES	Que está ocorrendo um favorecimento partidário.	Entendo que Lula compara um casal ao Brasil e Argentina, querendo nos mostrar que como um casal, os dois países só crescerão se tiverem os mesmos objetivos.	É uma crítica ao governo federal atual. O FHC quis pontuar que naquele dia estava se comemorando a criação da moeda real e não do modelo econômico e que a moeda era a mesma que de 15 anos atrás.
52 ES	Entendo que se trata de uma crítica ao governo federal, indicando que o serviço público virou um poleiro, lugar em que ficam todas as 'aves'.	Entendo que se trata de um comentário em prol da união comercial entre Brasil e Argentina, e que um dos argumentos é a proximidade social e geográfica de ambos os países.	Nesta frase, dois espaços temporais são criados e contrastados, na tentativa de se mostrar a situação do país (ontem x hoje). A expressão 'quinze anos atrás' remete a um momento em que FHC estava no poder (socioculturalmente sabido) e é o gancho para dizer que o Brasil de hoje é bom porque algo

			foi feito há 15 anos atrás, na época de FHC.
53 ES	Entendi que o deputado ironiza a política governamental insinuando que há nepotismo no governo, ou pelo menos apadrinhamento de pessoas ligadas a ele.	Compreendi que é necessário haver um diálogo entre o Brasil e a Argentina.	Não é possível traçar comparações porque os problemas que o governo FHC enfrentou foram outros, foram maiores do que aqueles enfrentados pelo atual governo.
54 ES	Apesar da redação estranha, entendo que o deputado insinua ironicamente que se o presidente quiser alocar todos os partidários do PT em cargos públicos, será preciso criar mais um ministério (o Ministério das Aves). A idéia é de que os ministérios existentes não	Entendo que o presidente utilizou uma metáfora um tanto confusa para aproximar a situação de dois países que dividem um mesmo contexto social e econômico, mas não conseguem se entender, com a de um casal que não leva uma vida em sintonia.	Entendo que o ex-presidente defende a idéia de que uma comparação entre o Brasil de hoje e o Brasil da época de seu primeiro governo não é consistente, visto que cada tempo possui uma demanda específica e um contexto diverso.

	oferecem uma quantidade suficiente de vagas para todos os petistas.		
55 ES	O autor da frase ironizou a grande quantidade de cargos criados pelo presidente Lula, bem como questionou, também por meio da ironia, a utilidade dos cargos criados e denunciou uma suposta intenção do presidente de empregar seus colegas de partido, bem como a criação excessiva de ministérios feita pelo presidente.	É feita uma crítica irônica ao presidente Lula por parte da revista Veja, pois o presidente comete um equívoco relacionado à adequação ao contexto: ele faz uma analogia afetiva num contexto de negociações econômicas.	FHC está elogiando o crescimento do Brasil desde a adoção do Plano Real.
56 ES	Entendo que o autor da frase, José Carlos Aleluia, insinua que o presidente Lula está criando muitos cargos	Entendo que o presidente Lula insinua que o Brasil e a Argentina, estando lado a lado geograficamente, devem se “unir”, um	Entendo que o ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, valoriza uma “criação” efetivada durante sua gestão: o chamado Plano Real.

	para atender a interesses do seu partido (do presidente).	“olhando” para o outro, apoiando-se mutuamente.	
57 ES	Que o presidente Lula tem criado muitos ministérios sem necessidade, apenas para empregar os petistas, que é o partido do presidente.	Que o Brasil e Argentina devem trabalhar juntos pensando no mesmo sentido, já que são vizinhas e tem situação econômica parecidas.	Que houve uma evolução no país nos últimos 15 anos, economicamente.
58 ES	Que o Lula pretende manter seus aliados e companheiros de partido no poder, custe o que custar. Vale até criar empregos imaginários.	Homem e mulher são diferentes em todos os aspectos, mas foram criados para se completarem, para se unirem. Na frase, o autor se refere ao aspecto econômico, e diz que o crescimento acontece quando duas cabeças diferentes começam a pensar juntas e se respeitarem.	Em branco
59 ES	A frase de José Carlos faz uma	O presidente Lula faz menção à	O ex-presidente da república elogia o plano

	crítica à postura do presidente Lula que em seu governo tem favorecido os políticos do seu partido concedendo-lhes cargos.	criação divina (homem e mulher) para justificar a aproximação econômica entre o Brasil e a Argentina, países representados politicamente por um homem e uma mulher, respectivamente.	Real criado em seu governo.
60 ES	Eu entendi claramente que o deputado está criticando o presidente Lula por beneficiar pessoas de seu interesse.	Aqui, por estar na Argentina e falando com a presidente daquele país, Lula tenta ilustrar uma situação que favoreceria o crescimento econômico desses países.	Entendo que o ex-presidente do Brasil está insinuando que a estabilidade econômica pela qual o Brasil passa, deve-se em grande parte, ao seu governo.

Passemos, agora, a transcrição das respostas à questão 4.

Questão 4: Explique por que você entendeu isso.

Como no quadro anterior, transcrevemos as respostas que foram dadas aos três enunciados, simultaneamente.

Objetivo: Espera-se que o leitor aponte quais foram as marcas linguísticas ou contextuais que os auxiliaram no entendimento do enunciado.

QUESTIONÁRIO A

SUJEITO- número/ Grau de formação	RESPOSTA PARA O ENUNCIADO 1	RESPOSTA PARA O ENUNCIADO 2	RESPOSTA PARA O ENUNCIADO 3
1 EM	Porque já ouvi comentários do ministério da pesca, e entendi que o ministério das aves seria semelhante.	Em branco	Pelas palavras usadas no início da frase “não há comparação”.
2 EM	Porque realmente é a realidade que acontece no nosso país, existem muitos políticos ganhando muito dinheiro sem fazer praticamente nada em relação aos problemas do Brasil.	Eu entendo isso devido ao fato do homem e a mulher estarem juntos, como diz a frase, entretanto os dois possuem uma visão diferenciada, porque um olha para um lado e o outro olha para uma direção oposta.	Porque é difícil compararmos qualquer coisa em um intervalo de 15 anos. Fatalmente, algo vai mudar.
3 EM	Entendi isso porque foi criado em 98 o ministério da pesca no qual foram contratados mais de 100 pessoas, não sei se petistas, para ocuparem vários cargos.	Em branco	Entendi porque se trata de fatos ocorridos.

4 EM	No atual governo foram criados muitos ministérios e como o PT vem crescendo muito, logo, logo o Lula criará um ministério só para eles.	Comparando o texto com o crescimento econômico, deduzi que cada um tem suas próprias necessidades e com isso consomem de acordo com elas.	A busca pelo desenvolvimento do país acarretou muitas transformações.
5 EM	Quando alguém não está trabalhando está 'voando'. Com tanta gente pra empregar lula vai acabar gerando cargos sem fundamentos.	É necessário que homem e mulher entendam que são um e não dois, devem pensar juntos e não separados.	Houve um avanço, tanto na economia como na tecnologia, saúde e outras áreas.
6 EM	Em branco	Em branco	Em branco
7 EM	Acho que é uma brincadeira por causa de 'ministério das aves'	Sem mais detalhes fica difícil entender.	Entendi isso por causa da palavra 'comparação' que está na frase.
8 EM	Não sei se entendi direito, mas como está escrito 'com tanto petista pra empregar', acho que é uma crítica.	Por causa de algumas palavras da frase.	Entendi isso porque alguém disse que não há comparação entre o Brasil de hoje e o de 15 anos atrás.
9 ES	Em branco	Como eu senti falta de um contexto discursivo para a citação acima, fiz uma interpretação no nível textual mesmo.	Entendi isso considerando os frequentes rumores de que o Brasil atualmente é "a bola da vez".
10 ES	Como disse, não entendi. Mas,	Entendi assim porque a construção, ao falar de	Porque uma entidade, um ser, é sempre o

	recorrendo a outro instrumento lingüístico, isto é: substituindo 'petista' por 'psdebista', sabe-se que o símbolo do PSDB é o tucano, uma ave	crescimento econômico, aborda a relação homem-mulher.	mesmo. Podem ser mudados aspectos, partes, mas não o todo. Acredito que o objetivo do enunciador tenha sido dizer que o Brasil mudou muito nos últimos 15 anos.
11 ES	Entendi dessa forma porque o Lula quer colocar petistas (mesmo partido dele) para trabalhar.	Só entendi isso porque refere-se ao ponto de vista econômico, porque senão ia discordar completamente dessa frase.	Qdo se fala em comparação, existe um referencial (de hoje ou do passado, bom e/ou ruim) que nos permite tirar conclusões.
12 ES	A compreensão da frase é possível graças à reconstrução do percurso enunciativo, ao conhecimento prévio que temos das práticas políticas brasileiras e do já tradicional "cabide de empregos" típico no meio político brasileiro.	A compreensão foi possível graças à reconstrução do percurso enunciativo: frase proferida pelo Presidente Lula, referindo-se às dificuldades de relacionamento comercial entre Brasil e Argentina, em uma situação de debates sobre o tema.	Mais uma vez, a compreensão foi possível devido à reconstrução do percurso enunciativo.
13 ES	Porque os governantes veem a administração pública	Por que interpretei "Ipsis litteris"...	Por causa das mudanças que ocorreram durante esse tempo.

	como um cabide de empregos e precisam inventar órgãos para satisfazer aos seus interesses particulares.		
14 ES	Entendi assim porque o 'tom' parece de crítica.	Por causa das palavras da frase.	Por causa das palavras "não há comparação"
15 ES	Entendi isso porque alguém falou que há muito petista pro Lula empregar.	Não sei bem porque entendi isso. Li a frase literalmente.	Entendi isso porque alguém falou que não 'há comparação'
16 ES	Por que está escrito na frase que Lula criará o ministério das aves para empregar pessoas do seu partido.	Porque a frase fala em crescimento econômico.	Porque a frase fala em comparação.
17 ES	Tentei entender buscando elementos na frase. Como disse, a falta de um contexto dificulta o entendimento.	Sem um contexto, não consegui entender.	Porque está escrito na frase que não há comparação.
18 ES	Como disse, não entendi muito bem porque senti falta de mais explicação.	Porque há algumas palavras na frase que me fazem entender isso.	Entendi isso porque a frase fala de comparação.
19 EM	Porque achei esquisito criar um "ministério das aves" e por causa do 'tom' crítico.	Em branco	Porque está escrito 'não há comparação'

20 EM	Entendi isso porque o autor da frase fala “com tanto petista pra empregar”	Entendi isso por que o autor fala em crescimento econômico e da figura do homem e mulher juntos.	Simplesmente porque quem falou disse não há comparação, mas não especifica o que está comparando.
QUESTIONÁRIO B			
SUJEITO-número/ Grau de formação	RESPOSTA PARA O ENUNCIADO 1	RESPOSTA PARA O ENUNCIADO 2	RESPOSTA PARA O ENUNCIADO 3
19 EM	Pela criação excessiva de ministérios	Porque o objetivo é de caminharem (construírem) juntos	Por causa das conquistas dos aprimoramentos que foram alcançados hoje.
20 EM	Porque acompanhando as notícias, o andamento do nosso governo e lendo esta frase dá-se a entender assim.	É o que dá pra entender neste trecho e comparando com algumas leituras.	Na verdade, creio que FHC esteja equivocado. Muita coisa mudou. Houve crescimento sim.
21 EM	Porque o presidente também é um petista.	Não entendi. Não faz sentido essa comparação.	Uma afirmação de duplo sentido.
22 EM	Lendo apenas a frase, sem que haja um contexto, fica difícil um melhor entendimento dela. O que me deixa intrigado é o nome sugerido ao novo ministério “das aves”. Levando em conta que a crítica vem de um	Porque em relação a economia estamos grudados, ou seja, na mesma situação de desenvolvimento.	Porque o Brasil na atualidade atingiu níveis socioeconômicos incomparáveis com o apresentado no passado.

	deputado do DEM, antigo PFL, que é oposição ao governo de Lula, o nome do Ministério cairia melhor se fosse criado pra agraciar algum membro dos tucanos PSDB.		
23 EM	Entendi isso porque ele (o deputado) é de outro partido.	Não sei explicar como entendi isso.	Entendi isso porque foi o FHC que falou.
24 EM	Conhecimento prévio	Conhecimento prévio	Conhecimento prévio
25 ES	São tantos empregos que Lula continua inventando cargos, como foi feito no governo passado (partido de oposição) do PT, que também empregou muitos tucanos.	Tanto a mulher quanto o homem são capazes de melhorar a economia do país.	Porque durante o atual governo houve vários casos de corrupção envolvendo políticos do mesmo partido político do presidente atual.
26 EM	Porque cria-se ministérios para empregar os cabos eleitorais petistas	Não entendi quase nada	FHC quis dizer que depois de sua passagem pelo congresso o Brasil melhorou
27 ES	O presidente vem criando novos ministérios no intuito de atender a grande quantidade de petistas que esperam uma vaga onde se possa fazer	Realmente do ponto de vista geográfico, Brasil e Argentina são muito próximos. Mas aqui ele faz menção ao acordo que une Brasil e Argentina em busca do	Analisando o contexto histórico, em meados de 2009, a moeda atual (real) completou 15 anos. A sua implantação trouxe estabilidade e credibilidade tanto para a

	<p>pouco ou nada e lucrar muito.</p> <p>Para agradá-los Lula não tem medido esforços na criação de novos Ministérios, como Ministérios das Cidades, da Igualdade racial e por último, Ministério da Pesca. É inacreditável. Somente para esse último, foram abertos 2 centenas de cargos.</p> <p>Realmente, o próximo passo seria a criação do ministério das Aves, afinal ainda tem muitos petistas esperando uma boquinha.</p>	<p>crescimento econômico.</p> <p>Hoje a Argentina tem uma mulher na presidência, e Lula joga com isso, mencionando que Deus sempre coloca um homem e uma mulher lado a lado para se olharem. Isso se deve ao fato, de durante anos o Brasil olhar somente os EUA, a Europa e o Japão como possíveis aliados para o crescimento. Porém, agora Lula resolveu olhar mais perto, mais especificamente, ao lado e buscar na Argentina novas oportunidades de crescimento, não visando apenas trocas comerciais entre os países mas sim, uma América do Sul mais integrada com interesses e ideais comuns.</p>	<p>população quanto para o próprio país. Conforme mencionado acima, antes da chegada do Real, o Brasil vivia um boom caótico marcado por hiperinflação e planos que confiscavam poupanças. A insegurança dos brasileiros e dos investidores de todos os lugares era evidente. Não havia otimismo e nem perspectivas futuras. O Real trouxe maturidade econômica, credibilidade e desenvolvimento para o país. E isso é visível quando acompanhamos a trajetória do Real desde a sua criação até os dias atuais.</p>
28 ES	<p>Primeiro, tem a ver com as informações prévias que tenho (a quem é atribuída a frase, minhas leituras, as notícias que ouço,</p>	<p>Sei que quem está falando é o Lula e me lembro de ter visto essa frase na revista e na época de um encontro dele com a chefe de</p>	<p>A onda constante de valorização do governo Lula, através do reconhecimento das conquistas sociais, econômicas e políticas,</p>

	<p>o conhecimento sobre o funcionamento da engrenagem política). Segundo, porque o Ministério criado foi o da Pesca e já existem o das Minas e Energia, o do meio ambiente... Terceiro, o governo do presidente Lula tem sido marcado pela criação de ministérios e novos cargos onerando a máquina pública. Quarto, pelo modo como a frase está estruturada fica clara a ironia nela presente: em decorrência de x, y acontece. Semanticamente uma ação implica na outra. Tem uma decorrência clara de quem fala é um adversário político do presidente</p>	<p>estado argentina. Refere-se à aliança entre nossos governantes – Brasil e Argentina. Além da proximidade geográfica – países vizinhos - está fato relacionado, pois, tanto à questão geográfica (Brasil/Argentina; Homem/mulher), quanto ao fato de serem ambos os presidentes também de sexos opostos e, portanto, natural a relação – de flerte ou amorosa – entre os dois países. O campo semântico das palavras referencia a relação homem e mulher. Se você não conhecer o contexto de produção, mesmo sabendo quem é o Lula, pensaria que o assunto é mesmo o que o enunciado diz.</p>	<p>tem posto em destaque no cenário nacional e internacional a atual gestão do PT.</p>
29 ES	<p>Porque quem fala é de partido adversário do presidente Lula.</p>	<p>Sem conhecer o contexto fica complicado. Mas, vindo de Lula essa frase só</p>	<p>Mais uma vez, um partido de oposição quer ser reconhecido.</p>

		pode ter sido dita em um discurso.	
30 ES	Entendi isso porque sei que um ministério da pesca no seu governo e, a palavra “Aves” na expressão “Ministério das Aves” me fez pensar: “já que foi criado um ministério para os peixes, agora só falta, então, para as aves... e, assim, o presidente cria mais lugares para empregar seus aliados”.	Entendi isso devido à palavra “se” antes do verbo “ <i>olharem</i> ”, no final do trecho. Na pergunta “ <i>Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro?</i> ”, o verbo “ <i>olhar</i> ” aparece também (<i>olhando</i>), mas o “se” parece acionar a ideia de reciprocidade e parceria.	Entendi isso, principalmente, devido às palavras “não há comparação” e “quinze anos atrás” que destacam a diferença. O fato de “não haver” comparação pode indicar que a diferença é muito marcante.
31 ES	Acredito que o fato de um deputado de um partido de oposição ter dito faz com que seja uma crítica ou denúncia ao atual governo.	Não entendi porque Lula não disse coisa com coisa.	Porque o real foi criado no governo FHC e ele está dizendo dos 15 anos se sua criação.
32 ES	Pelo que está sendo dito “com tanto petista para empregar” e porque “ministério das aves” seria um ministério inventado para ser cabide de emprego.	Entendi porque quando ele fala “é para continuarem se olhando”, dá a entender que quando caminhamos juntos temos mais chances de crescer em qualquer sentido.	Porque a frase foi proferida pelo ex-presidente e porque ele fala que não há comparação entre duas épocas do Brasil.

33 ES	Não sei explicar porque entendi isso. Só sei que criar ministério das aves seria uma brincadeira.	Entendi depois de ler muitas vezes e tentar associar as palavras do presidente a alguma coisa relacionada a política.	Porque a frase foi dita por um político que é supostamente adversário do presidente atual.
34 ES	Porque criar um ministério das aves seria uma loucura	Não entendi	Porque Lula tem uma alta popularidade e para FHC os brasileiros devem valorizar o que foi feito no seu governo.
35 ES	Às vezes, é mais fácil usarmos metáforas para dizermos o que queremos. No caso ao falar que tem muito petista para empregar, o deputado está dizendo que Lula vai arrumar lugar para mais petistas.	Não entendi o que ele quis dizer com “homem, mulher”, “Deus” e ainda relacionou isso a crescimento econômico. O que Deus tem a ver com isso?	Provavelmente porque há 15 anos quem estava no poder não era o Lula.
36 ES	Porque no Brasil sempre houve e haverá disputa entre partidos opostos	Não sei se entendi, mas ao falar em homem e mulher a gente entende algo relacionado a união.	Entendi isso porque FHC é um grande político e um dos grandes responsáveis pelo crescimento do país.
37 ES	Devido ao histórico de corrupção do governo Lula	Em branco	Porque sei que o plano real foi uma criação de FHC enquanto ministro da economia
38 EM	Entendi isso devido aos grandes escândalos que	Porque Lula é conhecido pelos seus discursos em que ele	Porque foi o que li na frase.

	envolveram o governo Lula e principalmente devido ao fato de partidos de oposição quererem denunciar.	usa palavras que sejam de fácil entendimento.	
39 ES	Por causa de ministério das aves.	Quando ele diz que não é só para se olharem e sim caminharem juntos.	Porque Fernando Henrique é um político vaidoso.
40 EM	Porque a prática de nepotismo no Brasil é muito forte	Porque ele fala que é para “caminharem juntos”	Entendi isso porque sei que o ex-presidente foi o que iniciou o plano real e conseqüentemente trouxe estabilidade para o Brasil.

QUESTIONÁRIO C

SUJEITO-número/ Grau de formação	RESPOSTA PARA O ENUNCIADO 1	RESPOSTA PARA O ENUNCIADO 2	RESPOSTA PARA O ENUNCIADO 3
41EM	Minha compreensão se dá através do tom sarcástico do interlocutor ao revelar que Lula criará até um ministério para as aves, o que é desnecessário quando se tem ministérios relacionados a agricultura e pecuária no país.	Pela forma que o presidente expõe sua idéia. Pelo prospecto de que seria bom para o país ter um aliado econômico forte na America Latina.	Pelas palavras explicitadas pelo ex-presidente e por saber que antes do plano real o Brasil enfrentava grandes dificuldades financeiras.
42 EM	Porque após o	Não entendi muita	Porque antes do real a

	comentário do deputado é explicado que foi criado um ministério da pesca, dando a entender que foi sem necessidade e sim por interesse.	coisa, mas pelo texto parece que há uma adversidade por parte da presidente Argentina.	moeda era instável, não atraindo investidores.
43 EM	Porque o deputado como oposição esta no seu papel de criticar as decisões do governo.	Porque me pareceu que a presidente argentina olhava com desdém e com superioridade a parceria entre os dois países.	Porque com a introdução do plano real, a economia brasileira se estabilizou.
44 EM	Porque devido as várias alianças partidárias que ocorrem no meio político o governo vai criando estratégias para manter os laços e o seu próprio fortalecimento.	Em branco	Porque não é possível haver comparação quando há só um elemento, no caso o real.
45 EM	Porque o deputado pertence a um partido de oposição, logo ele vai criticar o governo.	Porque ele (Lula) estava na Argentina, falando com a presidente daquele país.	Porque o ex-presidente está falando dos 15 anos do real.
46 EM	Entendi isso porque o deputado é oposição e usa um tom de ironia.	Acho que o fato de Lula ter falado essa frase já explica muita coisa, ou seja, não dá pra entender quase nada	Entendi isso porque foi o FHC que falou. Então, ele vai querer puxar sardinha para sua lata.
47 EM	Porque Lula criou o ministério da pesca e deve ter empregado	Não sei por que entendi isso. Acho que foi pelo que li depois da frase.	Entendo assim porque como o ex-presidente estava falando da criação

	muitos do seu partido. Então, o deputado usa esse fato para criticar o presidente.		do real, feita no governo dele, ele só podia estar alfinetando o Lula
48 EM	Porque 'ministério das aves' vai ser tão inútil quando ministério da pesca.	Por causa de 'crescimento econômico' e homem e mulher grudados'. Achei esquisito, mas depois que li quem falou e onde ele estava, acho que entendi.	Porque o plano real foi criado no seu governo.
49 EM	Porque o deputado é irônico ao falar que Lula vai criar o ministério das aves.	Não sei se entendi. Acredito que ao falar em homem e mulher, em economia, Lula quis fazer alguma associação.	Porque a frase foi falada pelo ex-presidente da república, em comemoração ao real.
50 EM	Entendi que o deputado critica Lula porque ele usa a ironia.	Só entendi que Lula tenta dizer alguma coisa relacionada a economia, mas na verdade ele não consegue ser claro porque usa muitas metáforas.	Porque FHC diz a frase quando o real que foi criado no seu governo, faz 15 anos.
51 ES	Devido as informações que vem logo após o pronunciamento do deputado de que foram criados 2 centenas de cargos em um novo ministério.	Porque está escrito que ele estava 'defendendo a união dos dois países'.	Porque a frase foi dita pelo ex-presidente em comemoração aos 15 anos do real. Além disso, é interesse da revista mostrar que o mérito não é só do Lula.

52 ES	<p>Esse entendimento se baseia na percepção do sentido irônico da frase. Com base no contexto político em que ela é proferida, os espaços criados pelas expressões “tanto petista para empregar” e “Ministério das aves” se articulam respectivamente como ‘quantidade’ e ‘local’, porém esse local não é um lugar qualquer, é um Ministério das AVES, que remete ironicamente a um poleiro, o que se configura como uma crítica ao governo Lula.</p>	<p>A palavra ‘grudados’ repete à proximidade, que é reforçada pela analogia ‘homem e mulher JUNTOS’. Essa analogia também faz referência à relação homem / mulher, que deve ser de cumplicidade, amizade; atributos almejados para a relação Brasil e Argentina. Nestes espaços, a relação homem e mulher são espaços em que se deve colocar Brasil e Argentina.</p>	<p>Nesta frase, dois espaços temporais são criados e contrastados, na tentativa de se mostrar a situação do país (ontem x hoje). A expressão ‘quinze anos atrás’ remete a um momento em que FHC estava no poder (socioculturalmente sabido) e é o gancho para dizer que o Brasil de hoje é bom porque algo foi feito há 15 anos atrás, na época de FHC.</p>
53 ES	<p>No setor público, quando uma pessoa trabalha pouco ou se esquivava do trabalho é comum as pessoas dizerem que elas estão voando. Logo, haveria muitas aves, muitas pessoas voando no referido governo.</p>	<p>Porque, nesse contexto, crescimento econômico, dois países vizinhos não podem ficar como um homem e uma mulher que possuem horizontes distintos, têm que se olhar com um objetivo comum e benéfico aos dois.</p>	<p>Embora eu não concorde com a afirmação que fiz, penso que era esse o teor da afirmação feita pelo Ex presidente, afinal, sua argumentação deve ter a intenção de colocar sua administração num patamar superior à do atual presidente, que não deixa de ser seu rival</p>

			político. Ou seja, minha interpretação nasce do meu conhecimento em torno das pessoas envolvidas no processo, bem como de alguns fatos históricos.
54 ES	Conheço a revista, o comentário posterior à citação e os dados fornecidos a respeito do deputado em questão ajudam a captar o conteúdo latente de ironia.	Impossível desconsiderar o tom irônico do comentário posterior à citação. Além de levar em conta esse conteúdo irônico, tentei perceber a possível ligação entre as imagens de caráter moral e religioso que o presidente compôs e o contexto político que, atualmente, envolve as relações comerciais do Brasil com a Argentina.	Há duas possibilidades. Apesar das diferenças políticas que o ex-presidente e o governo atual detêm, não acho que Fernando Henrique tenha feito uma comparação valorativa, querendo dizer que o Brasil de antes era melhor que o de hoje. Entretanto, para ter certeza, eu precisaria ler a matéria, já que a frase me ofereceu duas leituras.
55 ES	Ancorei minha interpretação da frase em elementos textuais, como “tanto petista” e no nome absurdo proposto para o ministério que seria criado (“Ministério das Aves”). A interpretação	A inadequação ao contexto pode ser percebida na fala do locutor, mas a ironia é revelada por meio da expressão “olhar lânguido”, que se refere à informação contextual que descreve o olhar da	Por meio das informações fornecidas após a frase, que identificam o locutor FHC e o contexto de proferimento da frase (“falando sobre os quinze anos de criação do Real”) pude interpretar que o

	<p>também foi ancorada em elementos contextuais: as informações sobre o locutor da frase, tais como o partido a que pertence (um partido de oposição ao PT), bem como a expressão numérica “duas centenas”, que aponta um número alto de cargos e o nome do Ministério (Ministério da Pesca), pois há um jogo irônico entre este nome e aquele sugerido pelo deputado (Ministério das Aves).</p>	<p>presidente da Argentina: Lula é exposto ao ridículo, pois há uma sobreposição de sentidos, devido à informação contextual. A “mulher” do discurso de Lula pode ser a “Argentina” ou a “Cristina”, que pode até mesmo ser interpretada como “amante”, devido ao adjetivo “lânguido”, que descreveria o seu olhar.</p>	<p>locutor está elogiando o Real, pois foi ele quem criou o Plano. Caso a informação contextual não fosse fornecida, a frase poderia ser interpretada de maneira oposta, o que geraria uma ambiguidade na interpretação (elogio ou crítica?).</p>
56 ES	<p>Entendo isso porque o político do DEM-BA diz que o presidente precisará criar o Ministério das Aves, aludindo ao símbolo do PT (partido do presidente), a ave – acho que é isso mesmo, além das estrelas vermelhas. Além disso, a partir do que se observa na informação da Revista Veja, há um</p>	<p>Entendo isso porque o presidente, valendo-se de suas famosas comparações metafóricas, diz que os dois países precisam se “olhar”, assim como o homem e a mulher que estão lado a lado (segundo ele, resultado de um desejo divino). Parece haver, ainda, por parte da Revista Veja, uma espécie de</p>	<p>O ex-presidente está querendo valorizar o Plano Real, que foi criado durante sua gestão como presidente da República. Ao dizer que “Não há comparação entre o Brasil de hoje e o Brasil de quinze anos atrás”, o político confronta duas realidades – do passado e do presente – certamente valorizando a realidade “criada” em seu</p>

	trocadilho com “duas centenas de cargos abertos no recém-criado Ministério da Pesca” (versus Ministério das Aves).	ironia alusiva a esse fato quando se atribui à presidente da Argentina um “olhar lânguido” enquanto ouve o presidente Lula fazer a tal comparação.	governo. Além disso, há uma informação (expressa pela Revista Veja) de que ele fala sobre os quinze anos (relação com o tempo) de “existência” do Real: embora ele afirme não haver comparação, o efeito de sentido é exatamente o de que há uma comparação.
57 ES	Porque o deputado federal fez uma analogia do ministério da pesca com um suposto ministério das aves para criticar o Lula.	Porque tem a explicação de quem veio (Lula) onde ele estava (Argentina) e com quem ele estava (a presidente Argentina).	Pois tem a explicação de quem é a frase e sobre o que o Fernando Henrique estava falando.
58 ES	Entendi isso por causa da expressão criar Ministério das aves.	Porque o autor pergunta e ele mesmo responde: para se olharem.	Em branco
59 ES	Ao criar novos ministérios, há um aumento no número de cargos disponíveis, e o presidente favorecerá os políticos de seu partido para ocupá-los. E ainda, a criação de novos ministérios talvez se justifique pela existência de muitos	Ao fazer menção à criação o presidente Lula defende a idéia de que juntos Brasil e Argentina se tornam mais fortes economicamente.	Comparado a outros planos econômicos adotados no Brasil, o plano Real foi o plano de maior sucesso. Conseguiu diminuir consideravelmente os altos índices de inflação mudando assim as características econômicas que

	petistas 'sem emprego'.		dominavam até então no país.
60 ES	Porque ao dizer falando 'das duas centenas de cargos abertos', o deputado insinua que Lula está trabalhando em seu próprio benefício.	Pelas informações trazidas logo após o pronunciamento do presidente.	Também o que me ajudou foi saber que o ex-presidente falou a frase em comemoração aos 15 anos da criação do plano real.